

Além dos Muros da Universidade

ALEMUR

ISSN: 2447- 8091

Revista do NuCát
Volume 1, Número 1, 2016



Além dos Muros da Universidade

ALEMUR

Revista do NuCát

V.1 N.1 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

REITOR

Marcone Jamilson Freitas Souza

VICE-REITORA

Célia Maria Fernandes Nunes

Além dos Muros da Universidade

A revista do NuCat, Além dos Muros da Universidade, UNESCO-UFOP, publica contribuições originais (e artigos de revisão) de docentes, discentes e técnicos-administrativos.

Editor Principal (*Principal Editor*)

Vera L.M. Guarda
Núcleo da Cátedra UNESCO: Água, Mulheres e Desenvolvimento
Escola de Farmácia – UFOP
Rua Costa Sena, 171
Ouro Preto, MG, CEP 35.400-000, Brasil
nucleodacatedra@gmail.com

Editores Associados (*Associate Editors*)

A.L. Andrade DEQUI - UFOP Ouro Preto, MG, Brasil	F.V. de Moura DECEG - UFOP Mariana, MG, Brasil	K.A. Santos DETUR - UFOP Ouro Preto, MG, Brasil
--	--	---

Além dos Muros da Universidade. – v.1, n. 1 (2016). – Ouro Preto: NuCat, 2016-.

v.

Anual

Editor: Vera Lúcia Miranda de Guarda.

ISSN: 2447-8091

1. Extensão universitária – Periódicos. I. Guarda, Vera Lúcia Miranda de.
II. Universidade Federal de Ouro Preto. Núcleo da Cátedra UNESCO: Água, Mulheres e Desenvolvimento.

CDU: 378(05)

Catálogo: www.sisbin.ufop.br

Conselho de Editores (*Editorial Board*)

Prof. Dr. Carlos Alberto Pereira
Profª. Dra. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão.
Prof. Dr. Luiz Fernando de Medeiros Teixeira
Profª. Dra. Vanja Maria Veloso

Além dos Muros da Universidade – Revista anual editada pela Cátedra UNESCO: Água, Mulheres e Desenvolvimento, entidade reconhecida como Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFOP, fundada em 12 fevereiro de 2012.
Endereço: Rua Costa Sena, 171
(E-mail da revista): nucleodacatedra@gmail.com

Revisora: Rosângela Zanetti

Projeto Gráfico: Núcleo de Projetos Gráficos

Capa: Tuila Dias Freitas / Portal de Periódicos Eletrônicos da UFOP / SISBIN

- Toda correspondência destinada à revista *Além dos Muros da Universidade* deve ser endereçada ao Editor Principal.
- Os trabalhos técnicos publicados pela revista *Além dos Muros da Universidade* são de total responsabilidade dos autores. Artigos assinados não expressam necessariamente a opinião da publicação ou do NuCat.

Acesso online: <http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/alemur/>

SUMÁRIO

Cultura, educação e arte para crianças: formação de cidadãos	5
Espaço social destinado ao exercício e à difusão da leitura, cultura e cidadania	15
15 anos de extensão na Engenharia de Minas	25
A extensão na Universidade Federal de Ouro Preto	40
Fabricação de sabão: uma forma de conscientização, geração de renda e inclusão social	46
Resultados preliminares sobre a economia solidária em Minas Gerais no ano de 2013	54
O mestre canteiro Juca: caminhos de uma pesquisa e extensão na Universidade Federal de Ouro Preto	60
Empreendedorismo social em projetos de extensão universitária: estudo de caso – análise das etapas de elaboração do projeto da Cátedra Unesco para o Prêmio Santander Universidade Solidária 2013.	73
Da economia solidária à formação crítica em administração: um relato de experiência pedagógica	88



DIRETORIA

Presidente

Dra. Vera Lúcia M. de Guarda
UFOP

Vice-Presidente

Dra. Ângela Leão Andrade
UFOP

Diretor Administrativo-Financeiro

MSc. Fábio Viana de Moura
UFOP

Diretor de Publicações

Dra. Vanja Maria Veloso
UFOP

Diretor de Comunicação

Dra. Carolina M.S. A. Maranhão
UFOP

Diretor de Eventos

Dra. Kerley dos Santos Alves
UFOP

Diretor de Assuntos Especiais

Prof. Luiz Fernando M. Teixeira
UFOP

Diretor das Comissões Técnicas

Dr. Clécio Magalhães
UFOP

Editorial

A Revista ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE é uma publicação interdisciplinar do NuCat - Núcleo da Cátedra UNESCO: Água, Mulheres e Desenvolvimento, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Seu objetivo é a comunicação científica com foco em programas, projetos ou ações de pesquisa/extensão.

O Núcleo da Cátedra UNESCO: Água, Mulheres e Desenvolvimento foi criado em fevereiro de 2012, para abrigar os trabalhos de pesquisa, ensino e extensão da Cátedra UNESCO, que foi estabelecida na UFOP desde 2006, quando foi assinado o Acordo UNESCO-UFOP, na cidade francesa de Cannes, durante o Simpósio Internacional de águas.

A extensão compreendida como um dos pilares da formação universitária, juntamente com a pesquisa e o ensino, busca interagir com diferentes atores e atores da sociedade, fomentando, por meio dessa ação, a formação humanística e social de seus alunos e proporcionando à sociedade, principalmente, aquela do seu entorno, de usufruir do conhecimento e dos saberes produzidos pela Universidade, para o bem comum de todos os cidadãos.

Por meio de artigos científicos, Comunicações curtas e Relatos de experiência inéditos, a Revista do NuCat: Além dos Muros da Universidade vem proporcionar uma

forma de socializar os resultados de programas, projetos e ações de pesquisa e extensão, criando assim uma interlocução com a comunidade ao divulgar essas ações.

Prof^a. Dra. Vera Lúcia M. Guarda

É com prazer que, nessa primeira edição da Revista do NuCat: *Além dos Muros da Universidade*, publicamos um número especial dedicado ao I Simpósio de Economia Solidária (I SES), realizado em Mariana (MG).

O I Simpósio de Economia Solidária, idealizado por uma equipe interdisciplinar da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, teve como objetivo principal apresentar trabalhos de diferentes iniciativas apoiadas pela Pró-Reitoria de Extensão da UFOP, a fim de valorizar e fortalecer o saber popular e de potencializar a captação de renda social em comunidades mais carentes. Uma das principais questões levantadas foi, apesar desse grande apoio da Universidade, por que tais iniciativas resistem a uma série de dificuldades pontuais que as impedem de entrar no mercado. Portanto, o I Simpósio de Economia Solidária foi planejado em uma tentativa de elucidar alguns desses problemas.

O Simpósio aconteceu na cidade de Mariana, com apoio da UFOP da Prefeitura de Mariana e da Samarco Mineradora, no dia 18 de junho de 2015. Contou com a participação das associações vinculadas a projetos da

Universidade, de alunos e professores, além de pessoas da comunidade. Foram realizadas palestras, rodada de negócios, mesas-redondas e apresentação de trabalhos em pôsteres. Durante todo o evento, foram analisados os desafios enfrentados pelos atores na construção dessa economia de base popular e discutidas as metodologias utilizadas nesse processo. Os problemas identificados foram tratados de forma conjunta pelos grupos de trabalho por meio de troca de experiências.

No final do evento, ocorreu uma feira para exposição e comercialização dos trabalhos dos participantes. O Simpósio configurou uma atividade importante não apenas para os produtores, que divulgaram e venderam seus produtos, mas também para os alunos envolvidos na organização, haja vista que entraram em contato tanto com a parte de organizar um evento, quanto com a parte comercial, o que contribuirá muito para a sua formação. Foi evidenciada a orientação dos docentes que compõem a equipe multidisciplinar, pensando questões que envolvem: estética e apresentação dos produtos, divulgação, comunicação oral e escrita, organização do evento, cooperativismo, cálculo de preço de custo e preço final, técnicas de produção, boas práticas de manipulação, dentre outros aspectos.

Prof^a. Dra. Ângela Leão Andrade

CULTURA, EDUCAÇÃO E ARTE PARA CRIANÇAS: FORMAÇÃO DE CIDADÃOS

Amanda Rios, Francielle Câmara Nogueira, Marcela Araújo, Carlos Alberto Pereira

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG
pereira@demin.ufop.br

Resumo

O projeto, há 14 anos, integra comunidade acadêmica, professores, alunos e sociedade por meio de oficinas de arte cantaria e atividades semanais de ensino com crianças. Em 2014, vinte alunos de três escolas públicas de Ouro Preto, com média de idade de onze anos, selecionados pelas próprias instituições no início do ano letivo para participarem do projeto. As atividades foram ministradas por graduandos de história, engenharia de minas, ciências do alimento, no Departamento de Engenharia de Minas, campus UFOP, às terças e quintas-feiras, com duração de duas horas cada. Paralelamente às escolas, o projeto teve como objetivo proporcionar um contato das crianças com o mundo, desconhecido por muitos, da Universidade e despertar nelas a vontade pela construção do conhecimento. O projeto ofereceu também aos participantes reforço escolar, aulas de leitura, escrita e interpretação, contribuindo para alfabetização e melhoria no desempenho escolar. A interação com os alunos de escolas públicas da região trouxe à tona os diversos problemas e soluções enfrentados pelos educadores e famílias. Tal interação expôs ainda outra dificuldade enfrentada na educação brasileira, mas, dessa vez pelos bolsistas e membros do projeto. Os resultados foram: humanização das relações em âmbitos acadêmicos, formação de profissionais com consciência cidadã, melhoria no desempenho escolar das crianças, divulgação do patrimônio material de Ouro Preto.

Palavras-chave: educação patrimonial, responsabilidade social, formação discentes, Ouro Preto.

Abstract

The project for 14 years integrates academic community, professors, students and society through workshops of monumental art and weekly activities for teaching with children. In 2014, twenty students from three public schools of Ouro Preto, with an average age of 11 years old, were selected by their own institutions at the beginning of the school year to participate in the project. The activities were taught by students of history, mining engineering, food Science. The classes were in the Department of mining engineering, at university of Ouro Preto at Tuesday and Thursday, with duration of 2 hours each. In addition to schools, the project aims to provide a children's contact with the unknown world of University and awaken in them the desire for knowledge construction. The project also offers to participants:

school reinforcement, teaching reading, writing and interpretation, contributing to literacy and improvement in school performance. The interaction with students of public schools in the region back to the fore the various problems and solutions faced by educators and families. Such interaction exposes yet another difficulty faced in Brazilian education, but this time by members of the project. The results were: humanization of relations in academic areas, training of professionals with citizen awareness, improved school performance of children, dissemination material heritage of Ouro Preto.

Keywords: patrimonial education, social responsibility, training students, Ouro Preto.

INTRODUÇÃO

A atividade de extensão representa um elo entre o social e o institucional (ensino e pesquisa) tendo como característica a difusão de conhecimento por meio de reflexões de temas comuns à comunidade, trabalhando em pontos de interseção entre a Universidade, necessidades políticas, econômicas e sociais. Tal atividade deve ser tida como elo de equilíbrio entre demandas sociais e trabalho acadêmico (Política Nacional de Extensão [PNEX], 2012).

No Brasil, as atividades extensionistas coincidem com o início do ensino superior. Tendo se manifestado primeiramente através de cursos e conferências, em 1911, na antiga Universidade de São Paulo, sob influência inglesa e por serviços realizados em 1920 pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, sob influência americana.

Em 1966, já após a instalação da ditadura militar no país, três iniciativas importantes foram tomadas. A primeira foi a criação do

Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC). A segunda foi o Projeto Rondon, propiciando aos jovens universitários brasileiros importantes experiências ao lado das comunidades rurais, expandindo seus olhares para horizontes mais amplos e visando melhorar as condições de vida das populações rurais. A terceira iniciativa tomada foi a promulgação da Lei nº 5540/68, a Lei Básica da Reforma

Universitária, estabelecendo, no seu Artigo 20, que “... as universidades e as instituições de ensino superior estenderão à comunidade, sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes” e instituiu também a Extensão Universitária, frisando, em seu Artigo 40, que, através das atividades de extensão, as instituições de ensino superior proporcionariam a seus discentes a participação no processo geral de desenvolvimento bem como a oportunidade de participação em programas de melhoria das condições de vida da comunidade (PNEX, 2012).

Atualmente, o Brasil possui uma Política Nacional de Extensão Universitária, criada em 2012 pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX), resultado de discussões prévias sobre o Plano Nacional de Extensão de 1999.

A formação de um profissional cidadão é um desafio diário e se mostra extremamente importante para a sociedade. A capacidade de pensar não somente no material, mas também no imaterial e, por muitas vezes, a capacidade de expressar-se e transferir o conhecimento são habilidades cobradas de um profissional no mercado de trabalho, mas nem sempre são trabalhadas com ele ao longo da graduação.

Ouro Preto e a arte cantaria

Rodeada de montanhas e localizada no estado de Minas Gerais, a histórica cidade de Ouro Preto originou-se com a gregação de diversos garimpos de ouro. Em razão da importância econômica à época e do número de jazidas na região, Vila Rica, como foi chamada, foi designada, em 1720, capital da Capitania de Minas Gerais.

A cidade conta com características arquitetônicas marcantes, oriundas dos séculos XVIII, XIX e XX (Silva, Fernandes, Pereira, 2003), que ainda são preservadas, e boa parte da arquitetura religiosa e civil, além das fortes expressões artísticas e seu

traçado urbano colonial. Devido a essas características, Ouro Preto foi declarada Monumento Nacional em 1933 e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, em 1938. Anos depois, em 1980, foi declarada como Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a UNESCO.

A arte cantaria é uma arte do conjunto arquitetônico de Ouro Preto e faz-se presente em diversos pontos da cidade. Entende-se por cantaria, a pedra aparelhada geometricamente ou lavrada em formas geométricas, utilizada na construção de edifícios, além de fachadas, chafarizes, pontes e até mesmo cantos de casas. As rochas utilizadas são hematita, conhecida como pedra-sabão, quartzito e ainda quartzito cloritaxisto.

A pedra era trabalhada e transformada em arte pelos mestres canteiros, e o conhecimento era passado de geração a geração (Luz, 2003). As mudanças na sociedade fizeram com que o ofício de canteiro fosse pouco a pouco se dispersando. E embora Ouro Preto traga ainda muitos traços da arquitetura colonial, não se pode deixar de ressaltar que ações humanas de degradação, pichação e vandalismo têm atingido partes históricas da cidade, colocando em risco a sua preservação.

Falta, por parte da população, sensibilização sobre a importância e o valor da história encontrada na

cidade e os registros do passado em suas vidas. As pessoas não se sentem parte dessa história pelo fato de não ter sido construída por elas. A construção de uma relação de pertencimento entre as novas gerações e o patrimônio da cidade mostra-se necessária, visto que elas poderiam, de forma mais prazerosa, sentir-se parte da história deixada por seus antepassados (Silva et al., 2003).

O contexto Universidade x Cidade x Extensão

A Universidade Federal de Ouro Preto foi fundada por meio da junção das tradicionais Escola de Farmácia e Escola de Minas, em 21 de agosto de 1969. Inicialmente com poucos cursos, hoje a Universidade conta com 42 cursos de graduação e 33 de pós-graduação. São mais de 15 mil alunos, 800 professores e cerca de 800 técnicos-administrativos (Universidade Federal de Ouro Preto [UFOP], 2015). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2014), a população estimada da cidade de Ouro Preto é de 70.281 habitantes, demonstrando a importância da Universidade na cidade.

As atividades de extensão na Universidade Federal de Ouro Preto tiveram início somente onze anos após a fundação da Instituição. No ano de 1980, o programa “Escritório-Piloto dos Estudantes”, desenvolvido por alunos dos cursos de engenharia, ajudou na construção de casas para

famílias afetadas pela forte chuva que atingiu Ouro Preto em 1979. Já, no ano de 2013, a Instituição contou com 140 projetos de extensão (Pereira, Carvalho, Nogueira, 2014).

O projeto Cantaria, há 15 anos, vem integrando comunidade acadêmica e sociedade por meio de oficinas de arte cantaria e atividades semanais de ensino com crianças, visando manter viva a arte cantaria, desenvolvendo a conscientização patrimonial de crianças, jovens e adultos que vivem em Ouro Preto e resgatando o conjunto de técnicas tão comum à época em que a cidade ainda era conhecida como Vila Rica.

Participando do programa ProExt MEC/2013, do governo federal, e contando também com apoio da Fundação Gorceix e da Universidade Federal de Ouro Preto, o Projeto Educação e arte para crianças encontra, nesses parceiros, o financiamento necessário para realização e manutenção das atividades.

Nos primeiros anos do projeto, o trabalho desenvolvido foi de ensino da arte cantaria a crianças e adultos por meio das oficinas com mestres canteiros. Característica marcante da arquitetura barroca mineira, mesmo sendo muito presente nas construções históricas e no cenário ouro-pretano, o ofício corria o risco de ser esquecido (Pereira et al., 2004). Os participantes compareciam às oficinas ministradas no *campus* da Universidade. Com o passar do tempo, surgiu a vontade de aproximar ainda mais as crianças do

convívio universitário. Assim iniciou-se o trabalho junto às escolas públicas da cidade por meio do projeto “Educação e Arte para Crianças”, que atende crianças carentes da comunidade, oferecendo aulas complementares ministradas por alunos da Universidade (Carvalho et al., 2009).

METODOLOGIA

Em 2014, o foco maior foi na área de educação. O programa “Educação e Arte para Crianças” recebeu vinte e cinco alunos de três escolas da rede pública de ensino de Ouro Preto. Com média de idade de onze anos, os estudantes foram selecionados pelas próprias instituições no início do ano letivo e puderam participar das atividades complementares do Projeto Cantaria. Ao longo do ano, foram vinte e cinco encontros com duração de duas horas cada um. Os temas discutidos nos encontros abrangem diferentes áreas do conhecimento, como informática, história, português, matemática, biologia, química, artes, cultura, lógica, lazer, meio ambiente e atualidades. Destaca-se, nesta linha do projeto, a multidisciplinaridade das atividades desenvolvidas.

Quanto aos colaboradores, cinco estudantes de graduação trabalharam diretamente com o programa, além de uma aluna de mestrado e um professor responsável. Como característica marcante dos discentes participantes tem-se a integração de diferentes domínios em torno de um

mesmo objetivo. O projeto contou com estudantes de História, Engenharia de Minas, Ciência e Tecnologia de Alimentos e Engenharia Geológica. Além disso, os alunos eram de diferentes períodos, o que facilitou a troca de experiências e conhecimentos entre colaboradores que, muitas vezes, encararam a atividade extencionista com visões distintas.

O trabalho se deu ao longo do ano de 2014, apresentando duas fases distintas. A primeira, de seleção dos discentes e estruturação das atividades e, a segunda, de contato direto com a comunidade.

No primeiro instante, colaboradores e coordenador reuniram-se para traçar os objetivos do ano corrente, elaboraram-se os planos de aula, os temas a serem trabalhados com as crianças e delinearam-se as atividades a serem desenvolvidas. Durante esse período, a troca de conhecimentos professor/aluno e também aluno/aluno foi intensa na estruturação das atividades.

Logo após, os alunos selecionados pelas próprias escolas foram chamados ao convívio da Universidade para a realização das atividades.

Paralelamente às escolas, o projeto teve como objetivo proporcionar um contato das crianças com o mundo desconhecido da universidade e despertar neles a vontade pela construção do conhecimento.

Em continuação aos trabalhos realizados em 2013, o projeto ofereceu também aos participantes reforço escolar, aulas de leitura, escrita e interpretação, contribuindo para alfabetização e melhoria no desempenho escolar.

No que diz respeito à arte cantaria e às atividades de apropriação cultural, as atividades foram realizadas de acordo com a tabela abaixo, seguindo características do projeto expostas por Silva et al. (2003):

Quadro 1: Etapas do Projeto Educação e Arte para crianças.

Etapas	Recursos/Atividade	Objetivos
Contato	Apresentação do tema Cantaria por meio de curtas palestras, ferramentas e <i>banners</i> (contendo imagens de monumentos privilegiados pela cantaria).	Trabalhar o tema e a importância do patrimônio cultural. Ter capacidade de identificação visual do tema e dos objetos contidos nos <i>banners</i> .
	Divisão da sala em dois grupos, sem critérios de gênero, para realizar jogos de identificação dos objetos representados nas imagens e perguntas sobre a cantaria e o patrimônio. Premiando de forma diferenciada os dois grupos.	Estimular um ambiente saudável de competição, sem distinção de gênero e o estigma de vencedores e vencidos.
Estimulação	Visita orientada pelos bolsistas e oficiais canteiros à Oficina da Escola de Cantaria.	Fixar as informações. Vivenciar o contato com os materiais, as ferramentas e a prática do ofício.
	Noções básicas de segurança, apresentação dos tipos de ferramentas usadas e as rochas existentes na região. É hora de brincar: cada criança recebe óculos de proteção, uma ferramenta e, com mais quatro colegas, escolhem um tipo de rocha para esculpirem o que quiserem, tudo sob orientação de um bolsista ou oficial, para cada grupo de cinco crianças.	Aprender a se relacionar com as formas tradicionais de saber e fazer. Valorizar o trabalho do artesão. Trabalhar em conjunto com a equipe.
Percepção	Realização de um passeio, previamente estabelecido, em determinadas ruas do centro histórico ou em locais próximo da escola ou bairro para contemplar a cantaria.	Identificar objetos, sua função e significado no espaço urbano. Desenvolver a percepção visual e simbólica da cantaria nos bens.
	Exploração dos locais visitados, complementando informações e/ou levantando questionamentos a respeito das condições de preservação do patrimônio.	Reapropriar esses locais como espaços de fortalecimento da identidade cultural individual e coletiva.

Apropriação	<p>Elaboração de um roteiro da cantaria em Ouro Preto, segundo os critérios definidos pela turma. Pode-se, como alternativa ao roteiro, apresentar textos literários, colagens, pinturas, desenhos, música, escultura, peça teatral e vídeos.</p> <p>Divulgação dos trabalhos nas escolas para a comunidade e a realização de um evento para premiação das turmas que participaram.</p>	<p>Envolver afetivamente com o uso, conservação e preservação do patrimônio cultural apropriado.</p> <p>Desenvolver a capacidade de autoexpressão.</p> <p>Propor participação dos pais e comunidade no processo de valorização do bem cultural.</p> <p>Envolver a comunidade no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural local, estabelecendo um efeito.</p>
-------------	---	--

Nas aulas de história, tratou-se da história de Ouro Preto, sua importância no cenário nacional e mundial, as características da arte cantaria, e também abordou-se a questão da apropriação patrimonial, visto que, apesar de viverem em uma cidade rica de histórias, nem todas as crianças se sentem parte dessa importante história. Buscou-se resgatar, através do contato das crianças com suas famílias, histórias antigas e hábitos que os avós e antepassados tinham, salientando a importância dessa assimilação cultural.

Com aulas interativas de literatura, tentou-se despertar o hábito da leitura, ampliando o vocabulário das crianças e buscando melhorias nas capacidades de fala em público, ao mesmo tempo em que aumentou-se a gama de palavras conhecidas e a capacidade de interpretar textos de uma forma mais crítica, que não somente o modelo leitura-repetição.

Foram ministradas aulas sobre ecologia, aquecimento global e a

importância do meio ambiente. Para ampliar a visão dos alunos sobre o tema, atividades em sala de aula foram mescladas com atividades de campo, quando os alunos puderam experimentar novas maneiras de aprendizado.

As aulas de língua estrangeira foram preparadas pensando em proporcionar às crianças uma segunda língua, estudando não só a língua, mas também a cultura por trás do idioma. Elas puderam aproximar-se mais desse assunto (novo para alguns), e que, porém, chama a atenção principalmente por não ser tão trabalhado nas escolas públicas do país, deixando o Brasil atrás de outros países que já trabalham o segundo idioma desde a educação infantil. Foram trabalhadas palavras recorrentes do dia a dia, vocabulário básico, além das influências das palavras estrangeiras na língua portuguesa.

Atividades envolvendo conscientização política e noções de política foram também desenvolvidas a fim de apresentar o

sistema de governo em que vivemos, as diferentes formas de governo existentes e também a função dos cargos existentes na política brasileira.

Ao fim do período de encontros, foi realizada uma confraternização entre os monitores e docentes envolvidos no projeto e também os professores, pais e familiares dos alunos. Os presentes receberam uma ficha de avaliação que foi preenchida referente ao projeto e serviu como avaliação dos participantes e do objetivo geral do projeto. Além disso, os alunos participantes apresentaram uma música para os pais.

DISCUSSÃO

O Plano Nacional para a Educação (PNE) decênio 2011/2020 é uma lei ordinária brasileira que terá vigência de dez anos a partir de 26/06/2014. O plano conta com 20 metas estabelecidas nos âmbitos de investimento, qualificação de professores, educação básica, democratização do ensino superior, educação técnica e elevação da escolaridade, dentre outras (Brasil, 2010).

A lei apresenta cinco metas diretamente relacionadas com o público atendido no projeto Educação e arte para crianças. Sendo relacionadas diretamente ao ensino fundamental, alfabetização e aprendizado adequado na idade certa. Dessas cinco, destacam-se três

que são intimamente relacionadas à faixa etária das crianças do projeto:

1) Universalizar o ensino fundamental de nove anos para toda a população de seis a 14 anos e garantir que, pelo menos, 95% dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência desse PNE.

2) Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até os oito anos de idade, durante os primeiros cinco anos de vigência do plano; no máximo, até os sete anos de idade, do sexto ao nono ano de vigência do plano; e até o final dos seis anos de idade, a partir do décimo ano de vigência do plano.

3) Fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem, visando aumentar as notas do Ideb (Índice de desenvolvimento da educação básica) para 6,0 nos anos iniciais do ensino fundamental e, para 5,5, nos anos finais.

O Projeto Cantaria, por meio de aulas de leitura, escrita e interpretação, contribuiu para alfabetização e melhoria no desempenho escolar. Levando-se em conta que o projeto trabalha com uma população carente da cidade, ele possibilita aos participantes contato com computadores, com internet e outros recursos que nem todos têm acesso em casa, realizando uma inclusão e um contato maior com atividades não rotineiras para muitos.

O contato e a troca de conhecimentos professor/aluno e também aluno/aluno na primeira fase do projeto (a de preparação) fizeram com quem conseguíssemos melhorias na elaboração dos planos de aula e mesmo no desenvolvimento do conteúdo a ser trabalhado. Além disso, o contato entre alunos de diversos cursos da Universidade desperta para o conhecimento de outras áreas e junta pensamentos diferentes na construção da maneira de ensinar aos alunos.

As iniciativas e as ações dentro do projeto corroboraram e contribuíram para o alcance dessas três metas estabelecidas dentro do plano, visto proporcionarem às crianças maior tempo em contato com literatura, mais tempo destinado à educação e ajudar crianças com dificuldades escolares através do reforço oferecido.

O contato entre família, monitores, docentes e crianças, realizado na confraternização, fez-se importante não só para mostrar um pouco aos pais a realidade do projeto, mas também para possibilitar troca de conhecimento e aproximação da família com a Universidade, visto que muitos ainda se pensam distantes desse convívio.

Além disso, a interação com os alunos de escolas públicas da região trouxe à tona os diversos problemas enfrentados pelos educadores e famílias. O desafio esteve no oferecimento de um ensino de qualidade que fosse também

inclusivo e despertasse a busca pelo conhecimento por parte dos alunos, criando uma ponte entre a transmissão do conhecimento pelo professor e a construção do conhecimento pelo aluno.

Tal interação expôs ainda outra dificuldade enfrentada na educação brasileira, mas, dessa vez, pelos nossos universitários: a necessidade de humanizar as relações em âmbitos acadêmicos e formar profissionais cidadãos, cada vez mais amplos e com boa capacidade de se relacionar e propagar o universo com o qual ele teve contato dentro de sua formação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às seguintes instituições que foram importantes para a construção e a manutenção do projeto ao longo de sua trajetória: Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Governo Federal, Petrobras, Fundação Gorceix, Novelis, Prefeitura Municipal de Ouro Preto e Universidade Federal de Ouro Preto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. *Plano Nacional de Educação 2011/2020*, 2010.

CARVALHO, C.P.S.; LOPES, M.; PEREIRA, F.L. et al. *Educação e Extensão Universitária para crianças*. X Congresso Iberoamericano de Extension Universitária. Havana, 2009.

Fórum de Pró-Reitores de extensão das universidades brasileiras. *Política*

Nacional de Extensão Universitária, 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014. *Cidades, Ouro Preto*. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=314610>. Acesso em 12 de março de 2015.

LUZ, J.A.M.; BALAREZO, F.J.M.; PEREIRA, C.A. *Emprego de argamassa expansiva e termoconsolidação de peças em cantaria*. REM: R. Esc. Minas, Ouro Preto, 56(3): 161-167, 2003.

PEREIRA, C.A.; FERNANDES, S.M.S.; SILVA, F.G. et al. *Revisitando Ouro Preto através da Cantaria*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 2004.

PEREIRA, C.A.; CARVALHO, N.L.N.; NOGUEIRA, F.C. *A evolução dos projetos de extensão na Universidade Federal de Ouro Preto*. Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia. Poços de Caldas, 2014.

SILVA, F.G.; OLIVEIRA, H.; FERNANDES, S.M.S. et al. *Educação Patrimonial Através da Cantaria em Ouro Preto*. Congresso Internacional de Arquitetura Vernácula, 2003.

Universidade Federal de Ouro Preto (2015). *Extensão*. Disponível em <<http://www.proex.ufop.br/index.php/component/content/article/82-site-2013/102-apresentacao-site-2013>> Acesso em 12 de março de 2015.

VASCONCELOS, S. *Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

ESPAÇO SOCIAL DESTINADO AO EXERCÍCIO E À DIFUSÃO DA LEITURA, CULTURA E CIDADANIA

Tiago Pires¹, Camila Freire¹, Fabiano Gomes da Silva², Francielle Gomes Silva¹, Carlos Alberto Pereira¹

¹Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

²Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG
pereira@demin.ufop.br

Resumo

O acesso aos produtos literários na sociedade brasileira não se dá de forma igualitária. Existem vários fatores que contribuem para esse quadro, por exemplo: as desigualdades típicas de uma formação de capitalismo tardio com histórica concentração de renda e capital; a indisponibilidade de bibliotecas públicas nas periferias dos grandes centros e em cidades pequenas e médias; as diferenças de qualidade da educação básica ofertada às crianças e aos jovens das classes trabalhadoras; as disparidades culturais e simbólicas na apropriação da leitura entre as classes sociais. Nesse sentido, as políticas institucionais de construção e o fomento de bibliotecas comunitárias ganham importância decisiva na mitigação de parte desse quadro de desigualdade de acesso. Por isso, o DEMIN/UFOP, o IFMG - Ouro Preto e as comunidades dos bairros Saramenha de Cima e Morro São Sebastião, em Ouro Preto/MG, decidiram implantar e manter duas bibliotecas comunitárias para ampliar e dinamizar as oportunidades de leitura e estudo entre crianças, jovens, adultos e idosos. O foco nas bibliotecas é o desenvolvimento de atividades de estímulo à leitura, reforço escolar e ações culturais e sociais. Isso tem concorrido para melhorias na leitura e interpretação dos estudantes atendidos, na transformação do espaço de leitura em local de práticas culturais e para viabilização do acesso à produção literária brasileira e estrangeira clássica e a mais recente.

Palavras-chave: leitura, cidadania, formação de mão de obra.

Abstract

In Brazilian society the access to the literary products does not occur in an equally way. There are many factors that contribute to this, for example: typical inequalities from a late capitalism with historic income and capital concentration; the lack of public libraries in the suburbs of large cities and in small and medium-sized cities; differences in quality of basic education offered to children and youth of the working class; cultural and symbolic differences on appropriation of reading

between social classes. In this sense, the institutional policies of construction and support public libraries gets decisive importance in mitigating of this unequal access. Therefore, the University of Ouro Preto (UFOP), the Federal Institute of Minas Gerais (IFMG) in partnership with the communities of neighbourhoods Saramenha São Sebastião, in the Ouro Preto city – Brazil decided to create and maintain two public libraries to expand the opportunities for reading and study to children, youth, adults and seniors. The focus in libraries is the development of activities to stimulate reading, school tutoring, reading workshops, cultural and social actions. It has been observed improvements in reading and interpretation of the students served and also there is a transformation of reading space in place of cultural practices enabling to this community the access to Brazilian and foreign literary classics.

Keywords: reading, citizenship, hand-forming work.

INTRODUÇÃO

O acesso e o uso da informação figuram como facetas decisivas na promoção de um ambiente mais adequado a qualquer sociedade democrática. A capacidade interventora do cidadão depende do pleno gozo do direito à informação e da sua competência no manuseio desses dados no jogo político, social e cultural contemporâneo.

No Brasil, o acesso à informação quase sempre esteve atrelado ao poder aquisitivo e ao exercício de funções de poder. No período colonial, as bibliotecas particulares e dos colégios jesuítas eram as únicas fontes de leitura para os colonos. Nelas predominavam os livros de devoção religiosa e profissional (advogados, cirurgiões e eclesiásticos) que circulavam entre o seleto e diminuto grupo dos letrados, geralmente funcionários da Igreja ou da Coroa (Antunes, 2004, p. 84-88).

Posteriormente, as bibliotecas públicas foram criadas pela iniciativa dos governos provinciais e republicanos, mas a imagem de local exclusivo para “doutores” persistiu no imaginário popular. Livros e bibliotecas eram coisas para sábios, como sentenciava o personagem de Lima Barreto, em *Triste Fim do Policarpo Quaresma* (Suaiden, 2000).

Atualmente, persistem as dificuldades no acesso aos livros e na ampliação do universo de leitores do país. Pesquisa indica que mais de 45% da população brasileira é de não-leitores, ou seja, não leram um único livro nos últimos 12 meses. Esse percentual diminuiu com o aumento da renda familiar; os não-leitores são inexpressivos entre famílias com renda superior a 10 salários mínimos. Isso evidencia que “... o poder aquisitivo é significativo para a constituição de leitores assíduos” (Cunha, 2008, p. 13).

Nesse contexto, as bibliotecas comunitárias ganham papel relevante na disponibilização e difusão da informação para o conjunto de cidadãos, especialmente para aqueles com escassos recursos financeiros e que residem em localidades afastadas ou desprovidas de serviços públicos do gênero.

Por isso, o Departamento de Engenharia de Minas (DEMIN) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) desenvolveu o projeto Oficina da Ciência e Cidadania, em Ouro Preto, para promover o estímulo à leitura nas áreas periféricas da cidade. Desde 2001, o projeto se estrutura a partir dos seguintes objetivos:

I) Despertar o interesse da comunidade para a leitura, o aprendizado e o exercício da ciência e cidadania;

II) Ampliar e dinamizar as oportunidades de leitura e estudo entre crianças, jovens e adultos;

III) Suprir lacunas do aprendizado formal dos alunos nas localidades atendidas, minimizando os problemas de baixo desempenho escolar;

IV) Desenvolver o senso de cidadania e despertar a autoconfiança dos membros da comunidade na resolução dos problemas individuais e comunitários;

V) Integrar os alunos da UFOP nas comunidades trabalhadas pelo projeto, buscando formar profissionais e cidadãos preocupados com a vivência comunitária.

Em 2006, os moradores e o projeto conseguiram instalar uma biblioteca comunitária no bairro de Saramenha de Cima, criando um espaço de aprendizagem, de estudo, de acesso à leitura despretensiosa e a convivência social, além de servir como ponto de referência cultural para os membros da comunidade. Essa experiência será objeto de nosso artigo.

MATERIAL E MÉTODOS

A universidade pública está assentada no tripé ensino, pesquisa e extensão. Isso significa que os novos conhecimentos difundidos por meio do ensino não podem ficar restritos ao seu público imediato (estudantes aprovados em vestibulares), devem ser socializados e disponibilizados para os membros das comunidades da sua área de atuação. Inclusive, é importante que as demandas da sociedade sejam absorvidas como norteadores significativos para parte da pesquisa desenvolvida nessas instituições.

A identificação e a absorção das necessidades locais como objetos de pesquisa para professores e estudantes das universidades públicas fomentam o estabelecimento de uma relação de trocas de experiências e aprendizados. A população se aproxima e faz uso de um bem público, o conhecimento produzido nessas instituições. Por sua vez, os universitários exercitam suas obrigações de cidadãos e crescem

profissionalmente no contato com a diferença e a diversidade, que serão constantes nas suas carreiras em empresas privadas ou públicas.

Essa percepção norteou a formulação das ações extencionistas do Departamento de Minas da UFOP. Por isso, a criação da biblioteca comunitária no bairro Saramenha de Cima surgiu da parceria entre o Departamento de Minas/UFOP, a Associação de Moradores, a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e a Escola Municipal René Giannetti.

Inicialmente, foram promovidas reuniões entre membros das instituições parceiras com o propósito de apresentar a experiência do projeto Oficina da Ciência e Cidadania em outros bairros de Ouro Preto (Mendes, et al., 2007; Pereira, 2006). Os encontros também serviram para delimitar as necessidades e os temas de interesses da comunidade, que foram incorporados à proposta inicial.

Um grupo de trabalho foi montado para encaminhar a proposta aos moradores e executar o projeto na primeira etapa, definindo questões como espaço para funcionamento da biblioteca e a identificação de novos parceiros.

A convocação da população local foi feita pela presidência da Associação de Moradores, que enviou correspondência para todas as casas do bairro. Eles debateram sobre o projeto, definiram eixos temáticos para o acervo da biblioteca e elegeram os eventos culturais e de

lazer como atividades importantes para o novo espaço, especialmente pelas presenças significativas de crianças e idosos.

Algumas campanhas de doações foram promovidas junto aos moradores e funcionários da empresa Novelis, que funciona próximo do bairro. Mais tarde, três computadores foram doados para registrar o acervo, controlar os empréstimos, realização de aulas de informática e a cessão à internet, que ainda não funciona. Esses momentos promovem maior aproximação e envolvimento no projeto.

Novos parceiros entraram no projeto. Inicialmente, a igreja ofereceu uma sala em cima da capela de São José para a montagem da biblioteca. Empresas como a Novelis e a Petrobras (Proext – Cultura / FAUF / MINC) doaram livros novos. A Prefeitura de Ouro Preto também participou com doações e a liberação de uma bibliotecária, que também é professora na rede de educação básica municipal.

A segunda ação do projeto foi selecionar, cadastrar e classificar os livros doados, bem como reparar e encadernar quando necessário. O espaço físico foi organizado, tornando um ambiente agradável para os leitores. Nesse período, os moradores demonstraram-se ansiosos pela abertura da biblioteca e prestativos, doando livros e revistas, além de participarem na formatação do espaço.

As bibliotecas comunitárias extrapolam o senso comum de que

bibliotecas servem apenas como guardiãs de livros. Na verdade, elas funcionam como ponto de convergência social e de apoio e promoção às atividades de caráter didático-pedagógico e cultural. Isso resulta em desafios na gestão do espaço e na montagem de uma programação criativa, que atenda parte das expectativas e mantenha a mobilização da população.

A gestão do espaço ficou sob a responsabilidade da bibliotecária, da presidência da Associação de Moradores, voluntários e dois bolsistas da UFOP. Quanto à programação, definiu-se que o espaço funcionaria de segunda a sexta-feira combinando as atividades rotineiras de uma biblioteca (empréstimos e auxílio à pesquisa escolar) com palestras, cursos, grupos de leitura e oficinas.

O sucesso da biblioteca comunitária está na montagem de uma criativa e diversificada gama de atividades e ações permanentes e esporádicas. No bairro Saramenha de Cima, desenvolve-se a seguinte programação:

I) Empréstimo de livros: A primeira função da biblioteca é disponibilizar livros para a comunidade do bairro Saramenha de Cima e adjacências. Atualmente, tem-se a assinatura de uma revista semanal e o acervo de 1200 livros, divididos nas seguintes categorias: literatura brasileira e estrangeira, infantil, religião, espiritismo, autoajuda, sociologia, filosofia, geografia, história, matemática,

química, física, gramática, enciclopédias, revistas, dentre outras. A diversificação do acervo foi importante para incentivar a leitura, oferecendo ao leitor, por exemplo, clássicos da literatura, revistas em quadrinhos, best-sellers (A Cabana, Código da Vinci, Senhor dos Anéis, Harry Potter, etc.), livros de receitas e biografias de santos e personalidades. O espaço tem um bom público e uma média de 8 a 15 empréstimos por dia, com destaque para crianças entre 5 a 13 anos de idade.

II) Plantão de apoio à pesquisa e ao dever de casa: No bairro, muitas crianças e jovens não dispõem da ajuda familiar ou instrumentos de pesquisa em casa para suas tarefas escolares. Por isso, elas dependem do auxílio da biblioteca para realizarem pesquisas, trabalhos e deveres passados pelos seus professores. Tanto a ajuda à pesquisa quanto os deveres escolares são realizados pela bibliotecária e pelos bolsistas do projeto Oficina da Ciência e Cidadania. Esse atendimento permite à equipe da biblioteca conhecer as dificuldades e deficiências na leitura e escrita dos estudantes atendidos, o que facilita o trabalho de reforço escolar.

III) Oficina de leitura: A oficina de leitura é oferecida para crianças de diversas idades nas quartas-feiras, no período da manhã. As crianças são agrupadas no espaço da biblioteca e convidadas a escolherem uma história que deverá ser lida posteriormente para o restante do

grupo. Outra maneira seria a leitura em conjunto de um mesmo texto, em que cada criança leria um fragmento da história escolhida, com o acompanhamento da bibliotecária e dos bolsistas do projeto. A oficina objetiva, *a priori*, desenvolver a prática da leitura e, conseqüentemente, incentivar os participantes a lerem com mais frequência, incorporando-a aos momentos de lazer das crianças. Os temas tratados na oficina de leitura são variados, como cotidiano, ciência e cidadania.

IV) Aulas preparatórias, reforço e plantão: Os moradores do bairro (crianças, jovens e alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA) podem marcar aulas de reforço escolar ou preparatória para concursos. Há também plantões para os alunos tirarem suas dúvidas. Cada aluno bolsista do projeto fica a cargo de uma área do conhecimento: biológicas, exatas e humanas. O objetivo dessa ação não é substituir o papel da escola, mas atender necessidades individuais dos frequentadores da biblioteca.

V) Esporte e jogos educativos: Além dos livros, a biblioteca oferece diversos jogos educativos e lúdicos. O objetivo desses jogos é proporcionar entretenimento e ao mesmo tempo desenvolver a capacidade intelectual e motora dos participantes. Os jogos tornam a biblioteca um ambiente mais informal e agradável, atraindo ainda mais os moradores do bairro, principalmente jovens e crianças. Ao

lado da biblioteca, existe uma quadra da comunidade e o projeto disponibiliza material esportivo e auxilia na organização de eventos.

VI) Sala de estudos: A biblioteca é principalmente um lugar de estudo. Muitos moradores não possuem um ambiente tranquilo e propício para estudarem em suas residências, por isso recorrem à biblioteca. Existe relato de uma criança que acusou não possuir mesa em casa para realizar tarefas escolares, por isso precisava da sala de estudos da biblioteca comunitária.

VII) Atividades periódicas de recreação e sociabilidade: Essas atividades buscam envolver toda a comunidade – crianças, jovens, adultos e idosos. Elas acontecem dentro e fora do espaço da biblioteca, como, por exemplo, as exposições de trabalhos manuais feitos pelos moradores, as caminhadas ecológicas no bairro e arredores, palestras sobre assuntos atuais, sarau, concursos de produção de textos, sessões de filmes, brincadeiras, levantamento das tradições e receitas das famílias mais antigas (para posteriormente montarmos um livro de receitas e tradições), dentre outras. Busca-se reunir, envolver e valorizar a comunidade, bem como resgatar as histórias e tradições do bairro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A combinação das atividades e as ações descritas acima transformaram a biblioteca em local privilegiado

para apoio didático-pedagógico e difusão cultural, especialmente para crianças e idosos. Além disso, notou-se maior envolvimento entre os moradores nas oficinas, nas ações recreativas e nos empréstimos de livros. Assim, a biblioteca também passou a figurar como espaço de sociabilidade comunitária.

Na biblioteca comunitária, os atos de ler, escrever e pesquisar são entendidos como práticas culturais que precisam ser constantemente estimuladas tanto no ambiente escolar quanto fora dele. A melhoria nos níveis de leitura e escrita na educação básica exige aprimoramento nas condições e nas situações ofertadas aos alunos para uma apropriação dessas práticas culturais. Por isso, a biblioteca buscou oferecer um ambiente agradável para as crianças desenvolverem suas atividades escolares, já que muitas não possuíam espaço, privacidade e assistência em suas casas.

O destaque ficou para os resultados obtidos com as crianças no aprimoramento da leitura, escrita e interpretação de texto, proporcionado pela oficina de leitura e pelas explicações individuais. Muitas crianças relataram que melhoraram seus desempenhos nas disciplinas escolares.

A Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais aplica avaliações (PROALFA e PROEB) constantes para acompanhar os níveis de desenvolvimento das competências e habilidades básicas

para a prática da leitura e da escrita entre os alunos na rede pública. O PROALFA avalia os estudantes nos 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental, já o PROEB acompanha os anos escolares seguintes do ensino básico.

Os dados das avaliações acima indicam melhorias na leitura e interpretação dos estudantes das escolas atendidas pela biblioteca, como a Escola Municipal Renê Giannetti, a Escola Municipal Simão Lacerda e a Escola Municipal Tomás Antônio Gonzaga. Nessas escolas, as médias de proficiência em Língua Portuguesa, entre os alunos do 3º ano, ficaram acima das observadas no restante da rede pública de ensino, em 2007 e 2008. Os alunos têm apresentado níveis de leitura recomendados (Minas Gerais, Secretaria de Estado de Educação).

Os alunos do 3º ano das escolas Renê Giannetti, Simão Lacerda e Tomás Antônio Gonzaga obtiveram 587, 610, 576 de pontuação média, respectivamente. Acima de 500 pontos indica que os alunos possuem competência em ler frases e pequenos textos e co meçam a t er condições de identificar o gênero, o assunto e a finalidade de textos. Essas habilidades iniciadas encontram na biblioteca comunitária um reforço, pois são trabalhadas na programação.

Na escola Renê Giannetti, os resultados entre os alunos do 5º ano também ficaram acima da média da rede pública de ensino. Os estudantes obtiveram média de 255

em Língua Portuguesa e Matemática, e o recomendável para a faixa escolar deles era 225. Esses alunos apresentam domínio de competências e habilidades adequadas para o período escolar que frequentam (Minas Gerais, Secretaria de Estado de Educação).

As aulas de reforço escolar e preparatórias para concursos possivelmente contribuíram para tais resultados significativos, pois auxiliavam crianças e jovens em suas tarefas. Em 2008, por exemplo, um participante dessas aulas preparatórias passou em segundo lugar na seleção do CEFET - Ouro Preto.

O mais fascinante no trabalho com crianças e jovens é o efeito multiplicador desencadeado entre seus colegas e familiares. Existem relatos de pais que liam os livros tomados de empréstimos pelos filhos e que passaram à condição de frequentadores da biblioteca. Isso contribuiu para outro importante resultado da biblioteca comunitária de Saramenha de Cima, que foi o maior estímulo e prazer pela leitura entre os moradores atendidos.

A biblioteca também possui três computadores que serão usados para realização de aulas de computação e acesso à internet pelos seus visitantes. Alguns moradores já se disponibilizaram para ministrarem aulas de inclusão digital para crianças e adultos.

O sucesso do projeto sensibilizou as autoridades locais para a necessidade de um novo prédio para

abrigar a biblioteca do bairro de Saramenha de Cima. O novo ambiente foi inaugurado no segundo semestre de 2009, maior que o atual, isso facilitará a divisão e a localização dos livros e tornará o espaço mais agradável aos frequentadores.

Em 2008, o projeto foi aprovado em dois programas do Ministério da Cultura de austeridade importância dentro do contexto da extensão universitária: um no ProExt Cultura-2008 e outro no concurso de Pontos de Leitura 2008 – Machado de Assis. O primeiro possibilitou a aquisição de 265 livros e três computadores. O segundo projeto fornecerá 500 livros e móveis, além de inserir a biblioteca em uma rede nacional de 516 Pontos de Leitura, o que aumenta a responsabilidade da equipe. Ao longo da trajetória do projeto, foram aprovados nove artigos além da divulgação em variados eventos internos e externos.

Em 2009, o projeto foi novamente aprovado no programa ProExt Cultura-2009, o que nos possibilitará a compra de novos materiais e livros, além do planejamento de novas estruturas e atividades.



Figura 1: Passeio ecológico realizado no bairro Saramenha de Cima com os moradores e bolsistas do projeto (foto arquivo).



Figura 2: Vista do bairro Saramenha de Cima (foto arquivo).

CONCLUSÕES

A experiência da biblioteca de Saramenha de Cima sugere que as bibliotecas comunitárias podem servir para ampliar e dinamizar as oportunidades de leitura e estudo em localidades afastadas ou desprovidas de serviços públicos do gênero. Tais espaços mostram-se ideais para o estímulo à leitura despretensiosa, convivência social e aprendizado, além de servir como ponto de referência cultural para os membros da comunidade.

A convivência entre as pessoas melhorou e se expandiu, trazendo

para o bairro antigos moradores e cidadãos de outros locais, tanto nas atividades culturais como no apoio às ações de aprendizado formal. Além disso, a valorização da comunidade e do idoso vem acontecendo principalmente com o trabalho de pesquisa da história local.

A integração entre comunidade, universidade, poder público e empresas foi efetiva e evidenciada na melhoria do desempenho escolar dos alunos da comunidade e da Universidade. Essa integração, uma das propostas essenciais da extensão, é uma forma de dialogar o saber acadêmico com o saber da comunidade, aliando ciência, ensino, pesquisa e melhoria social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as seguintes instituições que foram importantes para a construção e a manutenção do projeto ao longo de sua trajetória: Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Governo Federal, Petrobras, Fundação Gorceix, Novelis, Prefeitura Municipal de Ouro Preto e Universidade Federal de Ouro Preto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A.A. *Espelho de cem faces: o universo relacional de um advogado setecentista*. São Paulo: Annablume/PPGH/UFGM, 2004.

CUNHA, M.A. (2008) Acesso à leitura no Brasil: considerações a partir da pesquisa. INSTITUTO Pró-Livro.

Retratos da leitura no Brasil. Disponível em:

<<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso

em: 12/02/2009.

MENDES, M.M.; MENDES, N.M.; ZORSAL, C.B. et al. *Biblioteca Comunitária do bairro Saramenha*. In: IX Congresso Iberoamericano de Extension Universitária, 2007, Bogotá. IX Congresso Iberoamericano de Extension Universitária. Bogotá: ASCUN, v. 1. p. 40-51, 2007.

Minas Gerais, Secretaria de Estado de Educação. Sistema Mineiro de

Avaliação da Educação Pública. Disponível em:

<<http://www.simave.caedufjf.net/2007/index.htm>>. Acesso em: 10/01/09.

PEREIRA, C.A. et al. *Oficina de ciência e cidadania: exemplo da função social da universidade*. In: 2 Fórum ABM de Responsabilidade Social, 2006, São Paulo. São Paulo: Tec Art Editora Ltda, p. 171-179, 2006.

SUAIDEN, E.J. *A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação*. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 2, p. 52-60, 2000.

15 ANOS DE EXTENSÃO NA ENGENHARIA DE MINAS

Guilherme Walter¹, Crislayne Gloss², Francielle Câmara Nogueira¹, Carlos Alberto Pereira¹

¹Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

²Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP
pereira@demin.ufop.br

Resumo

O primeiro projeto de extensão do Departamento de Engenharia de Minas, Oficina de Cantaria, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) procurou valorizar o ser humano, aproximar a comunidade da Universidade, integrar os saberes. Essas atividades vieram integrar o que ficou destacado no último Plano Nacional de Educação 2011-2020 que chama a atenção para as universidades sobre o papel da extensão. A arte de cantaria foi trazida para o Departamento de Engenharia de Minas (Demin) por meio das mãos do mestre José Raimundo Pereira, o Seu Juca, uns dos últimos oficiais canteiros do Estado de Minas Gerais. O projeto completou 15 anos em 2015. Ao longo desses anos, buscou a formação dos graduandos, a integração da comunidade com a UFOP, a pesquisa histórica e de materiais, a formação de novos trabalhadores habilitados e a preservação do patrimônio direcionada para os trabalhos com as metodologias da educação patrimonial. Nesse período, foram restauradas pontes, chafarizes, cruz, a Estação de Ferro de Itabirito. Foram produzidas, na oficina e nas aulas para formação de canteiros, noventa e seis peças de quartzito, dezesseis peças de canga. Soma-se aos resultados a formação de onze canteiros, 23 alunos de história, 33 trabalhos de iniciação científica e 88 de extensão. O número de publicações foi significativo: um livro, três artigos em periódicos, oito capítulos de livro, sessenta e sete artigos publicados em congressos nacionais e internacionais. A divulgação da arte foi feita também por meio de exposições permanentes no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, e itinerantes no Palácio das Artes.

Palavras-chave: educação patrimonial, responsabilidade social, formação discente, Ouro Preto.

Abstract

The first project of extension of the Departamento de Engenharia de Minas with the name of Oficina de Cantaria based at the Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) tries to make the human being, close to the university community, integrating knowledge. These activities are part of what has been highlighted in the National Education Plan 2011-2020 that calls attention to the universities on the role of extension. The monumental art was brought to the Departamento de Engenharia de Minas (Demin) through the hands of José Raimundo Pereira, Seu Juca, one of the last official carvers of the State of Minas Gerais. The project

turned 15 years in 2015. Over the years, the project has outlined a strategy of training graduate students, community integration with the UFOP, historical research and materials, the formation of new skilled workers and the preservation of heritage directed to work with the methods of heritage education. In this period we have restored bridges, Fountains, Crosses and the Itabirito Train Station. Were produced in the workshop and classes for training sites, ninety-six pieces of quartzite, sixteen pieces of yoke. Added to the results the formation of eleven carvers, 23 students of history, 33 works of independent research and 88 extension. The number of publications was significant; a book, three articles in periodicals, eight book chapters, sixty-seven articles published in national and international congress. Disclosure of art was also done through the permanent exhibition at the Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, and traveling in the Palácio das Artes.

Keywords: pratimonial education, social responsibility, Ouro Preto.

INTRODUÇÃO

A cidade de Ouro Preto originou-se do processo de diversos arraiais de garimpo de ouro que foram estabelecidos no final do século XVII e início do século XVIII. A riqueza dessas jazidas trouxe desenvolvimento e prosperidade para a então chamada Vila Rica que, em 1720, foi designada como capital do estado de Minas Gerais. Com o desenvolvimento e o enriquecimento da cidade, houve um crescimento em seu número de habitantes que vinham atraídos pela prosperidade do local, o que levou também ao aparecimento de construções mais elaboradas e um forte enriquecimento cultural da cidade. Uma das formas mais claras desse crescimento foi o ofício da cantaria que se tornou cada vez mais presente nas construções da época, sendo empregada em fontes, igrejas, pontes, ornamentos e casas, se

tornando parte do acervo cultural da cidade de Ouro Preto que foi declarada como Monumento Nacional em 1933 e tombada pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1938 por seu conjunto arquitetônico e urbanístico. Em 1980, foi declarada pela UNESCO como patrimônio mundial.

Por definição, a cantaria é entendida por pedra lavrada ou simplesmente aparelhada em formas geométricas para construção de edifícios e, em geral, para qualquer construção. As rochas são cortadas segundo as regras da estereotomia, esta definida como “a arte de dividir e cortar com rigor os materiais de construção”, a fim de serem aplicadas às diferentes partes do edifício, como constituição das paredes, etc. “Um registro de beleza e habilidade humana, materializado na mais simples, rústica e, ao mesmo

tempo, nobre das matérias-primas: a pedra.”

O projeto de extensão Oficina de Cantaria foi implantado em 2000 no momento de afirmação da extensão na Universidade Federal de Ouro Preto e no Brasil. Essa afirmação no Brasil se deu em 2002 quando foi realizado o primeiro Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.

Hoje a extensão moderna não considera a prestação de serviço por parte de docentes e funcionários das universidades como extensão, precisa que a comunidade participe na elaboração, na execução e nos resultados.

O projeto Oficina de Cantaria começou com o trabalho voluntário de José Raimundo Pereira (Seu Juca) que, com o apoio do Departamento de Engenharia de Minas e Reitoria da UFOP, ocupou um espaço usado para guardar carros. A princípio trabalhou com nove alunos com o objetivo de proporcionar mão de obra para manter o patrimônio de Ouro Preto.

O detalhe interessante foi o conhecimento vindo da comunidade para a Universidade, seu Juca só tinha 4ª série do ensino fundamental. O papel principal da UFOP foi dispor de espaço para o trabalho, utilizar alunos de graduação para pesquisar sobre o ofício, aprimorando as informações do Mestre Juca, além de divulgar o ofício em todo o Brasil. O mestre tinha o conhecimento adquirido ao longo da vida no trabalho na pedreira, como pedreiro, e doou a

atenção e carinho principalmente para as crianças que participaram dos projetos e visitaram as exposições e a oficina.

Em 2002, quando ocorreu a restauração da Ponte de Marília, percebeu-se que não adiantava restaurar se a comunidade não tivesse consciência do valor desse patrimônio, então decidiu desenvolver o trabalho com as crianças. Mas onde eles iriam buscar informação sobre a história desse patrimônio? Daí surgiram as bibliotecas comunitárias do Morro São Sebastião e Saramenha de Cima.

No entanto, sem uma base forte de conhecimentos, com registros das atividades, tudo isso se perderia. A saída foi começar com os trabalhos de iniciação científica, pesquisando sobre ofícios, que depois evoluiu para mestrados e, atualmente, doutorado em diversas instituições brasileiras (UFMG, INICAMP, UFSJ, IPHAN, USP). Para consolidar de vez, foi criado o grupo de pesquisa cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq (Pesquisa, educação e restauração da cantaria em Ouro Preto).

Esse artigo busca relatar esses quinze anos de atividade em busca de avaliar e pensar a extensão no Demin para os próximos 15 anos.

METODOLOGIA

As ações que se reúnem e reuniu no grupo de pesquisa são: Oficina de Cantaria, revisitando Ouro Preto

(encerrou em 2003, mas deve retornar), Coral Querubins (encerrou em 2007), Educação e arte para crianças e Oficina de ciência e cidadania. Contudo, se há algo que, de algum modo, unifica essas atividades é o compromisso em estabelecer vínculos entre os ourepretanos, os alunos e os professores da UFOP e o rico capital cultural e histórico da antiga região mineradora.

Procuramos, enfim, compreender que a responsabilidade social, na dimensão universitária, passa pelo fortalecimento da consciência crítica, pela busca do crescimento da compreensão, pela formação de futuros líderes-cidadãos, que respeitem e reconheçam a diversidade e o pluralismo da humanidade, assegurando uma visão universal, a partir de sua realidade (Lazarotto, 2004, p. 10).

No projeto da oficina de cantaria, a metodologia de trabalho compreendeu: pesquisa bibliográfica e documental, abordando aspectos da história e técnicas de recuperação de monumentos pétreos. A oficina teve como público-alvo pedreiros, auxiliares de pedreiro, jovens e possuiu duração de 440 horas, abordando os seguintes temas: i. Noções gerais sobre a história local, além da evolução urbana e arquitetônica da região dos inconfidentes; ii. Planejamento do trabalho; iii. Seleção dos blocos de rocha no campo; iv. Restauração e limpeza de chafariz.

Esse projeto visou também à compreensão e difusão do conhecimento sobre o patrimônio local por meio da metodologia da Educação Patrimonial, privilegiando o contato de jovens e das crianças com o acervo de cantaria do município e com a Oficina de Cantaria. Buscou atender aproximadamente 30 crianças do município. Para tal, foram desempenhadas as seguintes etapas: reunião com a equipe do projeto e com os mestres canteiros com o objetivo de montar os planos de aula (todos com embasamento teórico em educação e nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN) e para o preparo da estrutura da oficina. Essa etapa se constituiu em diversos encontros para discutir, além dos planos, de aula, quais ações de cunho pedagógico seriam desenvolvidas ao longo do curso; reuniu com os professores do ensino fundamental de Ouro Preto para discutir as propostas desempenhadas, contando sempre com a participação desses para o melhoramento dos futuros resultados. Coube a esses professores a escolha dos alunos, três de cada escola; reunião com os pais ou responsáveis pelos alunos, de forma a conhecê-los e apresentá-los o projeto; montagem da sala; compra de materiais didáticos para as crianças e compra de pedra-sabão para o trabalho na oficina; apresentação da proposta de trabalho da equipe. Nessa etapa, os bolsistas agendavam a visita. Durante o

período de aulas, que se estende ao segundo semestre do ano, os alunos da Universidade participantes elaboraram artigos e estudos sobre a educação patrimonial e assuntos afins; por fim, reunião com os pais e os professores dos alunos, apresentando as atividades desenvolvidas durante o semestre e os objetivos alcançados.

O projeto Oficina de Ciência e Cidadania, do Departamento de Minas da UFOP, implantou, ao longo de sua existência, três bibliotecas comunitárias, em diferentes localidades de Ouro Preto: Morro São Sebastião (2001); Saramenha de Cima (2006) e Santa Cruz (implantada em 2015). O projeto teve como proposta tornar a biblioteca comunitária um lugar de aprendizagem, de estudo, de acesso à leitura e, mais do que tudo isso, um ambiente para uma nova socialização.

A biblioteca do bairro Santa Cruz foi instalada nas dependências do projeto Nata. As bibliotecas de Saramenha e Morro São Sebastião (Ouro Preto, MG) estão instaladas na nova sede construída pela prefeitura e pela Irmandade São Sebastião, respectivamente.

Discentes, bolsistas, voluntários da UFOP, funcionários e professores realizaram o seguinte programa: I) Plantão para apoio à pesquisa e dever de casa, de segunda a sexta-feira: esse trabalho foi desenvolvido pelos bolsistas e voluntários da UFOP. O material utilizado para pesquisa foram as enciclopédias e

livros. Por enquanto não dispomos de acesso à internet. II) Grupo de leitura, toda terça e quinta-feiras para jovens; segunda e quarta para crianças e sexta à noite para adultos e idosos. III) Demonstrações de experimentos científicos: nesse caso, foram convidados outros projetos. IV) A Língua foi apresentada de maneira a proporcionar interação entre os estudantes por meio de diálogos informais. A partir de assimilações teóricas, os estudantes puderam reconhecer palavras e expressões estudadas em uma segunda aula, sendo essa de Canto Coral. O material utilizado foi de desenvolvimento próprio baseado nas necessidades dos estudantes. Foram utilizados “flash cards” retirados do site: <http://www.esl-kids.com/flashcards/> As letras e partituras das músicas utilizadas foram retiradas dos sites: <http://www.cifraclub.com.br/> <http://www.vagalume.com.br/>. V) Apoio a atividades esportivas: contamos com ex-atletas para formar o time da biblioteca. Para participar, a criança ou o jovem devia estar matriculado e apresentar rendimento escolar acima da média mínima. VI) Apresentação cultural, como: teatro, coral e leitura dramatizada (esse trabalho mostra a integração entre os projetos da UFOP, as empresas e a comunidade). As bibliotecas estão cadastradas na Fundação da Biblioteca Nacional como biblioteca comunitária (<http://www.bn.br/portal/>).

Apoiamos o coral Novo Horizonte. Esse projeto surgiu em 15 de novembro de 1997, no bairro Novo Horizonte, periferia de Ouro Preto. Teve como seu maior idealizador o maestro Adeuzi Batista Filho, regente voluntário do grupo desde sua origem. O objetivo central do projeto é criar oportunidade de acesso à cultura para uma comunidade carente, em que a música é apressentada aos jovens como uma possibilidade de inclusão e transformação social. Os ensaios do coral ocorrem duas vezes por semana em uma garagem cedida por uma moradora e beneficia trinta jovens de 7 a 20 anos. No projeto, a música foi utilizada como um fator de inclusão social, através dela há uma ampliação do universo social dos envolvidos.

O projeto proporcionou o sentimento de pertencimento, uma vez que estabeleceu contato com o corpo universitário da cidade e com outros moradores da região por meio de apresentações que o coral faz em distintos locais. A extensão universitária encontra em um município como o de Ouro Preto, caracterizada por profundas desigualdades sociais, um importante lugar para sua atuação. Projetos de extensão são possibilidades que as instituições de ensino superior têm de amenizar o abismo de oportunidades existente entre corpo universitário e indivíduos da comunidade local. Ela promove a integração entre pessoas de distintas condições sociais, bem

como estimula o sentimento, entre extensionistas e comunidade, de pertencimento a um grupo ou localidade.

A condição necessária para compor o grupo foi estar frequentando regularmente a escola. O repertório ensaiado engloba músicas da cultura popular e erudita, selecionadas pelo regente de acordo com a preferência do coro. O papel da Universidade Federal de Ouro Preto no projeto se resumiu em divulgar, desenvolver pesquisas sobre o assunto e buscar recursos e informações em editais de instituições financiadoras. A parceria entre Coral e Universidade também foi uma eficiente forma de valorizar e reconhecer a importância do trabalho realizado pelo regente Adeuzi e pelos integrantes do coral, motivando-os a continuar mesmo com os muitos obstáculos encontrados. Esse projeto encerrou em 2007.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Projeto “Oficina de Cantaria”, da Universidade Federal de Ouro Preto

Restauração da Ponte de Antônio Dias

A Ponte de Antônio Dias, também conhecida como Ponte de Marília ou Ponte dos Suspiros, é um dos mais líricos monumentos civis da história ouro-pretana por ter sido, segundo a tradição, testemunha do famoso romance entre o ouvidor da

capitania e inconfidente, Tomás Antônio Gonzaga, e Maria Dorotéia de Seixas, cujos pseudônimos eram respectivamente Dirceu e Marília. Foi construída de alvenaria de pedra e cal, com boas juntas, possuindo dois arcos de pedra de cantaria do Itacolomi, rocha rígida, toda ela lavrada a p ição miúdo, medindo cerca de 5m de vão e 7,4m de altura, do leito do rio até o fecho do arco. Os principais objetivos dessa restauração foram: recuperar a drenagem e os passeios, limpeza da cantaria, remoção da vegetação e alinhamento do parapeito. Segundo o engenheiro civil Júlio de Grammont, que fiscalizou a obra, essa restauração caracterizou-se como emergencial. O revestimento dos paredões da ponte apresentava-se deteriorado ou em estado de deterioração, estando parcialmente coberto por vegetação, o que causa infiltrações laterais danificando o próprio revestimento e a argamassa de assentamento dos blocos de pedra.

Estrada Real – projeto pontes

Foi realizado pela Fundação Educativa de Ouro Preto (FEOP), em parceria com o Banco Real e com o apoio do Instituto Estadual de Florestas (IEF), do Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DER-MG) e da Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Destacaram-se alunos formados da Oficina de Cantaria da UFOP, juntamente com engenheiros, arquitetos e estagiários, que fizeram parte da equipe de restauração do

Projeto Pontes – Estrada Real, iniciado em 2007, a partir da necessidade de recomposição de quatro pontes ao longo do trecho Ouro Preto/Ouro Branco: Ponte da Rancharia, Ponte da Caveira, Ponte do Calixto e Ponte do Falcão (Figura 1). A Estrada Real possui 1.605 km de extensão e abrange 179 municípios, sendo 164 em Minas, oito no Rio de Janeiro e sete em São Paulo. A reforma das estruturas ao longo do trecho Ouro Preto/Ouro Branco, que possui cerca de 32km de extensão, se deu ao fato do risco de desabamento pelo constante tráfego de veículos nessas pontes históricas, construídas no século XIX e feitas principalmente pela arte da cantaria.



Figura 1: a) Ponte da Rancharia; b) Ponte da Caveira; c) Ponte do Calixto; d) Ponte do Falcão.

Historiadores que faziam parte da equipe cuidaram do levantamento histórico sobre técnicas e materiais que constituíam as pontes, para que toda a intervenção realizada não prejudicasse o valor histórico dos monumentos, assim como da região de Ouro Preto. Toda a restauração

partia da análise de fatos históricos das pontes para que o impacto fosse o menor possível, ou seja, a restauração deveria ser feita de modo minucioso e conservador, de acordo com a geometria das pontes. As rochas eram trazidas de uma serra nas proximidades do distrito de Lavras Novas e eram escolhidas de acordo com o tamanho e a aparência, aproximando-se do especificado. Após o transporte das rochas até as pontes, iniciaram-se os processos de restauração. Os artesões canteiros talhavam os blocos de acordo com os defeitos que as pontes apresentavam e os colocavam na ponte, de acordo com a necessidade e o grau de defeitos que ela possuía. E, desse modo, a restauração da ponte era realizada.

Projeto “Cultura, Educação e Arte para crianças”

O resultado considerado mais satisfatório com as crianças é a promoção de uma releitura do universo histórico da cidade de Ouro Preto e, assim, a noção da importância do ambiente em que estão envolvidas. Essa nova visão possibilita a criação de perspectivas, ou seja, um olhar para o futuro que repense o passado e encontre novos caminhos como a inserção em uma Universidade como a UFOP, da qual, antes talvez, não aspirassem ingressar.

No que diz respeito às crianças, os resultados foram bastante satisfatórios, além de um

melhoramento no desempenho escolar, elas reaprenderam a valorizar o patrimônio de sua cidade, tornando-se indivíduos multiplicadores quando o assunto é preservação de seus monumentos. Além disso, com a Oficina de Cantaria (Figura 2), elas desenvolveram habilidades na arte de canteiros. Sobretudo houve o aprendizado de trabalho em equipes, integradas, muitas vezes, por crianças de realidades sociais diferentes. Exemplos de tais considerações são as relações estabelecidas no envolvimento com atividades diversas como a construção de um presépio, no fim de 2009, que trouxe para dentro do espaço físico da Universidade um produto construído pelas crianças e monitores do projeto. Igualmente, as visitas aos bens imóveis tombados como patrimônio histórico de Ouro Preto e ao Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas (Figura 2) trouxeram resultados positivos, pois, após apreender a importância de tais bens nas aulas, os alunos visualizaram a partir de um novo olhar um patrimônio que lhes parecia comum anteriormente.

Pais e professores também participaram ativamente das etapas de elaboração e efetivação do projeto, como já citado. Por meio de avaliações, eles também tiveram a oportunidade de conhecer o espaço da Universidade e considerar os pontos que precisam ser reconsiderados para melhoria do projeto. Nas avaliações dos discentes

envolvidos quanto a cada criança “apadrinhada”, apontamentos sobre comportamento e dificuldades de aprendizagem foram identificados e repassados para pais e professores.

Entretanto, as crianças envolvidas no projeto não foram as únicas beneficiadas. Os discentes e docentes também foram alvo das contribuições, pois passaram a possuir uma bagagem teórico-metodológica que lhes permitiu seguir construindo um novo olhar: “Uma nova perspectiva que, como foi dito na sua avaliação do Projeto Regional de Educação Patrimonial da Quarta Colônia, foi vencedor do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade”.

Valorizar o passado como foi, analisar o presente alimentando o sonho de uma realidade para o futuro, onde cada aluno será o cidadão brasileiro que poderá, com sua inteligência e capacidade, transformar o seu meio, deixando-o mais saudável e as pessoas mais felizes (Itaqui, 1998) foram os objetivos.

O caráter interdisciplinar do projeto concede uma oportunidade bastante peculiar. Alunos de engenharia, história, biologia, dentre outros, entraram em contato com as diversas vertentes científicas da Universidade, trabalhando em equipe, dividindo experiências e conhecimento. Além desse encontro, os alunos foram inseridos na comunidade de tal forma a maravilhá-los pelo fascínio de uma cidade como Ouro Preto, bem como

apresentando a realidade do município e de moradores, fazendo com que o discente se tornasse um profissional atento às questões sociais.



Figura 2: Visitas ao: a) Museu da Escola de Minas e b) Museu da Inconfidência Mineira – OP-MG; c) Crianças aprendem o ofício da Cantaria com o Mestre Chico; d) Aulas de português em sala de aula no Departamento de Engenharia de Minas – UFOP.

Os discentes participantes entraram em contato com a realidade social do município, bem como aprenderam, na prática, a postura de um professor em sala de aula, complementaram a educação tanto das crianças quanto a sua, pois foram forçados a desenvolver suas competências como educador ao enfrentarem todos os desafios que lhes são impostos por seus diferentes alunos com realidades sociais por vezes opostas. A preocupação com a linguagem a ser usada em aula e a preocupação em atingir todos os alunos e despertar neles o interesse tanto pela arte da Cantaria quanto pelas próprias matérias com as quais

estão em contato na escola fizeram com que o discente trabalhasse sua capacidade de comunicação, liderança e dinamismo, diferenciando-os dos demais discentes da Universidade e até mesmo em uma projeção futura à formação de um profissional voltado para as questões sociais.

Projeto “Bibliotecas Comunitárias: Bairros Saramenha e Morro São Sebastião”

Entendemos as bibliotecas comunitárias, instaladas nos bairros de Saramenha de Cima, Morro São Sebastião e Santa Cruz – em Ouro Preto – como um espaço para uma nova socialização, com a finalidade de mudar a condição educacional e cultural dos frequentadores. A experiência dessas bibliotecas sugere que as bibliotecas comunitárias possam servir para ampliar e dinamizar as oportunidades de leitura e tudo em localidades afastadas ou desprovidas de serviços públicos do gênero. Tais espaços mostram-se ideais para o estímulo à leitura despretensiosa, convivência social e aprendizado, além de servir como ponto de referência cultural para os membros da comunidade (Figura 3).



Figura 3: As bibliotecas comunitárias de Saramenha de Cima e do Morro São Sebastião promoveram, durante o mês de julho, 2011, atividades educativas e recreativas para crianças das duas localidades. Fonte: Comunicação Ouro Preto.

O destaque ficou para os resultados obtidos com as crianças no aprimoramento da leitura, escrita e interpretação de texto, proporcionado pela oficina de leitura e pelas explicações individuais. Muitas crianças relataram que melhoraram seus desempenhos nas disciplinas escolares. O mais fascinante no trabalho com crianças e jovens é o efeito multiplicador desencadeado entre seus colegas e familiares. Existem relatos de pais que liam os livros tomados de empréstimos pelos filhos e que passaram à condição de frequentadores das bibliotecas. Isso contribuiu para outro importante resultado das bibliotecas comunitárias de Saramenha de Cima e Morro São Sebastião, que foi o maior estímulo e prazer pela leitura entre os moradores atendidos.

Projeto “Coral Querubins do Novo Horizonte”

Nos seus quatorze anos de existência, o Coral Querubins do Novo Horizonte (Figura 4) tem alcançado resultados satisfatórios, mesmo frente às dificuldades financeiras. Trinta jovens moradores da comunidade Novo Horizonte são beneficiados pelo projeto. Segundo relato de pais e professores, verificaram-se mudanças positivas neles, como melhor convivência em grupo, o senso de responsabilidade e o compromisso. Constatou-se também que o projeto estimula o interesse por eventos culturais que ocorrem em Ouro Preto, o que proporciona a inclusão dos membros do coro e dos demais moradores do bairro a um grupo social mais amplo.



Figura 4: Apresentação do Coral Querubins do Novo Horizonte (2003).
Fonte: Oficina de Cantaria.

O Coral recebe com frequência convites para apresentações em eventos que ocorrem na Universidade, em festas da comunidade e em outros acontecimentos culturais, o que gera

uma divulgação e reconhecimento do trabalho realizado pelo grupo. O grupo já se apresentou em várias cidades de Minas Gerais como Mariana, Conselheiro Lafaiete, Itaúna e Belo Horizonte, onde participou do V Festival de Corais em 2007.

Para a comunidade acadêmica envolvida no projeto, os benefícios são decisivos, pois esse projeto aproxima os estudantes e professores da população. Além disso, cria oportunidade de desenvolvimento de pesquisas que auxiliam na execução e melhoria do projeto.

Site dos projetos de pesquisa e extensão

No ano de 2013, foi criado o *site* www.demin.ufop.br/pesquisaeextens ao que busca trazer os resultados e discussões dos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pelo Departamento de Engenharia de Minas da UFOP. O *site* está em constante atualização e desenvolvimento e nele podem ser encontrados diversos materiais relacionados aos projetos, tais como fotos, artigos e notícias.

Resultados na vida dos envolvidos com os projetos

A extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento

acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade.

Podemos analisar esses resultados segundo dois pontos de vista: o do aluno que participa ativamente dos projetos de extensão e o da sociedade que está diretamente envolvida neles.

Alunos

Para o aluno envolvido nos projetos de extensão, o aprendizado que fica é um dos instrumentos que viabilizam a extensão como momento da prática profissional, da consciência social e do compromisso político, devendo ser obrigatório para todos os cursos, desde o primeiro semestre, se possível, e estar integrado a projetos decorrentes dos departamentos e à temática curricular, sendo computado para a integralização curricular de docentes e discentes.

É importante ressaltar que a intervenção na realidade não visa levar a Universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado, mas sim produzir saberes, tanto científicos e tecnológicos

quanto artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população. A compreensão da natureza pública da Universidade se confirma na proporção em que diferentes setores da população brasileira usufruem dos resultados produzidos pela atividade acadêmica, o que não significa ter que, necessariamente, frequentar seus cursos regulares.

Sociedade

A ideia de extensão está associada à crença de que o conhecimento gerado pelas instituições de pesquisa deve possuir intenções de transformar a realidade social, intervindo em suas deficiências e não se limitando apenas à formação dos alunos regulares da Instituição. De fato, a preocupação das universidades deve ser de formar cidadãos para atuarem no mundo. Para tanto, o currículo não pode se limitar a simples transmissão de conhecimentos.

Por meio da extensão, a Universidade tem a oportunidade de levar à comunidade os conhecimentos de que é detentora, os novos conhecimentos produzidos pela pesquisa e normalmente divulgados com o ensino. É uma forma de a Universidade socializar e democratizar o conhecimento, levando-o aos não universitários. Assim, o conhecimento não se traduz em privilégio apenas da minoria que é aprovada no vestibular, mas difundido pela comunidade, consoante os próprios interesses dessa mesma comunidade (Silva, 1997).

CONCLUSÃO

Nesse texto, em que se discutiu a influência do poder material como guardião de memória por meio das diversas ações promovidas pelo Projeto Cantaria, constatou-se, entre outras possibilidades de leitura, que iniciativas firmadas no compromisso de promover um diálogo mais direto entre a comunidade e Universidade, a partir de elementos próprios de uma localidade – no caso das antigas vilas mineiras, aspectos específicos de sua história –, trazem resultados duradouros e benéficos para todas as partes envolvidas, ainda que muitos desafios existam no caminho. Dito isso, vale mais uma vez afirmar a importância de inserir monumentos históricos e culturais na vida da comunidade.

No caso de monumentos de pedra e cal, não faz sentido restaurá-los para que voltem a ser abandonados. É preciso reinserir esse bem na vida da comunidade. É necessário que ele volte a ser importante, volte a ser usado diário, cotidiana e fortemente pela comunidade (Magalhães, 1997, p.189).

Concluimos celebrando a história do projeto e lembrando que, para comemorar esses 10 anos frutíferos de um empreendimento tão abrangente em ações que interagem diretamente com a população de Ouro Preto e os alunos da UFOP, foi realizado o Seminário 10 anos de Cantaria. O evento que ocorreu de 13 a 17 de novembro de 2010 contou

com a participação de integrantes atuais e ex-alunos do projeto, alunos do projeto “Cultura, educação e arte”, moradores dos arredores das bibliotecas comunitárias e membros da comunidade em geral. No dia 13, pela manhã, o professor Marcos Tognon, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), acompanhou conferindo explicações técnicas a restauração do chafariz em frente à casa do Senhor Sílvio Elias, no bairro Cabeças. A restauração consistiu na colocação de uma cruz de quartzo, restauração da carranca e remoção do cimento do bojo do chafariz.

Na parte da tarde, palestras discutiram os principais resultados do Projeto Cantaria no decorrer desses 10 anos. Entre os palestrantes estava o então prefeito de Ouro Preto Ângelo Oswaldo, que falou sobre a cantaria e sua importância para a cidade. Os temas que seguiram a essa fala versaram sobre os estudos acadêmicos desenvolvidos por participantes do projeto – história e técnicas de construções setecentistas –, sobre os projetos relacionados à Educação Patrimonial e sobre a implantação das bibliotecas comunitárias.

A esse momento se seguiu um instante emocionante de homenagens ao Mestre Juca (*in memoriam*) e ao atual canteiro que lidera as ações empreendidas na Oficina de Cantaria, Francisco Bárbara de Oliveira. Foram homenageados, igualmente, os parceiros que acreditavam no projeto: a Fundação

Gorceix, a Novelis, e as Equipes de Transporte e Comunicação da UFOP. Por fim, o professor Carlos Alberto Pereira, fundador e principal responsável por todos os sucessos alcançados, foi também lembrado e homenageado. Para encerrar as atividades, no dia 14, foi realizado um passeio por Ouro Preto enfatizando os detalhes da técnica construtiva da cantaria.

AGRADECIMENTO

Agradecemos às seguintes instituições que foram importantes para a construção e a manutenção do projeto ao longo de sua trajetória: Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Governo Federal, Petrobras, Fundação de Apoio à Universidade de São João del-Rei, Fundação Gorceix, Novelis, Prefeitura Municipal de Ouro Preto, Universidade Federal de Ouro Preto e Instituto Federal de Minas Gerais – campus Ouro Preto.

REFERÊNCIAS

BASTOS, R. *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decore na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)*. São Paulo: FAUUSP (Tese de doutorado), 2009.

CARVALHO, C.P.S.; GLOSS, C.; PEREIRA, F.L. et al. *O patrimônio para além das evidências materiais: educação e extensão universitária*. In: IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Dourados. IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, v. 1. p. 432-444, 2009.

DRUMMOND, R. *Cidade Histórica de Ouro Preto*. In: Patrimônio Mundial no Brasil. Brasília: UNESCO; Caixa Econômica Federal, 2000.

FONSECA, M.C.L. *Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural*. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.) *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GASSET, J.O. *Missão da Universidade*. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1999.

HORTA, M.L.P. *Educação Patrimonial*. In: BARRETO, E. et al., *Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial: artigos e resultados*. Goiânia, 2008.

ITAQUI, J.; VILLAGRÁN, M.A. *Educação Patrimonial: a experiência da quarta colônia*. Santa Maria: Pallotti, 1998.

MAGALHÃES, A. *E triunfo? 2*. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Minas Gerais. Secretaria de Estado da Educação. *Reflexão e contribuições para a Educação patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/MG (Lições de Minas, 23), 2002.

PEREIRA, C.A.; LICCARDO, A.S.; GOMES, F. *A Arte da Cantaria*. Belo Horizonte - MG: Editora C/ Arte, 2007.

PEREIRA, F.L.; NOVAES, E.L.; PRADO, A.C. et al. *Oficina de Cantaria: Reinvenção na conservação patrimonial*. In: IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009, Dourados. IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. v. 1. p. 221-231, 2009.

Renex. *O Plano Nacional de Extensão Universitaria*. Disponível em <<http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>>. Acesso em 23 de março de 2015.

SILVA, O. *O que é extensão universitária. Integração: ensino, pesquisa e extensão*, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148- 149, 1997.

VILLELA, C. M. *Critérios para seleção de rochas na restauração da*

cantaria. Ouro Preto - MG, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Materiais da UFOP), Escola de Minas/UFOP, 2003.

A EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Nathália L. N. de Carvalho, Francielle C. Nogueira, Carlos A. Pereira
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG
pereira@demin.ufop.br

Resumo

As universidades devem obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O investimento na extensão é decisivo para que se afirme o compromisso social da universidade com a construção de uma sociedade socialmente justa, que respeite a diversidade, livre de todas as formas de opressão ou discriminação. Porém, pode-se observar que as universidades não se encontram nessa definição na prática. Por isso, o presente trabalho buscou registrar e relatar as diversas mudanças observadas nos números de projetos da Universidade Federal de Ouro Preto, e em especial, dos departamentos de engenharia e arquitetura. Essa pesquisa ocorreu com o levantamento de dados dos projetos, no período de 1993 a 2013. Os resultados, mediante uma análise quantitativa e qualitativa, mostraram que os projetos de extensão atuais (2013) tiveram um aumento de 113,85% comparados ao ano de 1993. Houve mudanças no sistema de extensão, como a extinção de prestação de serviços e convênios em 2006. No Brasil, a criação do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária levou a normatização da extensão. Através do Congresso, pôde-se observar também a de alguns programas, como o ProExt cultura e depois o ProExt MEC, fontes significativas de recursos para o fomento da extensão.

Palavras-chave: extensão, ProExt, MEC, UFOP.

Abstract

The universities should obey to the principle of inseparability between education, research and extension. The investment in the extension is decisive to affirm the social commitment of the university to build a fair society that respect diversity and is free from all forms of oppression or discrimination. However, it can be observed that universities does not have this definition in practice. Therefore, the present study sought to register and report the observed changes in numbers of projects at University of Ouro Preto especially in the Departments of Engineering and Architecture. This research occurred with the data collection of the projects, during the period of 1993 to 2013. The results, by a quantitative and qualitative analysis showed that the current extension projects (2013) had an increase of 113.85 % compared to year 1993. There were changes in the system of extension, as the extinction of provision of services and partnerships in 2006. In Brazil, the first Brazilian Congress of university extension promoted the standardization of the extension. Through Congress, could be noted also the creation of some programs

as Proext culture and after the Proext MEC, which are significant resources for promotion the extension.

Keywords: extension, ProExt, MEC, UFOP.

INTRODUÇÃO

A extensão é nova no mundo. Foi, em 1871, na Universidade de Cambridge, localizada na Inglaterra, que surgiram as primeiras ações extensionistas universitárias, sob a forma de cursos de atualização e aperfeiçoamento sobre temas históricos, literários, filosóficos e científicos de interesse geral ministrado para trabalhadores.

No Brasil, a primeira legislação específica que inscreve a extensão como um dos objetivos da universidade foi criada em 1931. Contudo, o primeiro congresso brasileiro de extensão ocorreu somente em novembro de 2002, em João Pessoa, na Paraíba, cujo tema foi “Universidade: conhecimentos e inclusão social”. Esse congresso modificou radicalmente a extensão brasileira com a criação da Carta de João Pessoa que regularizou as ações extensionistas no país. O segundo congresso de extensão foi realizado em setembro de 2004, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, originando um livro, publicado com patrocínio da UNESCO, composto pelos principais artigos selecionados pelos avaliadores. O terceiro congresso de extensão foi realizado em outubro de 2006 em Florianópolis, Santa Catarina, e contou com um público maior, além

da participação da comunidade em exposições. O quarto e o quinto congressos foram realizados no Mato Grosso do Sul e no Rio Grande do Sul nos anos de 2009 e 2011, respectivamente. No último congresso, houve uma mudança no formato dos artigos que passaram a ser elaborados como resumo expandido, significando uma perda para os extensionistas em razão do resumo expandido não ser considerado na pontuação das Instituições de Educação Superior (IES).

Em 2003, foi criada a ProExt que é um órgão de suporte à extensão no Brasil, chegando, em 2013, a disponibilizar R\$ 84 milhões. Em Minas, há a FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), que é uma das poucas agências estaduais de fomento à extensão no Brasil. Em 2013, foi lançado o sétimo edital de apoio a projetos de extensão em interface com a pesquisa, e já foi contabilizado um investimento de R\$ 13,2 milhões no programa desde a sua criação.

A extensão na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) foi criada em 1980 com o programa “Escritório-Piloto dos Estudantes”. Após uma forte chuva em Ouro Preto em 1979, os alunos de engenharia desenvolveram esse

projeto para ajudar nas construções de casas para os afetados. Houve também, na época, um programa de nutrição, mas ambos não foram registrados. A Coordenadoria de Extensão (atual PROGRAD) foi criada em 1984 e funcionou até o ano de 1986 quando foram criadas as pró-reitorias, na qual a PROEX é a atual responsável pela avaliação, apoio e divulgação das iniciativas de extensão.

Na UFOP, pode-se verificar o efeito do apoio do MEC na extensão. Antes, os recursos para os projetos eram de algumas empresas (exemplo: Novelis) e da própria Instituição. O objetivo deste trabalho é analisar a evolução da extensão na UFOP ao longo dos anos, observar a situação atual e propor melhorias.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Ouro Preto, por meio do levantamento do número de projetos de extensão dos Departamentos de Engenharia e Arquitetura (Escola de Minas) e do número total de projetos da UFOP no período de 1993 a 2013. Foram levantados, também, os dados de prestação de serviços e convênios que eram contabilizados como projeto de extensão na UFOP nesse mesmo período. No *site* do MEC foi realizado o levantamento dos

recursos da ProExt desde sua fundação, o número de projetos aprovados da UFOP e os recursos provenientes dos projetos aprovados. Serviram de referência para os dados os catálogos da extensão, os relatórios anuais da UFOP, os editais e os resultados da ProExt disponíveis no *site* do MEC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os gráficos apresentados nas Figuras 1 e 2 relacionam o número de projetos de extensão da UFOP e da Escola de Minas e também a relação dos convênios e prestação de serviços, no período de 1993 a 2013. Esses gráficos indicam variações em relação a determinados períodos.

O gráfico, apresentado na Figura 1, mostra a evolução dos projetos de extensão na UFOP. Pode-se perceber que os projetos de extensão na UFOP crescem ao longo dos anos, com oscilações em razão das políticas e interesses dos profissionais. A partir de 2004, foram criados o Festival de Inverno em Ouro Preto e Fórum das Letras, que influenciaram no aumento dos projetos de extensão. O total de projetos em 2013 da UFOP corresponde a um crescimento de 113,85% relacionado ao início do levantamento (1993).

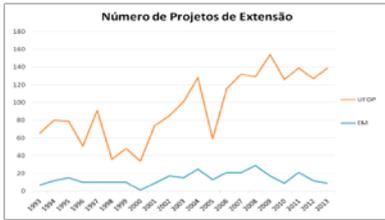


Figura 1: Gráfico relacionando os projetos de extensão da UFOP e Escola de Minas (EM) no período de 1993 a 2013.

O gráfico, apresentado na Figura 2, mostra quando a prestação de serviços e os convênios deixaram de ser contabilizados como projeto de extensão na UFOP. Pode-se observar que a quantidade desses projetos oscilou, chegando a zero em 2006. Isso ocorreu pelas mudanças na extensão após o Congresso de 2002 em que foram elaboradas a definição de extensão e a divisão dos projetos em áreas temáticas.



Figura 2: Gráfico relacionando a prestação de serviços e os convênios da UFOP e Escola de Minas (EM) no período de 1993 a 2013.

O gráfico da Figura 3 retrata o número de projetos e os recursos do ProExt MEC desde a sua criação. A importância do ProExt MEC vem crescendo a cada ano, conforme

ilustrado no gráfico da Figura 3. O recurso atual disponibilizado pela ProExt (2014) corresponde a 1300% em relação ao primeiro edital lançado (2004). Observa-se também que o total de projetos atuais aumentou 419,50% em relação ao primeiro edital.

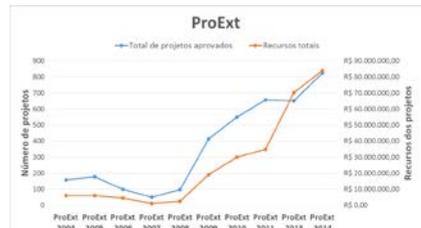


Figura 3: Gráfico relacionando o número de projetos e o recurso do ProExt MEC no período de 2004 a 2014.

A Figura 4 retrata os projetos e os recursos recebidos da UFOP pelo ProExt MEC. Observa-se que o ano de maior recebimento de recursos e projetos aprovados da UFOP foi em 2011. Pode-se verificar, também, que houve uma queda de 33,33% dos projetos atuais relacionados ao primeiro edital. Mesmo com essa queda, os recursos recebidos no edital de 2014 equivalem a um crescimento de 93,15% em relação ao primeiro ano. Mas, de qualquer forma, houve um grande decréscimo em relação a 2011: os recursos atuais tiveram uma queda de 293,95%, e o número de projetos teve decréscimo de 350%.

Logo, para melhorar o quadro da UFOP em relação ao ProExt, foi necessário incentivar a participação maior dos docentes,

tanto na UFOP quanto nas engenharias (pode-se notar que nas engenharias a extensão é pouco trabalhada). Esse incentivo poderia vir, por exemplo, na forma de programas que ensinem a formular o projeto de acordo com as normas exigidas no ProExt MEC.

Figura 4: Gráfico relacionando o número de projetos e o recurso do ProExt -



UFOP no período de 2011 a 2014.

CONCLUSÃO

A extensão vem crescendo no Brasil e é importante manter a política atual de fomento, precisa ser repensada, tanto nas universidades como no MEC, a inclusão de um representante da comunidade no comitê de avaliação dos projetos, visto que a comunidade é a principal interessada e deveria participar da análise dos projetos.

Na UFOP, as áreas de engenharia não têm mostrado interesse pela extensão em razão da grande demanda da pesquisa e prestação de serviço. Para mudar esse quadro, há necessidade de uma política de valorização da extensão com ações, como, por exemplo, a maior divulgação da extensão e da sua importância para todos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às seguintes instituições que foram importantes para a construção e a manutenção do projeto ao longo de sua trajetória: Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Governo Federal, Petrobras, Fundação de Apoio à Universidade de São João del-Rei, Fundação Gorceix, Novelis, Prefeitura Municipal de Ouro Preto, Universidade Federal de Ouro Preto e Instituto Federal de Minas Gerais – campus Ouro Preto.

REFERÊNCIAS

- FAVERSANI, F. Catálogo de Projetos de Extensão Proex UFOP-2005-2006.
- JÚNIOR, B.R.A. Catálogo de projetos de extensão-2007/2008.
- MARLIÈRE, A.C. Catálogo de Atividades da Diretoria de Extensão/UFOP-1993 e 1994.
- MARLIÈRE, A.C. Catálogo de Extensão Universitária da UFOP-1995.
- MARTINS, L.J. Prestação de Contas Ordinárias Anual. Exercício de 2010-2011.
- MARTINS, L.J. Relatório de Gestão do Exercício de 2012.
- MARTINS, L.J. Roteiro de Verificação de Peças e Conteúdos – Exercício 2009.
- NAVARRO, G.R. Catálogo de Extensão 1996. Diretoria de Extensão – UFOP.

NASCIMENTO, D. Catálogo de Projetos de Extensão Proex UFOP-1997 – 2004.

OLIVEIRA, S.R. Catálogo de projetos de extensão-2013.

ONÇA, L.A.; CAMARGO, E.D.S.; PINHEIRO, A. Economia da Cultura e Extensão Universitária 2010.

Consulta em meio eletrônico

Como surgiu a extensão universitária no mundo. Disponível em

<
<https://www.ufmg.br/boletim/bol1708/2.shtml>>> Acesso em 15 de fevereiro de 2014 às (09:55)h

Editais proext MEC. Disponível em

http://portal.mec.gov.br/index.php?Itmid=490id=12243option=com_contentview=article> > Acesso em 20 de janeiro de 2014 às (11:00)h

Histórico dos Cbeus Disponível em

<http://www.ufrgs.br/5cbeu/?page_id=514> Acesso em 12 de janeiro de 2014 às (09:00)h

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP. Extensão. Disponível em

<
<http://www.proex.ufop.br/index.php/component/content/article/82-site-2013/102-apresentacao-site-2013>>

Acesso em 10 de fevereiro de 2014 às (09:00)h.

FABRICAÇÃO DE SABÃO: UMA FORMA DE CONSCIENTIZAÇÃO, GERAÇÃO DE RENDA E INCLUSÃO SOCIAL

Letieri Fernandes Pessoa, Meiry Edivirges Alvarenga, Rodrigo Chaves Amaro,
Ângela Leão Andrade
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG
angelaleao@iceb.ufop.br

Resumo

A partir da década de 1990, a economia solidária ganhou força no Brasil, resgatando valores como o apoio mútuo, a responsabilidade, a igualdade, a equidade e a solidariedade. O presente projeto teve por objetivo utilizar as bases da economia solidária para promover a educação ambiental e o desenvolvimento de mulheres carentes. Inicialmente, o projeto foi realizado em Ouro Preto e, posteriormente, em Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto, Minas Gerais, sendo executado com mulheres que se encontravam excluídas do mercado de trabalho e teve como objetivo ensinar a fabricação de sabão a partir de óleo usado, valorizando os conhecimentos prévios das mulheres, a fim de se obter um aumento da renda, da autoestima e da qualidade de vida das participantes e de suas famílias. Para alcançar esses objetivos, professores da Universidade Federal de Ouro Preto treinaram alunos para que dessem cursos profissionalizantes e acompanhamento técnico. O crescimento foi mútuo, a começar pelos professores que passaram a trabalhar com demandas reais da comunidade, seguido dos alunos que, além de aprenderem sobre temas variados, deviam transmiti-los a pessoas com baixa escolaridade e, por fim, a comunidade, que aprendia teorias científicas e ensinavam observações práticas. Como resultado, as mulheres que participaram do projeto de Antônio Pereira conseguiram construir um arranjo produtivo de sabão artesanal onde se tem atualmente integração social, ambiental, financeiro e o peracional íntegro e consistente.

Palavras-chave: fabricação de sabão, óleo residual, conscientização, cooperação, inclusão social, capacitação, geração de renda.

Abstract

The Solidarity Economy is recent in Brazil gaining momentum in the country in the 1990s redeeming values such as mutual support, responsibility, equality, equity and solidarity that each individual possess in their way of living that is being degraded by the current way of life. This project aimed at using the foundations of solidarity economy to promote environmental education and the development of women's Antônio Pereira district of Ouro Preto in Minas Gerais state, in the poor community that were excluded from the labor market, seeking development all members equally, enhancing their skills and individual talents in order to obtain the

increased self-esteem and quality of life for participants and their families. It was found in the first year exchange of experiences by the University which offered training courses and technical support and dedication community which in turn were able to take advantage of the knowledge acquired allowing the construction of a productive arrangement of handmade soap which has social, environmental, financial integration and operational integrity and consistent.

Keywords: Soap Manufacturing, residual oil, awareness, cooperation, social inclusion, empowerment, income generation.

INTRODUÇÃO

O aumento crescente de desemprego, atrelado ao aumento da taxa tributária anual, tornou-se uma grande preocupação nos dias atuais. A taxa de desemprego que, em janeiro de 2014, atingia 4,9% da população (IBGE, 2014), hoje atinge cerca de 8%, aproximadamente 8 milhões de pessoas no país (IBGE, 2015). Com base nessa preocupação, um grupo de professores da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, se esforçaram a ajudar mulheres em estado de vulnerabilidade social por meio da fabricação de sabão. O projeto primeiramente foi inserido em Ouro Preto, MG, e, posteriormente, em Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto. Os professores escolheram Antônio Pereira devido ao censo realizado em 2010, que apontava que aproximadamente 49,60% de cerca de 4.500 habitantes eram mulheres (Lelis, 2012) desempregadas, a maioria mães solteiras, que não possuíam o segundo grau completo,

e não estavam inseridas no mercado de trabalho.

Em muitas localidades, principalmente nos de baixa renda, ainda resiste um preconceito com relação às mulheres no mercado de trabalho. É ainda comum a ideia de que as mulheres não devem ter profissão ou ocuparem a posição familiar e profissional “do lar” (Carloto, 2011). Foi possível confirmar tal informação por questionários produzidos com a comunidade, em que aproximadamente 30% delas se diziam donas de casa e, com isso, não estavam presentes no mercado de trabalho (Lelis, 2012).

Nesse contexto, os professores da UFOP decidiram ensinar a produção de sabão porque: (1) a população que faria o curso já o produzia, porém não de forma conscientizada, eficiente, segura e ambientalmente aceito, visto que geralmente o sabão tinha muita soda, tóxica para as pessoas e para o meio ambiente; (2) o sabão é um produto básico e indispensável à sociedade, tornando seu comércio facilitado; (3) o sabão

ensinado utilizaria óleo residual e, dessa maneira, solucionaria o problema do descarte incorreto de óleo no meio ambiente sendo, portanto, uma solução ecologicamente correta.

METODOLOGIA

Ante o exposto, o presente projeto visava estreitar as relações entre Universidade e comunidade por meio da fabricação de sabão e teve como objetivo de inclusão social de mulheres, conscientização ambiental, capacitação e geração de renda. Com a utilização do conhecimento técnico-científico da equipe multidisciplinar, formada por professores e alunos da UFOP e, por meio do aproveitamento da capacidade associativa das mulheres e sua experiência na produção de sabão artesanal para consumo próprio, o projeto buscou, em um primeiro momento, capacitar as mulheres da região na produção de sabão à base de óleo de cozinha já utilizado. Para isso, as mulheres fizeram cursos e receberam acompanhamento técnico acerca do processo produtivo. Pensou-se, com isso, que, após a capacitação, elas conseguiriam:

- Gerar renda, decorrente da venda e comercialização do sabão produzido pela fábrica artesanal;
- Aumentar a autoestima, proveniente do sentimento de utilidade que o trabalho cooperativo e a contribuição para o aumento da

renda familiar propiciam nas pessoas;

- Reduzir o impacto ambiental provocado pelo descarte do óleo de cozinha utilizado pelas famílias e refeitórios de empresas que atuam na região, diminuindo a contaminação do solo e dos mananciais hídricos locais;

- Possibilitar o aprimoramento da competência humana, por meio de intervenções que focalizaram os níveis intrapessoal, interpessoal e de equipe, visando o desenvolvimento pessoal e profissional das participantes.

Curso de extensão

O primeiro curso, oferecido por bolsistas da UFOP, vinculado ao NuCat, Núcleo de Capacitação Continuada da Cátedra – UNESCO, para a produção de sabão de óleo residual e conscientização ambiental, foi realizado em 2011. No ano de 2012, foram realizados dois cursos, um a cada semestre. O número de participantes, nas três edições, foi de 80 mulheres, com idade entre 30 e 60 anos. Esses cursos foram realizados na Escola de Farmácia da UFOP, localizada no centro histórico de Ouro Preto.

O curso era dividido em três módulos: meio ambiente, psicologia organizacional e produção do sabão, sendo a carga horária total de vinte horas. Os módulos foram ministrados por bolsistas que, para isso, estudaram, discutiram com os

professores orientadores e propuseram uma abordagem para tratar dos diferentes assuntos. Assim, os bolsistas se tornaram protagonistas, ora assumindo o papel de líderes frente à reparação dos materiais, ora de monitores frente à aplicação das atividades, numa abordagem de ensino mais interativa e dialógica.

Na parte referente ao meio ambiente, falou-se sobre o descarte incorreto do óleo e dos problemas que isso causa ao meio ambiente (Figura 1).



Figura 1: O ciclo do óleo.

Na psicologia organizacional, discutiram-se as relações pessoais e algumas possíveis soluções para problemas que puderam se originar dessas relações.

A parte de produção constou de aulas teóricas e práticas. Nas aulas teóricas, foi apresentada a história do sabão. Nesse momento, falou-se sobre sua origem remota, seus usos, indo até sua fabricação em larga escala, conforme observado na Figura 2.



Figura 2: A história do sabão.

Também foi discutida a química envolvida na reação de produção de sabão (saponificação) (Figura 3).

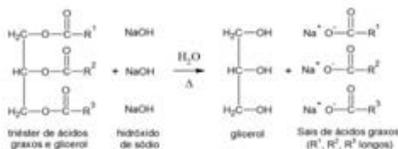


Figura 3: Reação de saponificação.

Por fim, foram informados os perigos que estavam submetidas as pessoas ao manusear a soda, hidróxido de sódio, e qual a maneira correta de fazê-la, Figura 4.



Figura 4: Precauções, efeitos à saúde e toxicidade das matérias-primas.

Depois desse primeiro momento teórico, foram ensinadas receitas aos estudantes. Essas receitas foram selecionadas e testadas pelos

bolsistas antes das aulas. As melhores receitas foram ensinadas. Com o intuito de diminuir o desperdício e valorizar a reciclagem, foi ensinado fazer papel reciclável para embalagens artesanais para as mulheres venderem seus produtos de uma maneira personalizada.

Apesar de as mulheres já fazerem sabão para consumo próprio, elas acharam muito interessante as aulas, e o curso foi enriquecido devido a troca de experiências. As mulheres apontavam os problemas e todos opinavam sobre como esses erros poderiam ser contornados. O ambiente de inclusão fez com que as participantes se envolvessem muito, o que facilitou a aprendizagem.

Esses cursos atingiram seus objetivos: conscientizaram as participantes sobre o problema da poluição do meio ambiente causado pelo descarte incorreto do óleo comestível residual e as capacitaram para a fabricação de sabão de boa qualidade. Além disso, obteve, como fruto de muito trabalho dos bolsistas, a publicação de dois livros: o primeiro sobre produção de sabão artesanal intitulado “Fabricação de sabão a partir do óleo residual: uma forma de conscientizar e capacitar mulheres” (Andrade, 2013a); e o segundo, “O papel e sua reciclagem” (Andrade, 2013b), ambos pela editora Universidade Federal de Ouro Preto em 2013. Essas publicações foram importantes para a expansão do curso e suas novas abordagens.

Expansão do curso

Depois dos cursos realizados na Escola de Farmácia, UFOP, em Ouro Preto, eles foram oferecidos a mulheres responsáveis pela limpeza da Universidade e, no grupo Renascer, a pessoas da terceira idade. Também foram feitas palestras de conscientização ambiental na Escola Pública Dom Pedro II e no Instituto Federal de Tecnologia de Ouro Preto. Por último, o curso foi oferecido em Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto.

Durante o curso realizado em Antônio Pereira, foi possível constatar que as mulheres eram trabalhadoras, questionadoras e que lutavam por condições sociais mais igualitárias. Além disso, esse distrito, que teve sua origem com a extração do minério, está esquecido pelos políticos e, conseqüentemente, à margem da sociedade com problemas sociais graves, como baixo nível de escolaridade da população, alto índice de violência e, principalmente, muita violência contra a mulher.

Com base nisso e, principalmente, no interesse das mulheres participantes do curso, em 2012, após a realização do curso de sabão, os professores da UFOP começaram um novo projeto, agora para auxiliá-las na formalização de uma fábrica de saneantes. Para iniciar essa nova iniciativa, no final desse mesmo ano, foi submetido um projeto ao edital do Banco Santander

- Universidade Solidária, 15 e d. O projeto foi deferido, e o dinheiro recebido foi empregado na compra de equipamentos e matérias-primas. Em 2013, o projeto também foi submetido à Fapemig, em apoio a projetos de extensão em interface com a pesquisa, também sendo deferido. Com o dinheiro recebido, foi possível comprar equipamentos para o estudo do controle de qualidade dos produtos. Em 2014, foi firmada uma parceria com a Samarco Mineração, que também muito contribuiu.

Portanto, esse segundo projeto, realizado em Antônio Pereira, utilizou o conhecimento técnico da equipe multidisciplinar, a capacidade associativa das mulheres, bem como a experiência delas na produção de sabão artesanal para consumo próprio, para organizar a produção e a comercialização de sabão à base de óleo residual e outros produtos de limpeza.

A equipe universitária, nessa época, era formada por sete professores e vinte estudantes provenientes dos seguintes cursos: Administração, Ciências Econômicas, Comunicação Social, Direito, Farmácia, Engenharias Ambiental e Produção, Química, Serviço Social da UFOP e Engenharia Civil.

Esse novo projeto constou de várias etapas. Primeiro, ele se preocupou em motivar as mulheres a trabalharem fora de casa e aumentar sua autoestima. Para isso, foram realizadas palestras e discussões

sobre cidadania, direitos, Lei Maria da Penha, finanças e vários outros temas.

Para ampliação das competências no gerenciamento da iniciativa, houve a capacitação das mulheres por cursos de gestão de negócios. A intenção era de que as mulheres conseguissem manter a iniciativa após a saída da Universidade. Também foram oferecidos cursos de técnicas de controle de qualidade e de legislação para a fabricação dos saneantes. Foram realizadas oficinas de segurança do trabalho e utilização de Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs), para a prevenção de acidentes e acidentes com produtos químicos. Para que os produtos tivessem sempre as mesmas características e qualidade, foram confeccionadas fichas de procedimento operacional padrão, POP, que descreve detalhadamente a produção de cada saneante.

Todos esses passos foram auxiliados e acompanhados por bolsistas e professores da área. Os bolsistas, que eram as pessoas mais próximas às mulheres, também se preocupavam em observar as habilidades de cada uma das mulheres visando uma posterior divisão dos trabalhos. Desde a fabricação até a venda dos saneantes, todo o processo foi sendo construído tanto por bolsistas quanto pelas mulheres, que se empenharam em atingir o objetivo.

A capacitação das mulheres e a possibilidade de aumentar a renda familiar com um trabalho fora de

casa foram importantes para despertar a motivação e aumentar a autoestima das participantes do projeto. Essa motivação resultou em algumas iniciativas importantes, como o estabelecimento de parcerias que não envolveram recursos financeiros. Para a realização dos cursos, por exemplo, elas conseguiram uma sala emprestada da paróquia local. Para a fabricação inicial dos produtos, conseguiu-se a secretaria de ação social. Procuraram supermercados e armazéns para serem pontos de vendas dos produtos. Os professores também ajudaram na divulgação e comercialização dos produtos através da organização de feiras e de um simpósio, que contou com o apoio da FIEMG e da Prefeitura de Mariana, respectivamente.

A venda de porta a porta possibilitou o contato com o consumidor final. Desse contato, surgiu a necessidade de fabricação de novos produtos, pedidos pelos consumidores, e também foi importante para diagnosticar a qualidade dos produtos vendidos.

A formalização da associação, com a criação do estatuto e seu registro no cartório, foi uma etapa natural. Surgiu com o aumento das vendas e a necessidade de legalizar o negócio, para possibilitar uma expansão ainda maior. O próximo passo foi a confecção da planta baixa para a construção da fábrica, que também teve ajuda dos alunos da UFOP, especificamente da civiljr, um empreendimento dos alunos da

engenharia civil, supervisionado por professores do curso de engenharia. Para isso, os alunos participantes da civiljr e os professores do projeto precisaram estudar as normas da Vigilância Sanitária. Com muito empenho dos professores da Universidade, e do secretário do prefeito, conseguiu-se a doação de um terreno, pela prefeitura de Ouro Preto, para a construção da fábrica.

Atualmente a equipe técnica, formada por alunos de Química e professores, pesquisa os indicadores de tempo médio de vida de cada um dos produtos, o controle de qualidade das matérias-primas e dos produtos acabados, o planejamento da produção diária de lotes por procedimentos padrões de medidas de produção para evitar perdas desnecessárias ao pesar e medir as matérias-primas.

A venda desses produtos no mercado regional expandiu depois de um curso na área de marketing e vendas, ministrado por uma professora da UFOP, e a elaboração de uma rede de vendas e uma logomarca para o produto, desenvolvido pelas mulheres com a ajuda de alunos de Comunicação Social e Ciências Econômicas.

Pelos resultados acima descritos, esperava-se que o projeto promovesse a organização de um arranjo produtivo que se sustentasse ao longo do tempo, por se basear na difusão do trabalho associativo, no lastro técnico-científico fornecido pela comunidade acadêmica, na educação socioambiental e na

participação de agentes públicos, privados e comunidade.

CONCLUSÕES

O projeto alcançou seus objetivos iniciais, que eram ensinar grupos de mulheres a fazerem sabão, conscientização ambiental a respeito do descarte do óleo de fritura, aumentar a sua autoestima e a sua renda.

O crescimento foi mútuo: dos professores, que passaram a trabalhar com demandas reais da comunidade; dos alunos, que além de aprenderem sobre temas variados tinham de transmiti-los a pessoas com baixa escolaridade; e da comunidade, que aprendia teorias científicas e ensinava observações práticas. Como resultado, as mulheres de Antônio Pereira, que participaram do projeto, conseguiram construir um arranjo produtivo de sabão artesanal com integração social, ambiental, financeiro e operacional íntegro e consistente.

AGRADECIMENTOS

À Alfasol-Banco Santander, Fapemig (CDS - APQ-02668-13), Samarco Mineração e UFOP.

REFERÊNCIAS

IBGE. Anuário Estatístico 2014. Rio de Janeiro, IBGE, 2014.

IBGE. Anuário Estatístico 2015. Rio de Janeiro, IBGE, 2015.

LELIS, C.T.; TEIXEIRA, K.M.D.; SILVA, N.M. *A inserção feminina no mercado de trabalho e suas implicações para os hábitos alimentares da mulher e de sua família*. Saúde debate [online]. vol.36, n.95, pp. 523-532, 2012.

CARLOTO, C.M.; GOMES, A.G. *Geração de renda: enfoque nas mulheres pobres e divisão sexual do trabalho*. Serv. Soc. Soc. n.105, pp. 131-146, 2011.

Disponível em:
<http://meioambiente.culturamix.com/blog/wpcontent/uploads/2012/03/Polui%C3%A7%C3%A3o-Por-%C3%93leo-1.jpg>;
Acesso em: 02/12/12.

Disponível em:
http://alvarovelho.net/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1;
acesso em: 27/07/2011.

Disponível em:
<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alf/a/historia-dosabao/historia-do-sabao-2.php>. Acesso em: 05/10/2010.

ANDRADE, A.L.; de GUARDA, V.L.M.; PESSOA, L.F. et al. *Fabricação de sabão a partir do óleo residual: uma forma de conscientizar e capacitar mulheres carentes*. 1. ed. Ouro Preto: Gráfica da Universidade Federal de Ouro Preto, v. 01. 38 p, 2013a.

ANDRADE, A.L.; de GUARDA, V.L.M.; PESSOA, L.F. et al. *O papel e sua reciclagem*. 1. ed. Ouro Preto: Gráfica da Universidade Federal de Ouro Preto, v. 01. 27 p, 2013b.

CURTI, P.S. *Artesanato e Reciclagem: Consciência Ambiental e Valorização de Materiais Recicláveis*, 2012

RESULTADOS PRELIMINARES SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA EM MINAS GERAIS NO ANO DE 2013

Thiago Pereira de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG
thiagobass87@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta, de forma sintetizada, algumas características do setor de Economia Solidária no Estado de Minas Gerais compreendendo sua dinâmica. Para isso, foi utilizada bibliografia básica sobre o assunto, além do banco de dados do Sistema de Informação de Economia Solidária-SIES 2013, disponibilizados pelo Ministério do Trabalho.

Palavras-chave: economia solidária, associativismo, cooperativismo, Minas Gerais, SIES.

Abstract

This paper presents a synthesized way about some features of the Solidarity Economy sector in the state of Minas Gerais understanding its dynamics. To do that, we used basic bibliography on the subject beyond the System Database Information Solidarity Economy-SIES 2013 provided by the Ministry of Labour in Brazil.

Keywords: solidarity economy, associations, cooperatives, Minas Gerais, SIES.

INTRODUÇÃO

A Economia Solidária é um termo que agrega várias formas de produção como cooperativas, associações, bancos comunitários, clubes de troca, colônia e t em se mostrado importante instrumento para geração de renda por conta da sua adaptação para cada microrregião, otimizando as características econômicas e culturais, gerando desenvolvimento diversificado para cada parte do país.

As atividades com princípios de Economia Solidária colaboram fortemente para o crescimento econômico sendo guiado pelos

valores da cooperação e ajuda mútua entre pessoas ou firmas, mesmo quando competem entre si nos mesmos mercados. Para Paul Singer, um dos principais autores sobre o assunto no país, a economia solidária abrange várias experiências, mas que garante certa identidade para cada empreendimento.

Esses empreendimentos devem procurar um desenvolvimento sistêmico, priorizando produtores de valores semelhantes, para contribuir com outras organizações com os mesmos princípios, fomentando redes de economia solidária (Pitaguari, 2012).

A Secretaria Nacional de Economia Solidária criou, no

Ministério do Trabalho e Emprego, o Sistema de Informação da Economia Solidária – SIES, organizando, a partir de 2005, o Mapeamento da Economia Solidária no Brasil. A pesquisa amostral, realizada por meio de questionários aos empreendimentos pelo país, gerou uma base de dados com 19.708 Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). Desses, 41% localizados no nordeste, 16% no norte, 17% no sul, 16% no sudeste e 10% no centro-oeste. O sudeste não é a região mais concentrada dos empreendimentos, mas tem muitas possibilidades de crescimento do setor. A pesquisa do SIES foi realizada nos anos de 2003, 2007 e 2013. Essa última será usada neste trabalho para conhecer os empreendimentos de economia solidária em Minas Gerais.

Com esses dados, é possível identificar as características individuais e familiares dos sócios, analisar fatores motivadores da participação nos EES e as correspondentes formas de atuação econômica, social e política dos sócios além de como esses empreendimentos impactam na renda dos associados.

Uma associação firmada em Cartório torna cada associação única, com regras próprias, possibilitando a prestação de serviços para outras associações, prefeituras municipais, além de órgãos públicos. O Estado de Minas Gerais que, segundo o IBGE, possui 853 municípios, pode

ser beneficiado com esse modo de produção.

As práticas cooperativistas

Bases teóricas

Esse princípio de solidariedade e cooperação resulta num modo de produção que visa o bem-estar coletivo e as responsabilidades comunitárias, possibilitando resolver problemas de cunho social. Para o sociólogo Jean Luis Laville, a Economia Solidária trata de problemas cotidianos na esfera pública, resolvendo-os através da reciprocidade entre os indivíduos, produzindo vínculos sociais e solidários, servindo para democratizar a economia (de Paula Leite, 2009).

Além da geração de renda, os empreendimentos de economia solidária adotam defesa do meio ambiente e do bem-estar dos consumidores, opondo-se a tecnologias que ameaçam a saúde do consumidor ou que ameaçam a biodiversidade, atingindo também a autonomia dos produtores associados e individuais (Singer, 2004).

A economia solidária é uma forma eficiente de desenvolvimento regional, pois, através da união de pequenos grupos, se torna possível e viável realizar grandes serviços. Para o Estado de Minas Gerais, que é diverso em suas fronteiras, será uma opção eficiente. Para o sociólogo Gaiger, os empreendimentos são dessemelhantes, pois motivações e origens também são distintas afins de soluções de problemas regionais:

“As experiências variam, porque são distintos os seus protagonistas, suas origens e motivações, suas atividades econômicas e, naturalmente, seus resultados” (Gager, 2007). A solidariedade e a cooperação no trabalho, uma vez internalizadas como prática cotidiana propiciariam fatores adicionais de eficiência, em prol do empreendimento.

A economia solidária tem uma ação sociopolítica, transformando num sistema de economia do trabalho e criando novas estratégias de desenvolvimento, visando os setores populares. Segundo Buarque (p. 9, 2002), o desenvolvimento local é “um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população”. É resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando suas capacidades e potencialidades específicas, associado a iniciativas inovadoras e mobilizadoras da coletividade. O autor também descreve que o desenvolvimento local requer sempre alguma forma de mobilização e iniciativas dos atores locais em torno de um projeto coletivo. Experiências bem-sucedidas de desenvolvimento local (endógeno) decorrem quase sempre de um ambiente político e social favorável, expresso por uma mobilização com interesses em transformação da realidade.

Economia solidária em Minas Gerais

Características Gerais

O Estado de Minas Gerais possui características peculiares e é o estado com maior número de municípios, segundo o IBGE: 853 municípios, divididos em 10 sub-regiões. Durante a história desse estado, várias vezes houve anexação de áreas de outros estados (sul de Minas pertencia ao Estado de São Paulo; região do Rio Doce pertencia ao Estado do Espírito Santo, entre outras), contribuindo para uma grande diversidade cultural e econômica para o estado.

Na pesquisa, 1188 empreendimentos foram entrevistados, cuja característica interessante é a predominância na área urbana (Figura 1), diferentemente de estados como Goiás (Costa, 2012) e da região sul do País (SIES – Divulgação dos dados PRELIMIRARES – base de dados 2013). Em Minas Gerais, 50% dos empreendimentos situam-se na área urbana, 18% em área mista (urbana e rural) e 32% na área rural.



Figura 1: Gráfico comparativo da existência de empreendimentos nas áreas: rural, urbana e mista em Minas Gerais.

A distribuição dos empreendimentos pelo estado pode ser visualizada na Tabela 1, que mostra as 10 sub-regiões do estado e também a quantidade de municípios em cada uma delas.

Tabela 1: Quantidade de empreendimentos por microrregião.

Região	Número de EES	Participação%	Cidades que possuem EES	Municípios	Porcentagem de municípios com EES
1 Central	403	34,0%	38	158	24%
2 Mata	106	8,9%	24	142	17%
3 Sul de Minas	73	6,1%	21	155	14%
4 Triângulo	130	11,0%	13	35	37%
5 Alto Paranaíba	55	4,6%	12	31	39%
6 Centro-Oeste	45	3,8%	6	56	11%
7 Noroeste	49	4,1%	10	19	53%
8 Norte	89	7,5%	17	89	19%
9 Jequitinhonha-Mucuri	138	11,6%	23	66	35%
10 Rio Doce	99	8,3%	23	102	23%
Total	1187	100%	187	853	

A região central possui a maior quantidade de empreendimentos contabilizados pelo banco de dados, com 403 dos 1187, representando 34% dos empreendimentos. Observa-se também que na região noroeste, a maioria dos municípios possui ao menos um empreendimento, 53% dos municípios.

As associações são caracterizadas por um conjunto de pessoas que se organizam para fins não econômicos, possuindo patrimônio, formado pela contribuição de seus membros para a obtenção de fins educacionais,

beneficentes, recreativos, morais, dentre outros; constituem-se por meio de um negócio formal, coletivo, jurídico e convergem para um objetivo comum (Nakamura, 2012).

Cooperativas, segundo a legislação, são também sem fins lucrativos. Nas sociedades civis e comerciais, há fins econômicos e lucrativos, porém, apenas a sociedade comercial é constituída para a prática constante de atos comerciais (Nakamura, 2012). Para a Aliança Cooperativa Internacional, no ano de 1995, em Manchester,

“cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem de forma voluntária para satisfazer suas necessidades e as demandas econômicas, sociais, culturais em comum, mediante uma empresa de propriedade conjunta e de gestão democrática” (Nakamura, 2012).

Grupos Informais predominam por não se caracterizarem como associações nem como cooperativas. No próximo gráfico, é possível visualizar a quantidade de empreendimentos em Minas Gerais. Outro ponto interessante é a falta de cooperativas de créditos pelo estado, aparecendo apenas na região Rio Doce e Alto Paraíba. Entende-se como uma forma eficaz de disponibilizar crédito para populações mais carentes e em taxas altas que os bancos privados oferecem o serviço.

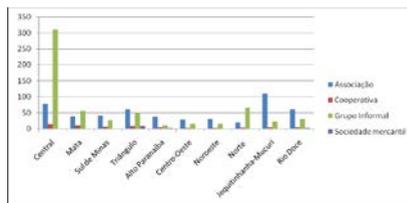


Figura 2: Gráfico indicando a formalização dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) em MG.

Diversas são as atividades econômicas desenvolvidas pelos EES em Minas Gerais. Como já foi dito, a grande maioria relaciona-se a grupos informais dedicados em produção e comercialização de artigos diversos. Na próxima tabela,

informações referentes a todas as outras atividades do setor no estado.



Figura 3: Gráfico mostrando a atividade econômica desenvolvida pelos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES).

CONCLUSÕES

Esse trabalho teve o objetivo fazer uma caracterização do setor de Economia Solidária, utilizando-se dos dados disponíveis através do SIES, Ministério do Trabalho. O setor tem predominância em grupos informais; empreendimentos predominam em áreas urbanas e têm número crescente de mulheres atuando neles. Trata-se de um setor que, por suas características produtivas, fabrica produtos diferenciados.

Quanto a incentivos políticos, é possível constatar que outros ministérios investem na economia solidária, como a parceria realizada pelo Ministério da Saúde com o Ministério do Trabalho no fomento de Empreendimentos de Economia Solidária para usuários da saúde mental, em que é possível a realização de geração de renda como forma de tratamento e geração de renda complementar.

Enfim, o setor poderia ter incentivos para a criação de cooperativas (o número de sócios poderia ser menor para a criação de cooperativa) e incentivos para a criação de bancos sociais para aumentar recursos financeiros nas regiões mais pobres. Outra iniciativa poderia ser uma mudança nas leis de licitações, dando incentivos para EES, pois, atualmente, o método de escolha das compras públicas ainda é o menor preço sugerido em licitações, e é observado que, em outros países, as cooperativas e as associações têm incentivos.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE, S.C. *Construindo o desenvolvimento local sustentável*. Editora Garamond, 4. ed, Rio de Janeiro, 2008.
- FILGUEIRAS, L.A.M.; GONÇALVES, R. *A economia política do governo Lula*. Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 2007.
- GAIGER, L.I. (Coord.); KUYVEN, P.S.; ORGANDO, C.B.; KAPPES, S.A.; da SILVA, J.K. *A economia solidária no Brasil. Uma análise de dados nacionais*. Editora Oikos Ltda. São Leopoldo, 2014.
- GAIGER, L.I. *A outra racionalidade da economia solidária*. “Conclusões do primeiro Mapeamento Nacional no Brasil”. Revista Crítica de Ciências Sociais v. 79, p.57-77, 2007.
- IBGE, retirado em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mg>
- LEITE, M.P. *A economia solidária e o trabalho associativo*. Teorias e realidades. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 24, n. 69, p. 32, 2009.
- NAKAMURA, F.M.K.; do AMARAL, V.A. *O Direito na instrumentalização da economia solidária*. A sustentabilidade da economia solidária: Contribuições Multidisciplinares p. 85, 2012.
- PITAGUARI, S.O.; dos SANTOS, L.M.L.; da CAMARA, M.R.G. *Panorama da economia solidária no Brasil*. A sustentabilidade da economia solidária: Contribuições Multidisciplinares, p. 33, 2012.
- SINGER, P. (2004) *Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário*. Estud. Av. São Paulo, v.18,n.51, Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200001&lng=en&nrm=iso

O MESTRE CANTEIRO JUCA: CAMINHOS DE UMA PESQUISA E EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Fernanda Amaral Mota¹, Francielle Câmara Nogueira², Carlos Alberto Pereira²

¹ Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, MG

² Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG
pereira@demin.ufop.br

Resumo

Este trabalho objetiva divulgar e trazer para discussão uma pesquisa realizada em 2014 na Universidade Federal de Ouro Preto, MG. Investigou-se o ressurgimento da técnica da cantaria em Ouro Preto, propiciado pelo extensionista José Raimundo Pereira, Mestre Juca (1923-2006), considerado o último mestre canteiro de Minas Gerais. Mestre Juca iniciou-se como autodidata em trabalhos com a técnica na década de 80 e até o ano de sua morte, em 2006, realizou inúmeras restaurações no estado. Tornou-se, além disso, responsável pela criação do Programa Cantaria da Universidade que, desde 2000, atuou na extensão universitária, promovendo intenso diálogo entre a Universidade e a comunidade por meio de atividades como visitas a bens históricos e aulas práticas de cantaria. Procuramos evidenciar o papel de Mestre Juca para a conservação dos monumentos e preservação do saber-fazer da cantaria. A metodologia da História Oral foi considerada de grande pertinência no trabalho. A partir das contribuições teórico-metodológicas da micro-história, consideramos a relevância histórica e social desse trabalho ao partirmos da ideia de que um estudo sobre o único indivíduo que atuou frente a questões relacionadas ao resgate de um ofício, pode ressignificar a importância de técnicas em vias de extinção, como a cantaria. Dentre os resultados, foram construídos um texto e dois artigos apresentados em congressos. Ao trazer a memória do Mestre Juca para o Programa de Extensão Cantaria, acreditamos contribuir para a formação de uma consciência mais apurada da história e da historicidade dos bens e do cotidiano de outros indivíduos que trabalham com técnicas construtivas na contemporaneidade.

Palavras-chave: cantaria, patrimônio, consciência social.

Abstract

This work aimed to produce a text biography of José Raimundo Pereira (1923-2006), ouro-pretano citizen, responsible for reinventing the art of masonry in the state of Minas Gerais, thus becoming the last master of the stoneworks in the area. The masonry consists in using rocks for ornamental purposes in buildings or structural. Widely used in buildings of the colonial period, no longer found representatives among “mineiros”- Minas Gerais citizens, in the twentieth century, which needed the use of outside labor for the restoration of monuments that had been consumed by time or other problems affecting their conservation. José Raimundo Pereira began to form self-taught work with stone in the 80s and even

the year of his death in 2006 made numerous restorations in stonemasonry monumental around the state. Considering the importance of the technical rescue of Minas Gerais heritage to the asset base that houses the state and the formation of new beds, this project is guided on the contributions of the methodology of oral history in junction with other documentary sources. We have the working papers of the biography, from magazines that mention photographs. In addition, we have available interviews with the stonework master and his wife Dona Ilda Pereira, the bed formed by José Raimundo Pereira, Francisco de Oliveira Barbara among others. With these documentary sources built up a biography that articulated the life of the master to other mechanical trades at risk of extinction and to consider the contemporary issues related to inheritance of Ouro Preto and Brazil as a whole, since its rescue and Stonework are closely related to these issues discussed as a great importance nowadays.

Keywords: stonework, monumental, restorations.

INTRODUÇÃO

Casarões e fachadas compõem parte do cenário de muitas cidades do interior do Estado de Minas Gerais. O estilo de vida do presente se mescla com construções coloniais, promovendo a sensação de retorno ao passado. Construções civis e religiosas integram o conjunto arquitetônico e paisagístico do local. As fachadas das casas e igrejas, as construções que serviam ao poder público, a decoração interior dessas construções, fontes, pontes, chafarizes, todos esses monumentos são símbolo da opulência e poder advindos da exploração do ouro no século XVIII e XIX. Atravessando o atlântico, diversas técnicas chegavam ao Brasil, o que fez com que a colônia adquirisse traços europeus em suas construções, apesar de apresentar particularidades no estilo e nos materiais utilizados. Dentre essas diversas técnicas,

destaca-se a cantaria. Onipresente no cenário urbano atual, essa técnica veio para o Brasil em meados no século XVI com a vinda do governador geral Tomé de Souza. Consiste basicamente em “Lavar a rocha em formas geométricas ou figurativas para construções, com finalidade ornamental e/ou estrutural” (Pereira, Licardo e Silva, 2007).

Durante o século XVIII foi utilizada em grande escala nas construções da antiga Vila Rica. No início do período colonial, as rochas vinham de Portugal, sendo o lioz a mais utilizada. Posteriormente, com a ocupação dos sertões, tornou-se difícil o transporte a longas distâncias pelo interior, e isso fez com que a pedra regional conhecida por itacolomito se tornasse a matéria-prima das obras de cantaria da região de Ouro Preto. Porém, com a decadência da atividade de extração do ouro e a transferência da

capital mineira para Belo Horizonte em 1897, já no século XIX, o trabalho com a cantaria se tornou escasso e houve uma ausência de mestres canteiros, que são os responsáveis pelo talhe das pedras utilizadas na técnica. Sendo assim, quando da necessidade de restauração de alguma obra feita por meio da cantaria, era necessária mão de obra de outros estados ou mesmo de fora do Brasil.

Ouro Preto, esplendorosa no período da mineração, já não contava com mestres canteiros que residiam na cidade, nem tampouco na região. No regime republicano, o efeito da perda dos oficiais mecânicos se fez sentir. No início do século XX, mais especificamente por volta da década de 30, Ouro Preto, outrora Vila Rica, assim como as antigas vilas auríferas, passa por um processo de preservação do patrimônio histórico. Isso ocorre principalmente por meio de uma política preservacionista do antigo Serviço de Proteção Histórica e Nacional (SPHAN) e do modernismo. A preocupação republicana era modernizar e encontrar as raízes do povo brasileiro. No início da década de 20, os modernistas visitaram a cidade de Ouro Preto, o que contribuiu para o destaque da cidade como centro intelectual e cultural. Assim “Na busca de entender a história, as raízes de construir a identidade de uma nação em desenvolvimento, os modernistas acabaram elegendo casarões, cidades, monumentos e igrejas coloniais barrocas como bem

representativos de uma história e de uma arte brasileira autêntica” (Apud Gonçalves, 2002). A importância conferida aos bens de Ouro Preto fez com que a cidade fosse elevada a “monumento nacional” no ano de 1933 (Cifelli, 2005).

Ao visar à reocupação em preservar os monumentos da cidade, buscou-se a manutenção de aspectos da antiga vila colonial. Para que isso fosse possível, investiu-se na recuperação e restauração de obras que apresentavam problemas de conservação e desgaste pelo tempo. Porém, como supramencionado, nem todas as técnicas contavam com pessoas capacitadas para seu exercício. Eis que surge a pessoa que nos interessa em meio a esse panorama. Trata-se de José Raimundo Pereira, um senhor que nasceu em Ouro Preto no ano de 1923 e, na década de 80, desenvolveu trabalhos com a técnica da cantaria, se tornando o responsável pelo ressurgimento desta em um momento em que a cidade passava ao mesmo tempo pela valorização de seu patrimônio histórico e cultural, mas não possuía mão de obra para a restauração dos trabalhos em cantaria.

Tendo em vista essas primeiras considerações e a partir da compreensão de que não é possível captar cada ponto de uma existência humana, visto considerar que nenhuma vida é construída de forma linear e sem contradições e a vida cotidiana é repleta de dúvidas, de momentos de incertezas e a

identidade de uma pessoa se constrói de forma fragmentária e dinâmica, longe de se constituir de forma ordenada (Levi, 1998), esse trabalho tem a pretensão de buscar uma aproximação da trajetória de vida de José Raimundo Pereira.

METODOLOGIA

A memória de José Raimundo Pereira, mais conhecido por seu Juca ou Mestre Juca, não se limita a seus amigos e familiares, nem tampouco a Ouro Preto, sendo ele lembrado por pessoas de outros lugares do mundo. Terá sido ele um indivíduo singular? Alguns o lembram com carinho, aquele carinho que se tem por uma pessoa da família ou mesmo um amigo. Outros o recordam como verdadeiro mestre. Há ainda os que evocam sua memória como alguém importante e digno de ser conhecido por outras pessoas. No presente trabalho, a vida de seu Juca foi analisada por um viés historiográfico, o que não descarta que reconhecemos a dimensão subjetiva aqui presente. Consideramos que “Reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva”.

Já que consideramos a importância de um método científico na construção desta pesquisa, pautamo-nos nas contribuições da história oral. Nos anos de 2004 e

2005, Deise Simões Rodrigues, aluna da Universidade Federal de Ouro Preto do curso de História, realizou entrevistas com José Raimundo Pereira, sua esposa Dona Ilda Pereira, os canteiros Edniz e Francisco Bárbara de Oliveira, ambos formados por Mestre Juca, e ainda com o então prefeito de Ouro Preto, Ângelo Osvaldo, que exercia o cargo nos anos das entrevistas e havia sido secretário da cultura no período em que o Mestre Juca resgatou a técnica da cantaria. Todas essas entrevistas ocorreram no decorrer de uma pesquisa apoiada pelo CNPq e, através da utilização dessas fontes orais, o projeto Cantaria da UFOP, por meio da aluna Deise Simões de Carvalho e do professor Doutor Carlos Alberto Pereira, conseguiu produzir mais três textos sobre o Mestre Juca. Esses textos problematizaram a vida de seu Juca através de sua relação com a reinvenção do ofício. Foram publicados e apresentados em congressos e abriram possibilidades para novas abordagens acerca do último mestre canteiro de Minas Gerais.

A utilização dessas entrevistas foi de enorme contribuição na busca por reconstrução de parte da vida de Mestre Juca. A memória dos depoentes foi a nossa principal guia nessa tarefa. Além disso, a utilização de entrevistas de outras pessoas e não somente do relato do biografado possibilitaram a criação de um panorama de como foi construída pelas pessoas a figura de José

Raimundo Pereira. Por meio desses depoimentos, foi possível pensar em outros aspectos da sua vida além de sua relação com a cantaria, visto que ele, além de último mestre canteiro do Estado de Minas Gerais, exerceu papel de filho, irmão, pai, amigo, dentre outros. Sua existência perpassou o campo do trabalho. A memória das pessoas acerca de Mestre Juca não se restringe ao resgate da técnica da cantaria. Esse aspecto, sem dúvida, marcou a vida do mestre e das pessoas que o rodeavam, mas assim como todos os indivíduos, Mestre Juca atuava em vários campos ao mesmo tempo. Acreditamos que uma das inúmeras possibilidades do método da história oral é conectar essas esferas da vida de um indivíduo, dando sentido a uma trajetória individual e buscando ao mesmo tempo respostas para o coletivo.

A metodologia da história oral respondeu a muitos dos questionamentos colocados pela pesquisa, possibilitando, dessa forma, que o objetivo de construção de um texto sobre a trajetória de José Raimundo Pereira fosse possível. Além dessa metodologia, optamos por considerar a micro-história como uma abordagem de pesquisa que, dentre inúmeras outras possibilidades, pode nos fornecer contribuições para a análise de uma realidade colocada em constante relação com outras a partir da variação das escalas de observação. Revel deixa claro que a dimensão micro não representa nenhum

privilegio especial, mas que, no entanto, ao ser pensada a partir do princípio de variação, pode trazer novos contornos para a pesquisa.

É importante colocar que a proposta da micro-história não se volta para uma oposição entre o que é considerado particular ou geral. Para Jacques Revel, “Não existe, portanto hiato, menos ainda oposição entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global” (p. 28).

A pretensão de investigação da vida de seu Juca, ao partir da premissa de que a variação de escalas pode enriquecer este trabalho em História, é o acompanhamento da vida de um indivíduo particular, autor de uma história única, mas, ao mesmo tempo, que teceu relações com o meio em que viveu, sendo parte de uma realidade social maior, que perpassa as vontades individuais. Assim, “... a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a medida das relações nas quais ele se inscreve” (Revel, 1998 p. 21).

Dessa forma, a micro-história trouxe enormes contribuições em cada etapa da pesquisa que buscou pensar a vida de Mestre Juca como

um homem singular em constante relação com o meio em que viveu.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de pensar a vida de José Raimundo Pereira foi parte de uma iniciação científica que contou com o apoio da FAPEMIG. Foi possível a apresentação dos resultados encontrados ao longo de cada etapa e das compreensões que surgiram em dois congressos. Nesse artigo, percebemos a importância da divulgação de parte do texto que elenca a trajetória de seu Juca. É importante destacar que o texto foi reduzido em algumas partes em função do padrão estabelecido.

No ano de 1923, em meio a um contexto marcado por políticas de preservação ao patrimônio, nasce no Morro São Sebastião, em Ouro Preto, o homem que ficaria conhecido por ter resgatado o ofício da cantaria em Minas Gerais. José Raimundo Pereira era filho de uma dona de casa e de um apanhador de tropas. Desde pequeno, talvez por necessidade ou mesmo como ele afirmava, por prazer, estabeleceu contato com o mundo do trabalho, suas atividades sempre estando ligadas a algum ofício. Aos onze anos, teve seu primeiro emprego numa fábrica de chá próxima à Cachoeira das Andorinhas. Ia para o trabalho direto da escola e nele permaneceu até o terceiro ano quando teve que se mudar para o colégio Dom Pedro II, já que, no Morro São Sebastião, só ofereciam

até o terceiro ano do ensino primário. Desde então, até o ano de sua morte, em 2006, nunca deixou de exercer alguma função. “Não era chegado muito em escola, minha ideia mesmo era o trabalho, minha família era de gente humilde e eu queria ajudar. Lá de casa eu era o mais velho, sou o mais velho, só tinha uma irmã acima de mim, o resto tudo era abaixo” (Pereira, 2004a). José Raimundo Pereira não narrou sua vida antes de ingressar em algum tipo de trabalho. Quando foi realizada a primeira entrevista com seu Juca, na qual se pediu para que falasse sobre sua vida, ele iniciou sua fala a partir da época que começou a trabalhar. “A minha vida é o seguinte: eu, aos onze anos, já comecei a trabalhar, porque eu saía da escola e ia pro trabalho” (Pereira, 2004a).

Saiu da escola dos 13 para 14 anos, não fornecendo a data correta. Alegou que não gostava muito de estudar, sempre preocupado em ajudar em casa: “Não era chegado muito em escola, minha ideia mesmo era o trabalho, minha família era de gente muito humilde e eu queria ajudar” (Pereira, 2004a). Na sociedade industrial que estava se formando, era comum os jovens saírem de casa muito cedo à procura de emprego para ajudar nas despesas de casa. Esse foi o caso de seu Juca, que lembrou a condição da família ao justificar sua decisão de sair da escola.

Consideramos que o meio também propiciou as condições para

que o mestre desenvolvesse a técnica num período que demandava a restauração das obras do período colonial. Assim, ao mesmo tempo em que seu Juca pôde desenvolver sua técnica em Ouro Preto, ele dependia do contexto total para que isso se tornasse de fato possível. Os indivíduos têm sua margem de atuação, mas esta, além de depender das estaturas pessoais, depende também das condições históricas de cada época.

Como mencionado anteriormente, Ouro Preto, na primeira metade do século XX, passou por um período de valorização de seus monumentos, o que fez com que a cidade ganhasse o título de monumento nacional em 1933. A indústria do turismo ganhou impulso e, para isso, houve a necessidade de uma estrutura própria para atender às atividades desse setor. Nesse processo, várias modificações foram feitas para atender a demanda turística da cidade. Depois de trabalhar na fábrica de chá, José Raimundo Pereira foi tirar tinta na Serra da Brígida, sendo esse o segundo trabalho dos muitos que viriam durante sua vida. Em 1939, em meio a adequação da cidade para receber grande fluxo de turistas, a Casa de Câmara e a Cadeia de Ouro Preto passaram por uma reforma para se tornarem o Museu da Inconfidência. Seu Juca foi então trabalhar nessa reforma como servente de pedreiro. Nessa época, teve o primeiro contato mais próximo com a técnica da

cantaria. Nas entrevistas que concedeu, lembra com detalhes esse trabalho que se iniciou no ano de 1939 e foi até 1941. “Era servente, era um serviço tão bruto. Entrava lá às vezes 7 horas da manhã, 8 horas tinha muito ‘nego’ que não aguentava, ia embora, largava o serviço. Assim foi. Eu aguentei, era opinião, achava que já era homem, eu também sou homem e posso fazer” (Pereira, 2004a).

Canteiros portugueses e espanhóis trabalharam na reforma do Museu. Nesse momento, seu Juca ainda não tinha nenhum interesse em aprender o ofício, mas, apesar disso, relatou que foi buscar pedras na Serra do Itacolomi para a construção de um panteão dos inconfidentes que seria construído no interior do museu como memória à Inconfidência Mineira, ocorrida em 1789. Quando desenvolveu a arte, o mestre já tinha tido contato com a pedra utilizada nos trabalhos de cantaria de Ouro Preto.

A narrativa de seu Juca é estruturada quase em sua totalidade de forma cronológica. Apesar de procurarmos seguir sua lógica, como sabemos que a vida de uma pessoa não é linear, vez ou outra procuramos mostrar outros aspectos que não seguem necessariamente a ordem do tempo.

Além do turismo, Ouro Preto, na primeira metade do século XX, impulsiona sua economia com a atividade industrial. Mestre Juca então, depois de trabalhar na Serra do Itacolomi, vai para o Parque

Metalúrgico, onde fica de 1943 a 1947. Essa experiência não é relatada com detalhes nas entrevistas. Em 1948 vai para a Alcan, atualmente Novelis. Inicia-se como pedreiro numa turma de obras, mas aos poucos aprende a lidar com outros tipos de serviço da empresa. Contou que foi nesse emprego que aprendeu fazer cálculos que mais tarde o ajudariam no ofício de mestre canteiro. “Então, eu trabalhei em tudo isso e pra mim foi muito bom, sabe? Porque você pensa bem, eu aprendi lá dentro, inclusive aquelas partes de cálculo, de material e desenho, aquilo pra mim foi muito bom, eu marcava, executava o serviço mesmo” (Pereira, 2004a). Ao que tudo indica, nunca faltou disposição para executar as tarefas que eram destinadas a ele. Em casa, porém, gostava de ter seus momentos de descanso e não era uma pessoa que saía muito a passeio. De acordo com a entrevista concedida por Dona Ilda Maria Pereira, sua esposa, ele era uma pessoa mais caseira e quieta.

“Ele liga mais é pra trabalho, ele pra sair, se eu falar assim: Ó Juca, vamos lá na casa de Fulano. Ah, hoje não, deixa pra outro dia. Ele sempre deixa pra outro dia (risos). Ele está feliz, eu acho que é t rabalhando, sabe. Se ele está em casa, tem hora que me dá até coisa, por que: Eh Juca sai do sol. Porque ele senta ali, fica cochilando: - Ah, não fica cochilando. Dá uma má impressão, não dá?” (Pereira, 2004b).

Seu Juca sempre deixou a administração da casa por conta de Dona Ilda. Segundo ela, os dois tiveram uma relação tranquila, assim como também sempre ocorreu com os filhos. Segundo seu relato, não era uma pessoa que gostava de brigar e procurava sempre se entender com a família para que tivessem uma relação tranquila, baseada no respeito. No início do n amor, seu Juca e D ona Ilda tiveram dificuldades em fazer com a que a família dele aceitasse a u não dos dois, porém Dona Ilda conta que, com o t empo, a situação foi se modificando. Muitas das tradições do Morro São Sebastião são mantidas desde o período colonial, é uma comunidade muito fechada e os familiares de seu Juca preferiam que ele se casasse com alguém do bairro ou da própria família de acordo com o relato da entrevistada. Mas como de nada adiantou as objeções iniciais, conseguiram o apoio da família com o tempo e assim que se casaram, foram morar no bairro Veloso e lá tiveram dois filhos, os quais criaram sempre juntos.

Em 1975, já com 42 anos, Mestre Juca saiu da Alcan e se aposentou, porém relatou que foi convidado a trabalhar na Universidade Federal de Ouro Preto pelo reitor Teodolo Pereira. Permaneceu nesse trabalho até 1980, exercendo vários tipos de funções. Em 1980, a Universidade estabeleceu um acordo com o IPHAN e Juca foi então transferido para trabalhar nesse novo posto.

Foi no convênio com o IPHAN que Mestre Juca, ainda conhecido por seu Juca, já que o título de mestre viria com o desenvolvimento do trabalho com o ofício de canteiro, realizou sua primeira reforma utilizando o quartzito como material. Em 1980, uma cruz do bairro Pilar sofreu danos em sua estrutura por causa da ação de um estudante que tentou subir em seus braços. As pedras encaixadas, devido a ação desse estudante, se soltaram e a cruz foi desmontada acidentalmente. Seu Juca relatou então que lhe pediram para ajudar no conserto do dano causado. Porém, como, em Ouro Preto, não existiam mais canteiros, a proposta era que o reparo causado na cruz fosse feito utilizando-se cimento em meio ao pó do quartzito, a pedra mais usada em Ouro Preto nas obras de cantaria. José Raimundo Pereira, não conformado em ter que trabalhar com o cimento numa obra tão cara à história de Ouro Preto, mostrou indignação ao rememorar o episódio e contou que prontamente disse que não faria tal tipo de trabalho, que era um “fingimento” (Pereira, 2004a). Disse então que faria uma peça com a própria pedra. É interessante notar a fidelidade da memória do seu Juca. Não há como saber se realmente suas palavras foram de que a proposta da restauração era um fingimento, mas temos provas materiais de que seu primeiro trabalho foi na cruz do Pilar no ano de 1980, o que valida o seu discurso. As outras pessoas entrevistadas também relataram a

indignação e iniciativa do mestre perante seu primeiro trabalho.

O descontentamento de seu Juca em relação a não restaurar a cruz com o material original, segundo dona Ilda, vinha de um amor que ele nutria pela cidade e sua história. Em várias passagens do seu discurso, o mestre demonstrou fortes emoções ao considerar que os bens de Ouro Preto sofrem descaso da população e das autoridades. No entanto, através da análise das entrevistas, parece plausível afirmar que essa preocupação aumentou à medida que ele se envolvia mais diretamente com as questões referentes ao patrimônio.

Seu Juca relatou que foi preciso quatro tentativas e só então conseguiu que a cruz adquirisse um aspecto próximo ao da original. Essa restauração marcou o início de uma trajetória de mais de vinte anos de trabalho com uma arte que já não tinha mais representantes em sua cidade. Ele mal podia imaginar que muitas pessoas se lembrariam dele como uma pessoa importante pela sua atuação como o último mestre canteiro do Estado de Minas Gerais.

Depois de restaurar a cruz, José Raimundo não parou mais de trabalhar com a técnica da cantaria, se tornando um artista notável principalmente por ter aprendido o ofício sem que esse lhe fosse passado por outras pessoas. Ele sempre se colocou como um autodidata. “Agora o que aconteceu é o seguinte: eu comecei a trabalhar nesse lado do Pilar. Foi o meu

primeiro serviço, foi aquele lá do Pilar. Porque eles falaram comigo, e falei ‘vou tentar’. Eu tentei e até hoje eu tô nessa brincadeira” (Pereira, 2004a). Sabemos que ele realmente não teve a ajuda direta de nenhuma pessoa, a única ocasião que contou ter tido algum contato mais direto com a técnica foi na reforma do Museu, mas, na época, não atribuía importância alguma ao fato.

Logo após ter o primeiro trabalho concluído e aprovado pelo IPHAN, mestre Juca realizou sua segunda restauração, sendo esta na Igreja São Francisco de Paula. Lá fez uma cruz e um arco numa janela. Em 1991, saiu do convênio com a Universidade, aposentando-se pela segunda vez. Foi então trabalhar no Museu da Inconfidência em mais uma reforma, mas, dessa vez, atuando como canteiro e não mais como servente de pedreiro, como em 1939. Ficou seis meses nesse trabalho e somente em 1995 realizou mais uma obra, dessa vez no bairro Antônio Dias. Uma cruz quebrou por causa de uma ventania e seu Juca relembrou com empolgação que, no dia da inauguração da nova cruz feita por ele, fizeram uma festa no bairro. A pedra utilizada na confecção da cruz foi retirada da Escola Técnica. Sempre que podia José Raimundo aproveitava pedras que não estavam sendo utilizadas em nenhum trabalho, estando paradas e sem funcionalidade em algum local.

O Museu do Oratório foi o próximo local que recebeu os cuidados do mestre. Nesse local, ele

realizou uma restauração na fachada do prédio. Foi contratado por uma empresa de Belo Horizonte, a Caporal, e relatou que se tornou amigo do proprietário dessa empresa.

Seu Juca tinha plena consciência de que as pessoas tinham que preservar os bens da cidade, isso era fundamental para que não houvesse a desvalorização do patrimônio histórico ouro-pretano. Relatou que se baseava nas obras de Ouro Preto para fazer qualquer trabalho, o que foi reiterado pelo canteiro Francisco Bárbara de Oliveira, que havia sido aluno do mestre Juca e hoje tem uma oficina, onde faz peças com o quartzito e a pedra-sabão em Passagem, distrito de Mariana. “Ele gostava mais que agente se espelhasse nas coisas da cidade e fazia as peças de acordo com o que existe na cidade”. Foi olhando as obras de Ouro Preto e se preocupando com a preservação de sua cidade natal que José Raimundo Pereira conseguiu se desenvolver como canteiro e formar pessoas capacitadas para atuarem e multiplicarem o ofício.

A obra do mestre não se restringiu a realizar restaurações pela cidade. Depois da reforma no Museu do Oratório, seu Juca ainda teria grandes realizações e projetos. Com sua força de vontade, ajuda e apoio dos familiares e amigos, conseguiria fazer com que outras pessoas se unissem a ele para a valorização do ofício de canteiro e das obras realizadas por esses trabalhadores.

Suas realizações sempre eram atribuídas a Deus. Religioso, disse sempre agradecer às mãos divinas por qualquer conquista ou mesmo pelo dom que possuía. Aliás, vale ressaltar que sempre atribuía seu aprendizado da cantaria a um dom, algo que considerava supremo, que vinha do alto. “Ele, ele usava uma palavra que ele gostava muito, ele falava assim: a gente não aprende nada se não tiver inspiração do alto, ou seja, inspiração divina” (Oliveira, 2007). As pessoas percebiam a fé que José Raimundo sempre carregava consigo onde quer que fosse, e ele mesmo se percebia como uma pessoa capaz de grandes realizações pela força de vontade e a presença de Deus. “Qualquer idade, você pode ter 80 ou 90, desde que você, Deus te deu ocê esse poder, essa saúde, você tem que aproveitar ela e é o que eu faço” (Pereira, 2004c).

Dizia também gostar muito do que fazia, encontrava prazer na realização de seus trabalhos. Não fazia nada por dinheiro, isso foi sempre apontado em seus discursos. Não ignorava que muito contribuiu com Ouro Preto e nem que formou vários profissionais na arte da cantaria, porém era agradecido às pessoas à sua volta, além de, claro, a Deus, como mencionado anteriormente. “O bom da vida de você é você fazer aquilo que você gosta e você ter um incentivo, porque é o que acontece comigo aqui” (Pereira, 2004c).

Muitos prêmios foram concedidos ao mestre Juca. Ele teve a oportunidade de viajar para a Europa para aperfeiçoar a técnica e disse ter ficado impressionado com o respeito que as pessoas têm pelos bens históricos ao mesmo tempo em que aqui, no Brasil, não existe essa mesma valorização. “Esse pessoal, sabe, eu tinha vontade que eles fosse num lugar igual lá na Itália, lá em Veneza, pra eles vê o respeito que o povo tem daquilo. Tem aqueles monumentos, aquela coisa, você vê que as pessoas passa ali e olha aquilo tá tudo conservado” (Pereira, 2004c). Sempre se mostrou indignado com o descaso das pessoas para com os bens tão caros, a cultura e a história de Ouro Preto. Apesar de se sentir incomodado com tantas questões que considerava erradas, seu Juca sempre fez o que pôde para contribuir com a formação de novas mentalidades em Ouro Preto acerca de questões ligadas ao patrimônio. Em vários momentos de sua fala, demonstrou acreditar que suas iniciativas estavam gerando frutos nesse sentido. Participou de vários eventos culturais, nos quais muitas vezes era homenageado por seu trabalho de grande importância para a preservação de cidades históricas. Foi integrante de um projeto da prefeitura de Ouro Preto em parceria com o Sebrae e com a FAOP, no qual o resgate de fazeres era o principal objetivo das iniciativas desse projeto. Foi nesse período que teve a oportunidade de ministrar, pela primeira vez, cursos para pessoas

interessadas em aprender a técnica da cantaria. Formou quatro alunos na primeira turma, sendo que dois desses alunos foram o Ângelo e o Francisco Bárbara que até hoje desenvolvem trabalhos com a cantaria, como mencionado anteriormente.

Por mais que a memória de seu Juca esteja, para muitas pessoas, ligada ao trabalho, não podemos esquecer que ele tinha sua vida e escolhas pessoais que não necessariamente estavam ligadas a sua função como mestre canteiro. Como todas as pessoas, passou por momentos difíceis e foi preciso muita força para suportar com firmeza as adversidades. Seu filho mais novo faleceu com 37 anos de idade, deixando saudades à família e amigos. Carlos Alberto Pereira, o outro filho de seu Juca, relatou emocionado que foi uma fase de muitas dificuldades, na qual a tristeza foi um sentimento constante. E foi em meio a esse período que, como forma de ajudar o pai a superar, surgiu a ideia de trazer para a Universidade Federal de Ouro Preto um projeto que inserisse em seus objetivos o aprendizado da cantaria e a preservação do patrimônio de Ouro Preto. Seu Juca iria ajudar em todas as etapas e seria responsável por formar novos canteiros na cidade. Foi montada uma oficina no campus da Universidade, e iniciou-se uma longa jornada de trabalho que, mesmo depois de tantos anos, ainda gera muitos frutos no que se refere ao

resgate da cantaria. Seu Juca, a princípio, ministrava cursos visando formar futuros canteiros. O início do projeto ocorreu no ano de 2000 e, aos poucos, foi se desdobrando em diferentes frentes de trabalho, além da formação de pessoas aptas a desenvolverem a técnica da cantaria. Atualmente atua no âmbito de pesquisa, ensino e extensão, todas as atividades estando sempre ligadas às questões de preservação do patrimônio e resgate da cantaria. Seu Juca plantou as sementes, hoje os frutos estão sendo colhidos através das ações promovidas pelo programa.

CONCLUSÃO

Esse trabalho procurou divulgar e trazer para discussão o ressurgimento da técnica da cantaria em Ouro Preto, propiciado pelo senhor José Raimundo Pereira, Mestre Juca (1923-2006). Consideramos a relevância desse trabalho ao compreender que um estudo sobre um único indivíduo que atuou frente a questões relacionadas ao resgate de um ofício trouxe novos significados para a história de Seu Juca, de Ouro Preto e, ainda, para a importância de técnicas que correm o risco de extinção.

REFERÊNCIAS

Fontes orais

OLIVEIRA, F.B. Ouro Preto, 6 de junho. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Denise Simões Rodrigues, 2007.

SANTOS, A.O.A. Ouro Preto, 5 de julho. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a D eise Simões Rodrigues, 2005.

PEREIRA, I.M.A. Ouro Preto, 30 de maio 2005. 1 f ita cassete (60 min). Entrevista concedida a D eise Simões Rodrigues, 2005.

PEREIRA, J.R. Ouro Preto, 09 de fev., 1 fita cassete (60 min). Entrevista

concedida a D eise Simões Rodrigues, 2004a.

PEREIRA, J.R. Ouro Preto, 18 d e março., 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a D eise Simões Rodrigues, 2004b.

PEREIRA, J.R. Ouro Preto, 10 de fev., 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a D eise Simões Rodrigues, 2004c.

EMPREENDEDORISMO SOCIAL EM PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ESTUDO DE CASO – ANÁLISE DAS ETAPAS DE ELABORAÇÃO DO PROJETO DA CÁTEDRA UNESCO PARA O PRÊMIO SANTANDER UNIVERSIDADE SOLIDÁRIA 2013

Vera Lúcia de Miranda Guarda, Fábio Viana de Moura
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG
vera.guarda@gmail.com

Resumo

A extensão universitária, juntamente com o ensino e a pesquisa, compõe os pilares de sustentação da universidade brasileira. Seu desenvolvimento ganhou impulsos a partir do momento que deixou de ser assistencialista e passou a empregar os conceitos de empreendedorismo social em seus projetos e programas. Dentro desse conceito, o presente artigo tem por objetivo analisar as fases de elaboração do projeto de extensão: Desenvolvimento socioeconômico das mulheres de Antônio Pereira e educação ambiental – a organização da produção de sabão artesanal à base de óleo de cozinha usado. Inicialmente, definiram-se os principais constituintes de um projeto. Na sequência, a análise descritiva desse estudo de caso se posiciona nos estágios iniciais de elaboração de um projeto, os quais são considerados etapas críticas. O diagnóstico mostrou uma situação socioeconômica bem complexa no distrito e permitiu investigar as suas causas. A partir desse marco zero, traçou a problemática, utilizando a metodologia da árvore dos problemas/objetivos. A análise ainda insere o projeto no contexto de equidade de gênero, considerando a participação das mulheres. Finalizando, faz uma referência à visita dos organizadores do Prêmio Santander ao local. Conclui-se que o projeto analisado é multidisciplinar, que pode ser considerado como um programa de extensão, mostrando uma interação de mão dupla com a comunidade e que a sua análise poderá contribuir para que outros autores possam ter referências na elaboração de seus projetos.

Palavras-chave: Extensão universitária, estudo de caso, empreendedorismo social, Prêmio Santander Universidade Solidária, equidade de gênero.

Abstract

The university extension along with teaching and research composes the pillars of Brazilian university. Its development has gained impulses, from the moment it stopped being welfare and has to employ the concepts of social entrepreneurship in its projects and programs. Within this concept, this article aims to analyze the stages of preparation of the extension project: Development of socioeconomic women from Antônio Pereira and environmental education - the organization of production of handmade soap based on used cooking oil. Initially, it's defined the major components of a project. Following the descriptive analysis of this case

study is positioned in the early stages of developing a project, which are considered critical steps. The diagnosis showed a very complex socioeconomic situation in the district and allowed to investigate its causes. From that starting point, traced the problem using the methodology of the tree of problems / goals. The analysis also places the project in the context of gender equity, considering the participation of women. The ending is a reference of the visit to the organizers Santander Award to the site. It's concluded that the analyzed project is multidisciplinary, which can be considered as an extension program, showing a two-way interaction with the community and that the same analysis could contribute to that other authors may have references in the preparation of their projects .

Keywords: University extension, Case study, social entrepreneurship, Santander Award Santander University Solidarity, gender equity.

INTRODUÇÃO

As universidades são estruturadas em um triplo arcabouço indissociável: a pesquisa, o ensino e a extensão. A pesquisa dá suporte ao ensino com o desenvolvimento de novas tecnologias e outras inovações. A extensão, embora seja a irmã mais pobre dos três, também engloba o ensino e a pesquisa, mas de uma maneira diferenciada. É através da prática da atividade extensionista, que o futuro profissional vai aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula e a Universidade vai retornar para a comunidade que a abriga o conhecimento para auxiliá-la a resolver problemas de quaisquer naturezas, sejam eles de caráter socioeducacional, como a redução do analfabetismo, ou de natureza econômica, ensinando aos trabalhadores a gerenciar melhor seus negócios ou a aplicar melhor seus salários. Mas, a extensão precisa ser uma via de mão dupla,

pois o saber fazer e a cultura de uma comunidade normalmente não se ensinam em sala de aula, havendo, portanto, uma troca de saberes.

Dentro desse contexto, apresenta-se o projeto Desenvolvimento socioeconômico das mulheres de Antônio Pereira e educação ambiental – a organização da produção de sabão artesanal à base de óleo de cozinha usado. Os seus objetivos são promover o desenvolvimento econômico-social das mulheres de Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto – MG, e a educação ambiental na região. Assim, por meio da organização da produção e da comercialização de sabão artesanal, que utilizará como insumo básico óleo de cozinha usado por famílias e empresas circunvizinhas, esse projeto visa à geração de renda, ao aumento da autoestima e da qualidade de vida das mulheres participantes e de suas famílias. Esse projeto concorreu ao 15º Prêmio Universidade Solidária, promovido em nível nacional pelo

Banco Santander e foi um dos oito projetos agraciados.

O artigo que se propõe a seguir tem por objetivo principal demonstrar que as atividades de extensão começam a ser valorizadas. E que um projeto de extensão bem elaborado pode ser uma metodologia de ensino-aprendizagem que supera qualquer sala de aula. Nesse sentido, tem-se por meta analisar os passos que se seguiram na elaboração do projeto Desenvolvimento socioeconômico das mulheres de Antônio Pereira e educação ambiental – a organização da produção de sabão artesanal à base de óleo de cozinha usado, dentro dos conceitos de extensão universitária, empreendedorismo social e elaboração de projetos.

Essa avaliação se justifica por ser a atividade extensionista, indissociável da pesquisa e do ensino, devendo, assim, ter seu real valor. Também, pelo projeto em si, que ao se avaliar cada etapa da sua confecção estará explorando conceitos aprendidos em sala de aula e aplicados na sua estruturação. Por fim, justifica-se que isso pode servir de exemplo a outros professores ou dirigentes de organizações sem fins lucrativos, que possam vir a ter necessidade de alguma orientação para construir seus próprios projetos.

Para o desenvolvimento desse trabalho, estrutura-se este artigo em três fases de discussão centrais, além das partes de introdução e conclusão. Inicialmente pretende-se apresentar as particularidades das atividades

extensionistas, do empreendedorismo social e a necessidade de projetos bem elaborados e, na sequência, será apresentada uma explanação sobre os componentes de um projeto e os conceitos aplicados ao desenvolvimento de projetos sociais, que darão suporte à análise do projeto sabão caseiro.

Na segunda fase, as orientações metodológicas serão explanadas. Este artigo é um estudo de caso por meio de uma avaliação descritiva, contemplando a análise de um projeto, para busca de financiamento.

Na última fase, serão avaliadas as contribuições dos promotores do prêmio, durante a visita *in locu*, para conhecer a realidade do projeto. No encerramento, serão tecidas considerações a respeito desse estudo, considerando que se analisa apenas a construção de um projeto e que ele ainda não foi executado.

REVISÃO DA LITERATURA

Conceito de projetos em extensão universitária e empreendedorismo social

A construção permanente da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, assegurada pelo artigo 207 da Constituição Brasileira, cita que a necessidade da interdisciplinaridade percebida em qualquer ação e a relevância social como foco de qualquer atividade extensionista contribuem para a

consolidação da extensão universitária no sentido de superar a sua concepção assistencialista (Oliveira, 2004).

Nesse sentido, “a Universidade e, em especial, suas pró-reitorias de extensão devem induzir programas e projetos que visem enfrentar problemas específicos produzidos pela situação de exclusão” (Nogueira, 2000). Nesse contexto, a Universidade, por agir como instrumento de transformação da realidade social, auxilia a comunidade na qual está subordinada para diminuir suas deficiências (Serrano, 2012).

Como as instituições acadêmicas, também as empresas têm demonstrado a sua responsabilidade social. Mas, Oliveira (2004, p.12), apresenta a diferença entre a responsabilidade e o empreendedorismo social:

O empreendedorismo social não é responsabilidade social empresarial, pois esta supõe um conjunto organizado e evidentemente planejado de ações internas e externas, e uma definição centrada na missão e atividade da empresa, ante as necessidades da comunidade. Não é uma profissão, pois não é legalmente constituída, não havendo formação universitária ou técnica, nem conselho regulador e código de ética profissional legalizado; não é também uma organização social que produz e gera receitas, a partir da venda de produtos e serviços, e muito menos é representado por um empresário que investe no campo

social, o que está mais próximo da responsabilidade social empresarial, ou, quando muito, da filantropia e da caridade empresariais, que já se mostraram inadequadas, não somente para os “ajudados”, mas também para os negócios e para a sociedade, pois, como enfatiza Demo (2002, p. 40), “... a solidariedade que produz e a ajuda assistencialista representam processo de imbecilização”.

Em sua análise, Oliveira (2004) mostra por que as universidades e as empresas têm que perder a sua postura assistencialista. Isso nos traz, à tona, o velho ditado: “antes ensinar a pescar do que dar os peixes”, ou seja, é hora de ensinar a lançar os anzóis.

Nesse contexto, o empreendedorismo é uma ação inovadora no campo social, onde as alternativas para a solução dos problemas iniciam-se com a observação da problemática em nível local. Algumas características fazem parte da sua essência, além de ser inovador, deve ser realizável e autossustentável, provocar impacto social por resultados avaliáveis, permitindo o envolvimento da sociedade e principalmente da população que o necessita. E ainda ser replicável em outras comunidades e até mesmo vir a se transformar em política pública (Oliveira, 2004).

A extensão universitária passa, então, a ser a relação com a comunidade e vice-versa. A fim de

sinalizar essa relação de mão dupla, projetos são elaborados para resolver problemas específicos dentro da comunidade. Nesse contexto, um projeto de extensão só é considerado como tal se houver um público alvo, uma ação específica para determinado segmento da sociedade (Serrano, 2012).

Mas o empreendedorismo social somente estará presente na extensão universitária se a sociedade se reunir e discutir seus problemas, buscando alternativas para solucioná-los em comum acordo com as pessoas que a integram. O empreendedorismo social pode ser uma ferramenta para a Universidade empregar em suas ações extensionistas e, assim, perder de vez a sua concepção assistencialista.

Todavia, toda a atividade de extensão ou de empreendedorismo social necessita de projetos bem elaborados. E projeto, segundo o Pmbok, 2012, “é um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado exclusivo”. Ele também difere do projeto de operações, considerando este como ações contínuas e repetitivas.

Para que se tenha um projeto bem elaborado, é preciso conhecer suas principais características. É conceituado como uma atividade temporária: o começo e o fim são bem definidos; necessita de planejamento para execução e controle; apresenta resultados exclusivos seja como produto ou como serviço; é desenvolvido em

etapas e continua por incremento com uma elaboração progressiva; tem recursos limitados e é realizado por pessoas.

Organização geral de um projeto

Um projeto é constituído em várias etapas. Elas estão sempre interligadas, à medida que uma fase é desenvolvida, a necessidade da outra fase é evidenciada. Vários autores apresentam as fases de um projeto, e elas dependem das exigências dos financiadores e da natureza do projeto.

Na sequência, será apresentada uma compilação das fases de um projeto adaptada de Rezende, 2012 e Prochnow & Schäffer, 2001:

Identificação

Além do título do projeto, as datas de elaboração e de previsão de início, o tempo de duração e o local onde o projeto será desenvolvido fazem parte da identificação de um projeto. Além de identificar o proponente, toda parceria que advir dele deve ser relatada.

A experiência ou a história do proponente é indicativa de êxito do projeto. Então, em projetos de caráter socioambiental, o histórico da instituição proponente é também avaliado.

Introdução

É a apresentação do projeto, caracteriza-se por mostrar a realidade que se pretende transformar ou a situação que se deseja resolver, ou seja, o problema. Sua visão geral, a localização, o

público-alvo e a justificativa em que se demonstra a importância do projeto, avaliando a situação-problema e por que ele deve ser realizado. Os resultados esperados e a metodologia a ser usada também podem ser citados.

Diagnóstico

O diagnóstico define o ponto de partida, dentro de uma situação ou problemática na qual se quer intervir. Ele descreve e analisa elementos como a situação ambiental, as atividades econômicas, o número de famílias ou pessoas que estão direta ou indiretamente associados a essa situação problemática e que poderão se beneficiar de alguma forma do projeto; as condições socioeconômicas, dentre outras.

O diagnóstico passa a ser a base para definir os objetivos, pois o cenário fica conhecido e é possível reconhecer as causas do problema, para então traçar as estratégias de atuação.

Descrição (alvo, local, participantes)

Grupo de pessoas que compartilham certas características comuns. Nesse caso, é interessante definir o grupo a se beneficiar do projeto, se serão as crianças da escola pública, ou uma associação de mulheres de um bairro. Qualquer iniciativa que venha a surgir como um projeto envolve algum tipo de receptor e, na maioria dos casos, o objetivo final do projeto é satisfazer suas necessidades. Por conseguinte, é essencial caracterizar os destinatários, pois cada iniciativa

tem um público específico. A eficácia da ação depende em grande medida do conhecimento do destinatário. Seria muito interessante se esse grupo pudesse participar da realização do projeto (Rezende, 2012).

Objetivo geral e objetivos específicos

Inicialmente é preciso construir a ideia do projeto, que sempre se dar por enumerar as situações negativas ou problemas dentro do tema que se pretende abordar nele, a fim de encontrar uma solução.

Nessa fase inicial, o diagrama de árvores é uma ferramenta que poderá auxiliar, pois permite identificar todos os meios e tarefas necessários para conduzir a um determinado objetivo. O portal do administrador, <http://www.portaladm.adm.br/fg/fg46.htm>, o define como

“uma ampla gama de caminhos e tarefas que precisam ser percorridas a fim de realizar o objetivo principal e cada sub objetivo relacionado. Pode ser usado para determinar a(s) causa(s) primária(s) de um problema ou criar um plano para resolver um problema”.

Também conhecido como árvore dos problemas e dos objetivos. O primeiro passo para realizar o diagrama da árvore é estabelecer o problema central, que constituirá o tronco da árvore, aonde se quer chegar ao executar o projeto. Esse problema deve ser pontual e ter uma menor abrangência, a fim de constituir um projeto único. As razões ou as causas que

desencadeiam o problema corresponderão às raízes da árvore e por fim, na copa, estarão situados os efeitos e as consequências derivadas do problema central. É nas raízes do problema que o projeto sempre irá agir (Dib-Ferreira, 2012).

Conhecendo as raízes do problema e construindo a sua árvore, o segundo passo é a construção da árvore dos objetivos que irão compor o projeto. Nesse passo, toda a condição negativa irá constituir uma positiva, um objetivo a ser perseguido. Então, será possível a busca de várias soluções para o projeto, a modificação de situações indesejáveis e a definição de alternativas de intervenção no problema (Dib-Ferreira, 2012).

Assim, se inicia a transformação da árvore dos problemas na árvore dos objetivos. As causas constituirão o meio para alcançar o objetivo geral. Como cada projeto tem único propósito, tem-se, então, um único objetivo. As causas comporão os objetivos específicos. Esses são operacionais e correspondem ao que se pretende pôr em prática através do projeto: definem as ações que serão executadas. E as consequências ou efeitos que o problema gera serão os fins, os resultados esperados em longo prazo (Dib-Ferreira, 2012).

Finalmente, observa-se a coerência entre os meios propostos e os fins pretendidos. Caso essa coerência inexistir, a modificação da árvore é imprescindível. Assim, causas que não são passíveis de modificações devem ser excluídas, e

o foco do projeto tem que ser mantido mesmo que seja necessário eliminar alguns objetivos para atingir toda a problemática em um só projeto (Dib-Ferreira, 2012).

Metas

São resultados parciais obtidos de forma concreta, por isso são expressas em qualidades e quantidades dos objetivos. Elas são convenientes para avaliar os avanços de um projeto. Muitas vezes são confundidas com os objetivos específicos, no entanto, um objetivo específico pode ter várias metas, portanto, quanto melhores as metas estiverem estabelecidas, os indicadores que permitirão demonstrá-las ficarão mais simples de serem definidos.

Metodologia e Atividades

Ao considerar que o ponto de partida de um projeto é o diagnóstico, a metodologia representa as estratégias utilizadas para alcançar os objetivos. A metodologia envolve a fundamentação.

Fundamentar um projeto não é o mesmo que justificar. Os fundamentos se referem ao embasamento teórico, ao aporte básico obtido a partir das revisões bibliográficas. São os estudos que dão suporte a metodologia ou a avaliação dos resultados. É também conhecida como marco teórico ou revisão da literatura.

As atividades são os esforços necessários para atingir o objetivo, e tem mais um caráter administrativo.

Para cada atividade se aplica uma metodologia.

Cronograma de Atividades

As atividades têm início, meio e fim. E, às vezes, muitas delas podem ocorrer concomitantemente ou uma depender da outra. Nesse sentido, elas precisam ser planejadas dentro de um intervalo de tempo. E a relação das atividades no tempo dá-se origem ao cronograma, que é representado por um quadro, onde se transcreve o tempo em que cada atividade será realizada.

Recursos

Os recursos podem ser definidos como as necessidades para desenvolver cada atividade que compõe o projeto. Eles são classificados em recursos humanos, materiais e financeiros.

Com relação a recursos humanos, além de coordenadores e pessoal para executar as atividades, pode também ser necessária mão de obra especializada, como professor de inglês, psicólogo, etc.

Os recursos materiais englobam a infraestrutura, local onde o projeto será executado; os materiais propriamente ditos: apostilas, impressoras, papel, etc.; o transporte ou lanche para os participantes.

E o recurso financeiro nada mais é que a soma de capital disponível para aplicar nos recursos anteriores.

Normalmente, os recursos são limitados e eles devem ser utilizados de acordo com a prioridade de cada ação no projeto e deve haver uma planilha, cronograma físico-financeiro para a liberação do

recurso para as compras de insumos ou pagamento de pessoal.

Na elaboração do projeto, deve-se fixar a porcentagem do recurso que se pode gastar com cada etapa.

Avaliação

É uma ferramenta de gestão para acompanhar e aprimorar as ações desenvolvidas. Sempre realizada em colaboração, ela vai permitir verificar a efetividade das ações. Assim, irá possibilitar a construção de novos métodos, estabelecer indicadores e expressar os resultados além de propor mudanças de rumos caso necessário e planejar o futuro do projeto. As avaliações devem ser constantes durante todo o projeto, dessa forma será possível apontar pontos positivos e negativos bem como observar se os objetivos estão sendo alcançados, assim também estará realizando um gerenciamento de riscos.

Risco, segundo Yong (2007, p. 91), “é um acontecimento incerto que, se ocorrer, pode impedir que o projeto realize as expectativas dos interessados conforme está exposto no plano de negócios, estabelecido na definição do projeto”.

Todo risco pode trazer uma consequência positiva ou não, e sempre tem uma causa. Uma vez realidade, o risco pode se tornar um problema (Yong, 2007).

Sustentabilidade

A sustentabilidade num projeto, principalmente em nível socioambiental, é vista como o futuro do projeto: sua implantação, sua continuidade e seu crescimento.

Está inserida nesse contexto a necessidade de novas parcerias, de novas fontes de recursos, incluindo os recursos financeiros e as estratégias de busca de novos parceiros. A venda de produtos que possam gerar renda e autofinanciar o projeto também proporciona a sustentabilidade.

Outra garantia da sustentabilidade é o reparar a comunidade que recebe o projeto para ser independente após a sua execução. Assim, a capacitação das pessoas da comunidade envolvidas no projeto assegura a sua continuidade.

METODOLOGIA

Delineamento da pesquisa

Neste trabalho, é apresentada uma pesquisa descritiva, considerando que problemas na confecção de projetos podem ser resolvidos, ou as práticas da extensão universitária podem ser melhoradas por meio de estudos de descrição e de análise simples e direta de um projeto.

Estudo de caso é definido como “...tipo de pesquisa no qual um caso (fenômeno ou situação) individual é estudado em profundidade para obter uma compreensão ampliada sobre outros casos (fenômenos ou situações) similares” (http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/tipos_de_pesquisa.pdf, 2013, p. 2).

O mesmo autor também classifica os estudos de caso em descritivos, interpretativos e avaliativos. No primeiro caso, apenas a descrição é apresentada para facilitar a compreensão em um estudo detalhado; nos estudos interpretativos, o foco se concentra na interpretação e classificação dos dados e a finalidade dos estudos avaliativos envolve tanto a descrição como a interpretação, mas a avaliação consiste em seu objetivo principal. Nesse contexto, a metodologia utilizada é um estudo de caso descritivo.

Sujeitos da pesquisa

Este artigo tem em seu foco principal mostrar a preparação de um bom projeto para obter um financiamento, através de um estudo de caso. Esse projeto foi um dos agraciados com o Prêmio Santander Universidade Solidária, 2012. Assim, o sujeito da pesquisa passa a ser o próprio projeto: Desenvolvimento socioeconômico das mulheres de Antônio Pereira e educação ambiental – a organização da produção de sabão artesanal à base de óleo de cozinha usado.

Universo do Estudo

O projeto foi planejado para ser executado em Antônio Pereira, distrito do município de Outro Preto – MG. Sua população local é de aproximadamente 3.500 habitantes dos quais, a grande maioria, 69,9%,

é do sexo feminino. O arraial foi fundado por volta de 1700, e as pessoas que o povoaram exploravam minas de ouro. Na segunda metade do século XIX, foi incorporado ao município de Ouro Preto, prosseguindo, ainda hoje, em sua tradicional vocação mineradora, sediando lavras de minério de ferro. Após essa segunda fase, voltou ao declínio econômico, que só foi amenizado na década de 1980, quando o distrito recebeu novas empresas de mineração que, até hoje, atuam na região explorando o minério de ferro.

Metodologia utilizada

O método utilizado para preparar o projeto foi o roteiro exigido pelo Prêmio Santander Universidade Solidária, 2012 (Prêmio Santander, 2012).

O diagnóstico foi realizado através de visita à comunidade, onde já estava sendo desenvolvido um projeto de capacitação em fabricação de sabão artesanal pela Cátedra UNESCO: água, mulheres e desenvolvimento.

A partir do roteiro fornecido, utilizando os conceitos de árvores do problema e dos objetivos, foram definidos os objetivos, tanto o geral como os específicos.

Contextuando o projeto em uma questão de equidade de gênero, ele foi realizado apenas com donas de casa interessadas na realização do projeto de produção de sabão

artesanal. O perfil das mulheres participantes do projeto foi traçado.

As etapas da confecção do projeto serão analisadas por avaliação descritiva. E, por fim, uma consideração sobre a visita dos financiadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto Desenvolvimento socioeconômico das mulheres de Antônio Pereira e educação ambiental – a organização da produção de sabão artesanal à base de óleo de cozinha usado foi desenvolvido durante as aulas do curso de especialização Empreendedorismo e inovação, no ICSA-UFOP, por Vera L.M. Guarda. Seu objetivo era usar o aprendizado da especialização para conseguir meios de organizar e inovar a Cátedra UNESCO: água, mulheres e desenvolvimento, que são vários projetos de extensão organizados em programas. E, como todo projeto de cunho socioambiental, é imprescindível a busca de recursos financeiros.

Nesse íterim, foi publicada a abertura de inscrições para o Prêmio Santander Universidade Solidária. Seu roteiro de elaboração de projetos proposto era bem objetivo. Mas quem nunca fez um projeto, provavelmente teria muita dificuldade para preenchê-lo. A partir desse marco, utilizando técnicas de elaboração de projetos, começou-se a construção dele.

A construção do diagnóstico na comunidade

A situação do distrito de Antônio Pereira já era conhecida e a prioridade de extensão da UFOP estava ciente da necessidade de uma intervenção na localidade.

Levantamentos socioeconômicos demonstram que 45,5% da população do distrito não chegaram a completar o 1º grau e que 31% dela são compostas por donas de casa. A grande maioria das mulheres de Antônio Pereira é solteira, tem filhos, concluiu apenas o ensino fundamental, não trabalha ou trabalha por conta própria e recebe até um salário mínimo. Essas mulheres sofrem com a falta de perspectivas de trabalho e obtenção de renda, o que afeta a sua condição financeira e psicológica, impondo barreiras ao aumento da qualidade de vida de suas famílias e, conseqüentemente, reforçando o ciclo-vicioso de pobreza e subdesenvolvimento, vivenciado por parte da população da região.

Observaram-se algumas iniciativas e esforços que buscam amenizar o problema acima descrito. Dentre elas, podem-se destacar as realizadas pela Associação Mãos e Flores, formada por algumas mulheres do distrito, e os editais para financiamento de programas socioeconômicos lançados por empresas mineradoras que atuam na região. A primeira busca desenvolver um trabalho de capacitação para a produção artesanal de tapeçarias e

acessórios de cama, mesa e banho. Já a segunda diz respeito a editais para o financiamento de projetos que promovam melhoria nas condições sociais, econômicas e ambientais da região. Apesar de importantes e revelarem uma disposição na busca por soluções para urgentes questões locais, tais iniciativas ainda são insuficientes à mitigação do problema de falta de oportunidade de trabalho e baixo nível de renda das mulheres do distrito de Antônio Pereira.

O diagnóstico permitiu conhecer a realidade em que o projeto iria atuar. Assim, as mulheres que são o sujeito desse projeto tiveram seu perfil retratado e tomaram conhecimento da ideia do projeto. Observa-se, aqui, a mão dupla que tanto chama atenção nos projetos de extensão universitária. Como afirma Serrano (2012), a fim de sinalizar essa relação de mão dupla, projetos são elaborados para resolver problemas específicos dentro da comunidade. O saber não vem tão somente da área acadêmica. Fazer sabão é cultural entre as mulheres do distrito de Antônio Pereira. É uma prática familiar, embora apresente algumas necessidades de estudo de formulação, para garantir a sua qualidade. Assim, o conhecimento de ambos vai se somar para chegar a um conhecimento construído em comum.

Construindo os objetivos

Diante de uma realidade tão complexa como a do Distrito de Antônio Pereira, não foi muito fácil chegar a um único problema que centralizasse toda a temática. O problema foi resolvido utilizando a metodologia da árvore dos problemas e objetivos.

A discussão da construção dos objetivos girou em torno das raízes dos problemas no distrito. Situado longe da municipalidade, explorado economicamente desde os tempos primórdios de sua história, o distrito apresenta sérios problemas socioambientais e econômicos, principalmente em que se concerne às mulheres.

A literatura revela que, quando se investe em mulheres, toda a família é beneficiada. Oliveira Neto (2008) realizou um estudo na cidade de Presidente Juscelino/MG, com mulheres que usavam ansiolíticos. Em reuniões semanais, ele fundou a associação do sabão artesanal. O resultado desse trabalho revelou que as mulheres ganharam qualidade de vida, deixando aos poucos os medicamentos.

Muitas instituições financeiras reconhecem o papel do gênero no desenvolvimento e sucesso de projetos relacionados à água e ao saneamento. O Banco Mundial, por exemplo, realizou pesquisa de suas próprias operações de extensão em água e saneamento. As experiências obtidas foram:

- Gênero é o conceito central em água e saneamento;

- A participação das mulheres melhora o desempenho dos projetos;

- Mecanismos simples e específicos devem ser criados para garantir o envolvimento das mulheres;

- Atenção à análise de gênero é integral para identificar o projeto, e coletar dados deve começar tão cedo quanto possível;

- Projetos são mais efetivos quando as preferências de homens e mulheres são atendidas;

- Indicadores relacionados ao gênero devem ser incluídos quando avaliar desempenho e impacto de projetos (Morna, 2000).

Ante o exposto, o objetivo foi definido como uma proposta para redução dos problemas causados pela falta de trabalho e baixo nível de renda das mulheres que residem em Antônio Pereira. E as causas desses problemas fundamentaram os objetivos específicos, a fim de construir uma fábrica de sabão artesanal.

Após a definição dos objetivos específicos, vislumbraram-se as seguintes metas:

- Capacitação de 25 mulheres, que será feita por cursos e acompanhamento técnico acerca do processo produtivo, da gestão financeira e operacional do negócio e das estratégias e políticas de marketing da atividade;

- Geração de renda, decorrente da venda e comercialização do sabão produzido pela fábrica artesanal;

- Valorização da autoestima das mulheres que participarão do projeto, proveniente do sentimento de utilidade que o trabalho cooperativo e a contribuição para o aumento da renda familiar propiciam nas pessoas;

- Redução do impacto ambiental provocado pelo descarte do óleo de cozinha utilizado pelas famílias e refeitórios de empresas que atuam na região, diminuindo a contaminação do solo e dos mananciais hídricos locais;

- Oportunidade de aprimoramento da competência humana, por meio de intervenções que focalizem os níveis intrapessoal, interpessoal e de equipe, visando o desenvolvimento pessoal e profissional das participantes.

Pelas metas acima descritas, espera-se que o projeto promova a organização de um arranjo produtivo que se sustente ao longo do tempo. Principalmente, por ele se basear na difusão do trabalho associativo, no lastro técnico-científico fornecido pela comunidade acadêmica, na educação socioambiental e na participação de agentes públicos, privados e comunidade, seja por apoio técnico-financeiro, seja por meio da doação do óleo de cozinha utilizado na produção.

É interessante observar que essas duas primeiras etapas são fundamentais para a elaboração de qualquer projeto. A partir do momento que se tem o diagnóstico bem definido, ele servirá de base para os objetivos. E uma vez que os

objetivos estão bem delineados, para se cumprirem as metas, as atividades vão se encaixando dentro de um cronograma que permeará o desenrolar do projeto, tanto em nível físico quanto financeiro.

Observou-se também com relação a esse projeto, que nele estavam inseridos três momentos distintos: a fabricação do sabão e a garantia da sua qualidade; a estrutura física com layout de produção e a parte administrativa, e para melhor executá-lo, ele se transformou em um programa de extensão universitária, com um componente multidisciplinar.

Para garantir a sustentabilidade do projeto, procurou-se por outra parceria que, nesse caso, foi à mineradora Vale, que já trabalha na região e também tem projetos de responsabilidade social na região. Permite-se aqui diferenciar o empreendedorismo social, proposto pelo projeto em estudo.

Nenhuma estratégia de gerenciamento de risco foi evidenciada, apenas pediu-se o comprometimento por escrito das mulheres participantes.

A visita da equipe promotora do prêmio permitiu a um melhor delineamento dos objetivos, confirmou-se o interesse das mulheres na preparação do projeto e demonstrou aos financiadores que a equipe tinha o perfil para executar o projeto.

CONCLUSÕES

Essa análise descritiva do projeto: Desenvolvimento socioeconômico das mulheres de Antônio Pereira e educação ambiental – a organização da produção de sabão artesanal à base de óleo de cozinha usado permitiu a aplicação de conceitos aprendidos nas aulas do curso de especialização.

Ela atinge seu objetivo, pois, ao analisar como o projeto foi elaborado, e as bases metodológicas que lhe dão suporte, permitirá ao leitor ter uma base para construir seu próprio projeto.

Pela análise também se verifica a importância do empreendedorismo social na extensão universitária e dessa na formação do futuro profissional.

AGRADECIMENTOS

À coordenação do curso de especialização em Empreendedorismo e Inovação. Ao Prof. Fábio Viana de Moura que gentilmente aceitou a colaborar nesse projeto. À Ângela Leão Andrade, pela colaboração na finalização do projeto; à Dilse Adriana Guimarães e Joseane Mendes Teixeira, também pela colaboração e pela companhia durante todos os dias do curso.

REFERÊNCIAS

15º Premio Santander Universidade Solidária. (2013) Disponível em <http://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/wps/universidades-03-07-2012->

v2_73785.zip/correntistas_conta_premio_s.htm

A Guide to the Project Management Body of Knowledge (PMBOK® Guide). Third Edition ed. [S.l.]: Project Management Institute. ISBN 1-930699-45-X.

DIB-FERREIRA, D.R.A. (2007) *Montagem de um projeto – Árvore de problemas / Árvore de objetivos*. <http://www.diariodoprofessor.com/wp-content/uploads/2007/11/sobre-projetoscursonea.pdf2012?> Acesso em 02 de fevereiro de 2013.

Ferramentas de gestão: Diagrama de árvores. Disponível em: <http://www.portaladm.adm.br/fg/fg46.htm>. Acesso em 05 de fevereiro de 2013.

MORNA, C.L. *Mainstreaming gender in water and sanitation literature: review for the SA Department of water and sanitation*. Johannesburg, South Africa, 2000, 35p.

NOGUEIRA, M.D.P. (org.). *Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas*. Belo Horizonte: Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas/UFMG, 2000, 193p.

OLIVEIRA NETO, J. *Gestão ambiental e gênero em Presidente Juscelino, MG*. (2008) 104f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, 2008.

OLIVEIRA, C.H. *Qual é o Papel da Extensão Universitária? Algumas Reflexões Acerca da Relação entre Universidade, Políticas Públicas e Sociedade*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004, 6p.

OLIVEIRA, E.M. *Empreendedorismo social no Brasil:*

atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. Rev. FAE, Curitiba, v.7, n.2, p.13-18, 2004.

PROCHNOW M.; SCHAFFER, W.B. *Pequeno Manual para elaboração de projetos*. Instituto Socioambiental – ISA, 2001, 16p.

REZENDE, J.B. *Anotações das aulas da disciplina de Projetos do Curso de Especialização Empreendedorismo e Inovação*. UFOP, 2012.

SERRANO, R.M.S.M. *Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire*. 15p, 2012. Disponível em:

http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Acesso em 30 de janeiro de 2013.

Tipos de Pesquisa considerando os Procedimentos Utilizados. Disponível em:

http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/tipos_de_pesquisa.pdf. Acessado em 10 de fevereiro de 2013.

YONG, T.L. *Gestão eficaz de projetos*. 3ed. São Paulo: Clio, 2007, 176p.

DA ECONOMIA SOLIDÁRIA À FORMAÇÃO CRÍTICA EM ADMINISTRAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão, Talita Almeida Fernandes,
Pâmella Thaís Magalhães Ferreira, Flávia Carolini Pereira dos Santos
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG
carola.maranhao@gmail.com

Resumo

Este trabalho reúne relatos de uma experiência pedagógica de alunos de administração da Universidade Federal do Ouro Preto, envolvendo a economia solidária, realizados em projeto de extensão em parceria com a NuCat e a Samarco Mineração. O projeto de Economia Solidária é formado por associações constituídas por mulheres de Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto – MG. Esses relatos utilizam-se da pesquisa-ação de bolsistas do projeto na coleta e interpretação de dados que conduzem a uma interpretação conjugada com a ação, culminando no desenvolvimento da consciência crítica. O objetivo deste trabalho é mostrar como a economia solidária pode se comportar como um alicerce para a Pedagogia Crítica e como ela é capaz de possibilitar que os alunos sejam senhores da sua própria formação. As conclusões desta pesquisa indicam a economia solidária como um afluente para uma formação orientada para a transformação do meio, baseada em sentimentos humanísticos, tornando a sociedade mais justa, democrática e igualitária.

Palavras-chave: economia solidária, pedagogia crítica, formação crítica em administração.

Abstract

This paper gathers reports of an educational experience lived by management students of Ouro Preto Federal University. This is an extension project that involved the Solidarity Economy and was conducted in partnership with NuCat and Samarco Mineração. The Solidarity Economy project is formed by associations of Antônio Pereira, Ouro Preto's district - MG, and is made up of women. These reports are used action research as a device for development of critical awareness. This type of research favors the proximity of the collected data and their interpretation combined with action. This paper aims reveal how the Solidarity Economy can be a foundation for critical pedagogy and how the Solidarity Economy can allow students to be masters of their own formation. The conclusions of this research indicate the Solidarity Economy as an affluent for targeted training aiming the environment transformation, based on humanistic feelings and making the society more just, democratic and equalitarian.

Keywords: social economy, critical pedagogy, critical education in business administration.

INTRODUÇÃO

Rompendo com a lógica mecanicista da escola, a perspectiva crítica em educação se baseia na relação dialética escola-sociedade. Abre-se espaço, portanto, para a resistência das pessoas à ordem dominante e à criação de uma nova sociedade por meio de mudanças nas estruturas sociais. A agenda de trabalho da perspectiva que se localiza a crítica é composta da análise do currículo oculto (Giroux, 1986), da teoria crítica de currículo (Silva, 1999), da análise crítica dos livros didáticos (Nosella, 1979, Freitag, 1993 e Faria, 1994) e a relação dialógica entre professor e aluno (Enguita, 1989).

A proposta de educação tem por objetivo exaltar o aluno como sujeito de seu aprendizado e estabelece que o ato de alfabetizar-se é eminentemente político. Denominado de “círculo da cultura”, o processo crítico de educação não aceita a ideia de que ao educador cabe o papel de “encher” as cabeças “vazias” de seus alunos. Pelo contrário, o aluno torna-se responsável por seu processo de aprendizagem na construção de “uma linguagem escrita e na leitura dessa linguagem” (Freire, 1989, p. 7).

Estudos como o de Maranhão (2012), defendem a possibilidade de afluência do pensamento crítico dos administradores, a partir da possibilidade da criação de um novo paradigma; de um novo contexto; de

uma realidade, que permita a realização de pensamento e comportamento críticos nos administradores, fazendo com que eles se “meterão no que não é da sua conta” (Maranhão, 2012), agindo sobre os significados sociais da profissão, surgindo como intelectuais.

Concomitante a isso, as organizações de economia solidária têm se tornado foco de diversas discussões no cenário acadêmico. Um dos pontos a serem discutidos no campo da Administração refere-se aos modos de organização das iniciativas de Economia Solidária. Esse modelo de economia caracteriza-se pelo fato de possuir objetivos distintos aos das organizações tradicionais e requerer outros modos de organização do trabalho (Pinheiro, 2014). Isso posto, observa-se que a Economia Solidária, se fundamentada nos princípios da pedagogia crítica de Freire (1989), pode contribuir para a formação crítica do administrador, referindo-se à capacidade e possibilidade de se formar profissionais que, orientados pelo pensamento crítico, de negação do imediato, levarão a criação de uma vida social mais justa e igualitária (Maranhão, 2012).

Economia Solidária

A partir do início de 1990, observou-se o crescimento das organizações de Economia Solidária em diferentes partes do mundo.

Essas organizações receberam também outras denominações como “atividades de Economia Social, Ecosocioeconomia, Socioeconômica Solidária e Economia do Trabalho” (Pinheiro, 2014, p. 2). Oliveira e Delgado (2011) afirmam que, independentemente da variedade de termos, essas organizações possuem natureza econômica e social e são representadas por associações, cooperativas, finanças solidárias, empresas recuperadas, entidades de apoio, clubes de troca e redes solidárias. Elas esforçam-se para constituir relações igualitárias, solidárias e democráticas, almejando além dos resultados econômicos, a melhoria de fatores políticos, sociais, culturais e formativos.

De acordo com Pochmann (2004) e Santana Junior (2007), o crescimento da Economia Solidária se deu devido à união de dois fatores. O primeiro refere-se à crise causada pela descontinuidade do processo de industrialização no início da década de 1980, causando grande regressão ocupacional e muito excedente de mão de obra. Observou-se a co ntenção do segmento organizado do t rabalho, especialmente aquele responsável pelos empregos assalariados legais e homogêneos, das empresas capitalistas. Além do desemprego formal, ocorreu o a largamento do segmento não organizado do trabalho, responsável por ocupações precárias e h eterogêneas, originário

de um setor informal. Santana Junior (2007, p. 75) esclarece:

“Logo, se o a parelho produtivo capitalista repele um número crescente de indivíduos, parte daqueles que ficam desempregados e dos jovens que não conseguem o primeiro emprego encontra possibilidades de sobrevivência em arranjos produtivos distintos da lógica capitalista. É a presença e persistência do de sempre que contribui para o desenvolvimento de novas organizações econômicas solidárias, visando à g arantia da subsistência de parcelas crescentes dos habitantes. Entretanto, há que se salientar que esta seria uma condição necessária, porém não suficiente para a conformação da economia solidária.”

O segundo fator foi a procura por novos modelos alternativos de gestão ao sistema mercantilista, sobretudo em uma conjuntura marcada pelo insucesso das propostas políticas de caráter social. Desse modo, ativistas em sua maioria antineoliberais, advindos de inúmeros movimentos sociais críticos e engajados na concepção de alternativas de organização social e laboral, encontraram, na proposição de Economia Solidária, uma forma de gerar trabalho, renda e mudança de vida para os setores excluídos da sociedade.

Segundo Santana Junior (2007), a economia solidária não teve seu início apenas diante da crise econômica e política. Para ele, trata-se de um processo histórico que

culminou novas formas de manifestação social. Em sua tese, Santana Junior (2007) afirma que existe uma proximidade com os princípios do cooperativismo do início do século XIX, inseridos Robert Owen, Saint-Simon, Louis Blanc, Fourier e Proudhon. Afirma, também, que o cooperativismo daquela época surgiu como uma resposta ao empobrecimento dos artesãos, consequência da disseminação das máquinas e da organização fabril como modelo de produção. Apesar das divergências epistemológicas entre os socialistas utópicos e libertários, os autores partilhavam de pontos em comum propondo que os trabalhadores se unissem em cooperativas e associações a fim de que rompessem com a estrutura formal assalariada, tornando-se donos dos meios de produção, com vistas à garantia de participação dos processos decisórios das organizações.

Assim, o cooperativismo do século XIX se pautou numa proposta autogestionária, em que não haveria divisões do trabalho e, conseqüentemente a separação entre o trabalho intelectual e o manual; todos seriam donos dos meios de produção, e as decisões seriam tomadas de maneira coletiva. Nesse sentido, o que se observa é que hoje essas propostas parecem que se tornaram a base da economia solidária (Pinheiro, 2013, p. 305 e 306).

Pinheiro (2013) consolida a definição de Economia Solidária traçando um paralelo entre as ideias contidas nos trabalhos de Singer (2002) e Candeias (2005); França (2004, 2008); Mance (1999) e Arroyo e Shuch (2006). O autor afirma que o ponto em comum desses trabalhos se dá na definição da economia solidária como um projeto que procura valores de solidariedade, “que se condensa no coletivo;” é estruturado em um modelo de autogestão; baseia-se na estratégia de produção com foco para as necessidades; é cabível de participação coletiva para as tomadas de decisões; além de distribuição de renda e capital equitativas (Pinheiro, 2013, p. 306).

Nesse relato de experiência pedagógica, a economia solidária será utilizada como um instrumento precursor prático de pesquisa e aprendizado capaz de desenvolver o pensamento crítico dos envolvidos e propiciar a tomada de consciência. Segundo a pedagogia crítica de Paulo Freire, exposta na próxima sessão, e os conceitos adotados a priori, a Economia Solidária pode ter a contribuição social e, ao mesmo tempo, ser vetor para o fomento do currículo crítico em administração, favorecendo a migração da semiformação da educação para a educação crítica. Isso se deve ao potencial que o currículo tem de proporcionar a vivência, a compreensão e a denúncia de formas ideológicas de vida social, abarcadas, nesse caso, na

experiência pedagógica adquirida com o projeto economia solidária. O desenvolvimento dos envolvidos é fundamentado na capacidade de tornarem-se sujeitos críticos, autônomos, emancipados e contrários à lógica capitalista de racionalidade instrumental. De acordo com Pinheiro e Paula (2014, p. 5):

“No contexto das organizações de economia solidária deve-se pensar em alcançar uma eficiência pautada por processos democráticos e tendo por critérios não apenas o retorno financeiro, mas o aumento de participação nos debates e nas decisões, com conhecimento de causa de todos os envolvidos”.

Paulo Freire e a Pedagogia Crítica

Paulo Freire é um teórico que não pode deixar de ser mencionado quando tratamos do tema da pedagogia crítica. Sua importante contribuição intelectual põe um fim na antiga discussão acerca do papel social do intelectual. Freire é considerado um dos principais teóricos de educação no mundo, havendo centros de estudo e museus dedicados à obra desse pensador. Em 1997, ele foi homenageado com um programa de rádio intitulado “Paulo Freire: o andarilho da utopia”. Esse programa, promovido pela rádio Nederland, uma rádio holandesa, em parceria com o Instituto Paulo Freire, com a CRIAR (Assessoria de Comunicação de São Paulo) e com o

apoio da Universidade de São Paulo, procurou difundir a obra de Freire para todos os estados brasileiros, principalmente para aqueles que ainda não eram alfabetizados (Biblivirt, 2007). Suas reflexões acerca da pedagogia crítica inspiram muitos dos pensadores atuais e, por esse motivo, consideramos fundamental o resgate de seus pensamentos neste projeto que se propõe à reflexão das possibilidades de formação crítica nos cursos de graduação em Administração.

A proposta de Freire para a educação tem por objetivo exaltar o aluno como sujeito de seu aprendizado e estabelece que o ato de alfabetizar-se é e minentemente político. Denominado “círculo da cultura”, o processo crítico de educação não aceita a ideia de que ao educador cabe o papel de “encher” as cabeças “vazias” de seus alunos. Pelo contrário, o aluno torna-se responsável por seu processo de aprendizagem na construção de “uma linguagem escrita e na leitura dessa linguagem” (Freire, 1989, p. 7).

A passagem abaixo ilustra a perspectiva humanista de Freire acerca da capacidade dos sujeitos de modificarem suas histórias:

“À medida que compreendo a história como possibilidade, eu reconheço:

Que a subjetividade tem que desempenhar um papel importante no processo de transformação.

Que a educação torna-se relevante à medida que esse papel da

subjetividade é compreendido como tarefa histórica e política necessária.

Que a educação perde o significado se não for compreendida – como o são todas as práticas – como estando sujeita a limitações. Se a educação pudesse fazer tudo, não haveria motivo para falar de suas limitações. Se a educação não pudesse fazer coisa alguma, ainda não haveria motivo para conversar sobre suas limitações” (Freire, 1997, p. x).

A estreita vinculação teórica entre o pensamento de Freire e os teóricos de primeira geração da Escola de Frankfurt fica clara em sua preocupação sobre o crescimento exacerbado da racionalidade instrumental, que suprime a substantiva, relegando-a para o plano da subjetividade e da utopia (entendida como fantasia).

Freire denuncia a visão de mundo tecnicista, economicista e mecanicista que está presente nas reformas sociais e educacionais. Critica o falso dilema entre humanismo e técnica: “uma educação que se oponha à capacitação técnica dos indivíduos é tão ineficiente como a que se reduz à competência técnica sem uma formação geral humanista” (Gadotti, 1987, p. 33).

Paulo Freire sempre desenvolveu sua teoria pedagógica com vistas à mudança social. Para ele, a consciência sem ação não era consciência crítica, era verbalismo, ato autoritário de doação da palavra culta do dominado para o dominante.

Essa prática guarda, na opinião do pensador, uma herança autoritária, em que aquele que sabe (aquele que detém o capital cultural) impõe ao que não sabe (os que nunca irão possuí-lo) alguma fatia de seu conhecimento. Para Freire, consciência é teoria na prática, é um “que fazer” político, que não reduz o ser humano “ao seu devido lugar”. Ao contrário, cria bases para que cada pessoa resgate o significado de sua condição social e econômica e se transforme com vistas a uma ação coletiva de transformação social.

A citação abaixo ilustra claramente a perspectiva de Freire sobre o que é conscientização, conforme relato de Gadotti:

“A análise ideológica da educação dominante, denunciando sua pseudocentralidade e astúcia (...) contrapõe a teoria ao verbalismo e à ação ao ativismo. (...) procura desmistificar o conceito de ‘conscientização’ no sentido empregado pela ideologia dominante. Conscientização é entendida como consciência de e ação sobre a realidade e não como tomada de consciência. A conscientização realiza-se na práxis e não na teoria” (Gadotti, 1987, p. 33).

Além do significado de consciência crítica, é fundamental conhecer os conceitos de consciências “ingênuas” e “astutas” criados por Freire (1989), a fim de compreender sua proposta para uma educação crítica.

“Quem apenas fala e j amais ouve; quem ‘imobiliza’ o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias; quem ouve o eco apenas de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral, quem considera petulância de a classe trabalhadora reivindicar seus direitos, quem pensa, por outro lado, que a classe trabalhadora é demasiado inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada a ver com libertação ou democracia. Pelo contrário, quem assim pensa consciente (consciência astuta) ou inconscientemente (consciência ingênua), ajuda a preservar as estruturas autoritárias” (Freire, 1989, p. 15).

As consciências ingênua e astuta têm o mesmo objetivo: ambas obstaculizam “a emancipação das classes e grupos sociais dos oprimidos” (Freire, 1989, p. 17), através da difusão massiva da ideologia dominante. Porém, somente a postura “astuta”, contudo, assume conscientemente esta ideologia como própria, posicionando-se objetivamente como reacionária. Nesta, portanto, a “ingenuidade” é pura tática. A única diferença entre a postura crítica e a astuta, acerca da neutralidade da educação, é que a primeira afirma conscientemente sua ideologia e a segunda esconde-se atrás da neutralidade para poder manipular o processo educativo.

A postura ingênua consiste na crença da “neutralidade da educação, de que resulta ser ela entendida como um que fazer puro, a serviço da formação de um tipo ideal de ser humano, desencarnado do real, virtuoso e bom” (Freire, 1989, p. 16). Segundo Jorge (1979, p. 36), importante estudioso da obra de Paulo Freire, consciência ingênua é:

“A consciência humana no grau mais elementar de seu desenvolvimento quando está ainda ‘imersa na natureza’ e percebe os fenômenos, mas não sabe colocar-se à distância para julgá-los. É a consciência no estado natural. É uma ‘consciência natural’ na medida em que a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica se dá por um processo de ‘humanização’”.

As características dessa postura são: acreditar que, na intimidade das consciências, os homens são bons e buscam construir uma sociedade justa; a educação é capaz de criar uma sociedade justa e bela; a educação dá carne e es pírito ao modelo de homem virtuoso. Enquanto essa sociedade não surge, são necessárias ações assistencialistas e humanitárias com vistas ao projeto maior. Todas essas características se baseiam no caráter mágico e de salvadora dos homens atribuído à palavra escrita. Dessa forma, o alfabeto, que não foi agraciado pelo poder da palavra, precisa ser “tocado” pelos letrados para se salvar da escuridão. Nas palavras de Freire (1989, p. 20), “sua

salvação está em receber passivamente a palavra – uma espécie de amuleto – que a ‘ parte melhor’ do mundo lhe oferece benevolmente”. Essa concepção reforça a ideia da passividade do aluno no processo de aprendizagem, sob o qual passa a não ter nenhuma ingerência.

Como podemos perceber, os conceitos principais do pensamento de Freire continuam atuais, mas precisam ser compreendidos dentro de uma nova lógica social. A transposição de campo teórico, da educação para a Administração, é outra tarefa que deve ser feita com cuidado, para que não haja a retificação de conceitos, que são valiosos para a recuperação da aptidão à experiência.

METODOLOGIA

A metodologia de um trabalho científico pode ser definida como o caminho percorrido pelo pensamento, composto por processos e métodos aplicados para alcançar o entendimento do fenômeno investigado (Demo, 1994; Minayo, 2007). Esta pesquisa, de cunho qualitativo, é do tipo descritiva e participativa, que visa estabelecer um processo simultâneo de investigação e ação. Foi utilizado o modelo de pesquisa-ação de Thiollent (1985) para a condução da pesquisa. Segundo ele:

“A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com

uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo” (Thiollent, 1985, p.14).

Como método, a pesquisa-ação integra diversas técnicas de pesquisa social, como “técnicas de coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações”, além de “técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva” (Baldissera, 2001, p.7).

De acordo com Thiollent (1985), para a condução de pesquisa-ação são previstas 12 etapas: 1) A fase exploratória; 2) O tema da pesquisa; 3) A colocação dos problemas; 4) O lugar da teoria; 5) Hipóteses; 6) Seminário; 7) Campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa; 8) Coleta de dados; 9) Aprendizagem; 10) Saber formal/saber informal; 11) Plano de ação e 12) Divulgação externa.

A fase exploratória foi realizada em Antônio Pereira, distrito da cidade de Ouro Preto/MG. O tema da pesquisa foi desenvolvimento técnico-gerencial de apoio às associações de Antônio Pereira. O problema colocado é que as associações, em seus estágios diferentes de organização, precisavam de acompanhamento

administrativo para sua estruturação adequada e l ongeva. A teoria utilizada foi a d e gestão, com base na economia solidária. A hipótese era de que um acompanhamento de gestão, com base na economia solidária seria capaz de fomentar as associações existentes e e mpoderar as mulheres do di strito de Antônio Pereira.

Durante a p esquisa, foram realizados cursos de capacitação quinzenais nas áreas de *marketing*, finanças, sociativismo e qualidade. Os cursos eram ministrados por professores das áreas supracitadas e, durante a semana, os alunos acompanhavam as associadas para a realização dos deveres de casa. O primeiro conjunto amostral era composto por cinco associações. Contudo, apenas as integrantes de três associações participaram efetivamente das reuniões, dos cursos ministrados pelos professores e realizaram os deveres de casa assistidos pelos bolsistas.

A Economia Solidária e a Formação Crítica em Administração: um relato de experiência

Para critérios de esclarecimento, utilizou-se, neste artigo, o plano de trabalho realizado entre o projeto de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o N úcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão da Cátedra UNESCO: Água, mulheres e desenvolvimento (NuCat) e também a empresa Samarco Mineração. Este

projeto envolve iniciativas empreendedoras na comunidade de Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto – MG.

A atenção que o distrito recebeu pelos responsáveis pela elaboração do projeto foi graças aos dados estatísticos, que demonstraram que 69,9% da população são compostas por mulheres que, em grande parte, são solteiras, com baixos níveis de escolaridade, têm filhos e apresentam renda em torno de um salário mínimo. Sabendo dessa realidade, procurou-se fomentar as organizações econômicas associativas já existentes e at é mesmo em fase de planejamento compostas por essas mulheres, como forma de melhorar suas condições financeiras, sociais e p sicológicas que implicam diretamente a qualidade de vida, a falta de oportunidade e o subdesenvolvimento da região.

Das associações que receberam atenção na fase inicial, somente três delas operam ativamente e participaram de todas as ações de suporte. São elas: Associação Arte, Mãos e F lores, que realizam a produção artesanal de tapeçarias e acessórios de cama, mesa e banho; a Associação Vale da Bênção, composta por costureiras que realizam serviços de façção de uniformes, sacolas, camisas, dentre outros trabalhos; por fim, a Associação Mãos que Brilham que se destina a produção de saneantes, como: amaciante, detergente,

multiúso, desinfetante e até mesmo shampoo para lavagem de carros.

Diante disso, professores da Universidade Federal de Ouro Preto que compunham a equipe do projeto de extensão, com o apoio da NuCat e Samarco, procuraram realizar um ciclo de capacitações a serem oferecidas com base num diagnóstico feito previamente nas associações, sendo que as capacitações abordariam os temas em que as referidas iniciativas eram mais carentes. O objetivo dessas capacitações foi fazer das ações associativas algo sustentável economicamente, com chances de sobrevivência ao longo do tempo, disseminando o empoderamento e garantindo um suporte para que futuramente elas conseguissem conduzir o negócio e tomar decisões com maior segurança e conhecimento. Com início em agosto de 2014, vislumbrando a duração de um ano, foram realizadas capacitações na área de *marketing*, finanças, produção e gestão de pessoas. As capacitações aconteciam na comunidade de Antônio Pereira, reuniam associadas de todas as iniciativas e eram realizadas pelos professores da UFOP aos sábados, em intervalos quinzenais. Os bolsistas, estudantes de administração, auxiliavam os seus professores e coordenadores na coleta de dados formais e informais em campo, nas capacitações, prestavam assistência às associadas nas atividades desenvolvidas e, posteriormente, em cada associação,

de acordo com cada realidade, conduziam a execução do “Dever de Casa” – tarefa proveniente do conhecimento disseminado em cada capacitação, elaborada pelo professor responsável e empreendida separadamente nas associações de acordo com cada realidade. Além disso, como meio catalisador de comunicação e disseminação de conteúdos inerentes ao aprendizado, inicialmente eram realizadas reuniões semanais entre os bolsistas e professores/coordenadores do projeto, para que o produto de cada capacitação fosse mais bem aproveitado pelas associadas e, ao mesmo tempo, para que houvesse o repasse de informações de campo, bem como as necessidades das associações, para que os coordenadores e professores pudessem conduzir, com melhor direcionamento, as suas capacitações. Podemos ressaltar, também, que, durante o projeto, a equipe como um todo trabalhou na confecção e no auxílio em feiras, simpósios e exposições. Houve maior preocupação em levar o trabalho que por elas eram desempenhados e até mesmo parte da cultura de Antônio Pereira para regiões mais próximas.

Os relatos dos bolsistas do curso de Administração envolvidos no projeto, no que se refere ao contato com uma experiência de economia solidária, revelaram a possibilidade de uma formação crítica. Os bolsistas relataram que, por meio do projeto de economia solidária, o

contato com a realidade concreta das associações foi possibilitado. Esse contato se deu da capacidade de “ler” o ambiente organizacional com certo distanciamento do fenômeno imediato para, posteriormente, desenvolverem-se análises sobre as formas de gestão empreendidas pelas mulheres das associações em questão. Esse exercício de reflexão e análise foi fundamental para inserir os discentes no primeiro estágio do pensamento crítico, qual seja, a capacidade de pensar dialeticamente.

Outra trilha para a pedagogia crítica advinda da experiência da economia solidária foi à conscientização (Freire, 1989). Esta significa a capacidade de os sujeitos compreenderem racionalmente as mediações presentes das relações associadas-comunidade Antônio Pereira e as sociadas-iniciativa privada patrocinadora do projeto em questão. A atuação de bolsistas com a tomada de consciência, norteada para a ação na realidade, possibilitou ao aluno a apropriação de seu próprio processo de aprendizagem, amalgamando sua subjetividade e criando meios de afluência da racionalidade substantiva.

Outro fator da pedagogia crítica que pôde ser desenvolvido no projeto de economia solidária foi a autonomia. Tratados como sujeitos no sentido lato do termo, eles tinham espaço para criação e estruturação de estratégias de trabalho em campo com as associadas e com os docentes-coordenadores. A voz de todos os bolsistas era ativa: as

sugestões dadas por eles eram efetivamente consideradas no processo de execução das tarefas, bem como a redefinição do plano de trabalho, com base nas vivências em campo trazidas por eles. Tratados como construtores do projeto para o qual foram selecionados, os bolsistas também foram empoderados em sua reafirmação como sujeitos esclarecidos. A ação deles em campo era consciente (Freire, 1989), compreendida na execução das tarefas e no auxílio às associações, permitindo-os o cunho transformador do meio, possibilitado pelo uso da racionalidade substantiva.

Os bolsistas relataram também que a ação da economia solidária possibilitou a eles a fuga de uma formação orientada para a contribuição com o mercado capitalista, voltado para a produção em massa, inclusive do conhecimento, retificando-os. Na educação opressora (Freire, 1989), os alunos são transformados em um produto em uma linha de montagem, em que se é despejado sobre eles o “conhecimento”, até que se tenham preenchido suas cabeças “vazias”. A economia solidária permitiu-os a vivência orgânica do conhecimento, transformando-os em donos deles próprios e libertando-os da subsunção à racionalidade instrumental.

O projeto de economia solidária possibilitou aos bolsistas o conhecimento holístico, baseado em condições reais e não fragmentado

com decisões programadas, mecanizadas e didáticas, como são disseminadas no modelo de ensino vigente. Ademais, a percepção de que as ferramentas de gestão não são fórmulas mágicas para o sucesso e que o administrador não é o detentor do “toque de Midas” também foram consideradas em seus relatos.

A perda da imagem cândida que se tinha das empresas privadas, que fomentam iniciativas de responsabilidade social, foi reelaborada. Abandonou-se o pensamento de que elas eram tocadas por seus valores, responsabilidade social e sentimentos humanísticos, dando lugar a sua natureza astuta e utilitarista que procuram promover-se e fazer da necessidade alheia, o seu *marketing*. O investimento privado no social foi dialeticamente analisado como fenômeno para a concretização do processo de manipulação simbólica e imputação ideológica, velando a realidade com um véu. Esta tem somente sua face harmoniosa apresentada à sociedade. O projeto de economia solidária permitiu aos discentes a recuperação do tônus contraditório presente na realidade, permitindo-os melhores meios para compreensão das condições concretas de realização do capitalismo na esfera cultural.

Além disso, os bolsistas administradores se conscientizaram de que a sua profissão pode ir além da função tecnicista de cuidador e fazedor de capital das organizações privadas e passaram a perceber que

podem ser os agentes de transformação em um meio mais justo e igualitário para todos.

Por fim, para os bolsistas, o projeto Economia Solidária proporcionou questionamentos sobre as humanidades – tema excluído do currículo de seus cursos. Esses os levaram ao comportamento crítico, refletindo sobre os antagonismos da realidade da Administração como esfera eminente da racionalidade instrumental, repressiva e autoritária.

CONCLUSÕES

Analisando os conceitos e desdobramentos da pedagogia crítica, da economia solidária e os relatos de experiência dos bolsistas envolvidos no projeto, podemos concluir que a economia solidária é uma prática pedagógica capaz de catalisar a influência crítica dos alunos de Administração, pois, a economia solidária fortalece o caráter solidário, igualitário e democrático nas relações sociais, e são esses os fatores almejados pela formação crítica: transformação social, em um meio mais justo e igualitário para todos.

Ao examinarmos os relatos dos bolsistas, alunos de Administração envolvidos nessa prática, podemos observar que o contato com o campo de atuação que a economia solidária envolve, permitiu o seu distanciamento para com o fenômeno e, posteriormente, o seu julgamento sobre essa realidade. O aluno aprendeu a questionar, a ter

um comportamento dialético, a desnaturalizar o que era apresentado a ele como verdade, e aquela consciência infantilizada e ingênua desapareceu, dando lugar a uma consciência crítica. Os alunos puderam agir em sua formação técnica de forma mais humanista.

A ação social de transformar a realidade daquelas mulheres é oposta à racionalidade instrumental e conformista com uma razão subjetiva. A partir do momento que os discentes tomam consciência da mudança que eles podem inserir e colocar em prática, eles se tornam sujeitos mais esclarecidos, agentes da própria história, tornando-se responsáveis pelo próprio processo de aprendizado e, conseqüentemente, levando a consolidação de uma pedagogia crítica para também uma formação crítica.

Concluimos, portanto, que os projetos de extensão universitária, no âmbito da economia solidária são ferramentas para o desenvolvimento da formação crítica dos discentes, além de seus benefícios estruturais para a comunidade assistida. O empoderamento não foi só das mulheres de Antônio Pereira, como se previa no projeto, foi também dos discentes.

Fica, para a comunidade acadêmica, a reflexão de se estruturar os projetos de extensão, em especial, os de economia solidária como projetos pedagógicos, transformadores da realidade e capazes de transformarem as consciências ingênuas em críticas.

Essa certamente é a grande contribuição deste artigo, já que não há na literatura acadêmica a associação entre os projetos de economia solidária e a pedagogia crítica. Apresentamos um relato de experiência que nos revela a intimidade entre esses fenômenos, ampliando o escopo de ambos.

REFERÊNCIAS

BALDISSERA, A. *Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo*. Sociedade em Debate, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001.

DEMO, P. *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FREIRE, P. Apresentação. In: GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

GADOTTI, M. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez : Instituto Paulo Freire, 1997.

MARANHÃO, C.S.A.M. *Imagens Dialéticas da Formação do Administrador*. In: Encontro nacional dos cursos de graduação em administração, 23. Bento Gonçalves, 2012. Disponível em:

<http://xxiiienangrad.enangrad.org.br/anaisnangrad/_resources/media/artigos/epd/coordenador_epd1.pdf> Acesso em: 11Set. 2015.

MINAYO, M.C.O. *Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2007.

OLIVEIRA, B.A.; DELGADO, N. A *economia solidária: Variantes e alguns*

suportes constitutivos. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v.4, n.2, p.173-185, 2011.

PINHEIRO, D.C. *A educação na economia solidária: possibilidades para um novo paradigma social*. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 9, p. 301-324, 2013.

PINHEIRO, D.C.; PAULA, A.P. *Para uma discussão da eficiência na Economia Solidária: Algumas implicações teóricas e empíricas*. In: XXXVIII Encontro da Anpad, Rio de Janeiro. XXXVIII ENANPAD, 2014.

POCHMANN, M. *Economia solidária no Brasil: possibilidades e limites*. Mercado de trabalho. IPEA. 24 ago, p.23-34, 2004.

SANTANA JUNIOR, G.A. *Economia solidária em face da dinâmica da acumulação capitalista: da subordinação a um novo modelo de regulação social?* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração da UFBA, 2007.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.